

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
CURSO DE MESTRADO



Boletim Renner: Um periódico das indústrias Renner, Porto Alegre - RS
(1949-1958).

Jéssica Bitencourt Lopes

PELOTAS
2021

JÉSSICA BITENCOURT LOPES

Boletim Renner: Um periódico das indústrias Renner, Porto Alegre- RS, 1949-1958.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em História.

Orientador: Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

PELOTAS
2021

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

L864b Lopes, Jéssica Bitencourt

Boletim Renner: um periódico das indústrias Renner, Porto Alegre - RS, 1949 - 1958. / Jéssica Bitencourt Lopes ; Aristeu Elisandro Machado Lopes, orientador. — Pelotas, 2021.

178 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

1. Indústrias Renner. 2. Boletim Renner. 3. Comunicação institucional. I. Lopes, Aristeu Elisandro Machado, orient. II. Título.

CDD : 338.09

JÉSSICA BITENCOURT LOPES

Boletim Renner: Um periódico das indústrias Renner, Porto Alegre- RS, 1949-1958.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestra em História.

Data de defesa: 22 de abril de 2021.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes (Orientador) – UFPEL

Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof^a. Dr^a. Cláudia Musa Fay – PUC-RS

Doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Luiz Alberto Grijó – UFRGS

Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Jonas Moreira Vargas – UFPEL

Doutor em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

AGRADECIMENTOS

No dia 28 de fevereiro de 2019 recebi a aprovação que aguardava desde os primeiros semestres da graduação, a aprovação no Mestrado em História, em primeiro lugar ainda por cima, o que garantia a bolsa que eu tanto desejava que me proporcionaria o privilégio de me dedicar exclusivamente ao meu trabalho acadêmico. Naquele momento eu não podia imaginar que uma pandemia mundial que só no Brasil já soma, nesse momento, mais de 270 mil vítimas fatais, modificaria nossas vidas em todos seus setores. Foi nesse contexto de extremas transformações na sociedade e da calamidade política que assola nosso país, que essa dissertação foi redigida.

Nessa conjuntura, agradeço inicialmente a instituição que me formou, a Universidade Federal de Pelotas (UFPel), da qual me orgulho pelo exemplo que tem sido no combate a COVID-19, investindo em diferentes pesquisas das mais diversas áreas dos conhecimentos, que buscam compreender principalmente, as características do vírus e os impactos da pandemia nas diferentes esferas.

Ainda pela minha formação, agradeço o corpo docente e os técnicos administrativos do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da UFPel, pelos conhecimentos trocados, pela atenção empreendida, pela dedicação e esforço diário para a permanência e desenvolvimento do ensino superior público, gratuito e de qualidade. Aqui agradeço também, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por ter me proporcionado diferentes experiências como bolsista na graduação e que nesses últimos 2 anos financiou minha pesquisa de mestrado, tornando esse processo um pouco mais confortável.

Ao meu orientador Prof. Dr. Aristeu Lopes que, em 2017, oportunizou meu trabalho no Núcleo de Documentação Histórica - Prof^a. Beatriz Loner (NDH-UFPel), espaço que me formou e, ainda me forma, como pesquisadora. Agradeço ao Aristeu por toda correção minuciosa, pela confiança, paciência, pelas trocas e incentivo na minha caminhada de pesquisa com a Renner.

À banca de qualificação formada pelo Prof. Dr. Jonas Vargas e Prof. Dr. Luíz Alberto Grijó, pelos apontamentos realizados que me deram um melhor direcionamento da pesquisa. À Prof^a. Dr^a. Cláudia Fay que, junto a esses,

compôs a banca de defesa. Agradeço a todos por aceitarem dedicar seu tempo para a avaliação deste trabalho.

Às instituições que atenderam e apoiaram esse estudo, em especial a Marisângela Martins e ao Francisco Machado Junior do Núcleo de Pesquisas em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NPH-UFRGS), que salvaguarda a coleção do *Boletim Renner* que utilizamos nesta pesquisa. Também a Carla Segatto e Nathalia Schelini da Divisão de Acervo Documental e Cadastro da Junta Comercial, Industrial e Serviços do Rio Grande do Sul (JUCIS-RS) que possui um arquivo riquíssimo sobre as organizações empresariais gaúchas.

Neste espaço de agradecimentos, onde podemos nos afastar um pouco da seriedade e cientificidade da pesquisa acadêmica, digo que a pós-graduação não é uma conquista apenas minha, mas também de minha mãe, Cristiane Bitencourt, mulher que diferente de mim não teve oportunidade de completar seus estudos na juventude e que me criou sozinha com todo o esforço e abdicção que o trabalho doméstico exige, me proporcionando todo o possível para que eu pudesse completar minha formação e escolher meus caminhos profissionais. Sem todos seus esforços eu jamais chegaria aqui, logo, ninguém é mais importante do que ela na conclusão desse processo!

O contexto pandêmico de 2020 me fez refletir sobre minha trajetória e raízes de uma forma muito particular. Minha família é formada por mulheres. O título e espaço que alcanço com essa defesa jamais foi cogitado por elas, por isso agradeço e dedico essa formação às mulheres, que com suas diferentes trajetórias, me trouxeram até aqui. Às minhas bisavós Brandina (*in memoriam*) e Marfisa, as minhas avós Zilca, Gilda e Zila, a minha mãe, as minhas tias e as minhas priminhas Lívia e Rafaela, que estão dando os primeiros passos nas suas trajetórias escolares e para as quais espero ser um exemplo na busca pelo conhecimento.

Jamais imaginaria que o mestrado pudesse me trazer amigos tão especiais, dessa forma, não poderia deixar de agradecer à turma de 2019, que com toda certeza, foi uma turma especial. À Jéssica, Mari, Francisca, Carol, Léo, Nai, João e Amilcar, pelo companheirismo e pelas discussões travadas nas mesas do Mercado Público de Pelotas e também virtualmente.

Além de todas mudanças que 2020 nos trouxe, foi nesse ano que sai do conforto da minha cidade natal, Pelotas, para a ainda então desconhecida por mim, São Leopoldo. Vivi momentos de euforia e de muitas angústias, mas sempre tive do meu lado o Charles Kurz, meu colega de profissão que tanto tem me ensinado sobre docência e meu companheiro de vida, com quem tenho compartilhado minha história há 5 anos. Agradeço por estarmos compartilhando esse momento de mudanças juntos, obrigado pela paciência com minhas inseguranças, pelo carinho que renovou minhas energias e por essa família cheia de cachorros e gatos que construímos. Amo vocês, amo a gente!

Por fim, sendo impossível nomear, agradeço a todos aqueles que tornaram meus dias melhores e influíram direta ou indiretamente no processo de realização e conclusão desta pesquisa!

RESUMO

A presente dissertação teve como fonte e objeto de pesquisa uma coleção do periódico *Boletim Renner* que era produto da comunicação institucional das indústrias Renner de Porto Alegre. A Renner foi uma importante organização empresarial gaúcha do século XX, que iniciou com uma fábrica têxtil na cidade de São Sebastião do Caí em 1911 e estendeu seus setores de atuação quando transferiu-se para a capital do estado, Porto Alegre, tornando-se um dos maiores e mais influentes conglomerados industriais do Brasil naquele século. Tendo isso em vista, a pesquisa em questão, buscou compreender o que era o *Boletim Renner* e quais os interesses que o cercavam, partindo da hipótese de que ele servia como ferramenta de um grupo de empresários para assegurar seu poder na hierarquia social, consolidar seus ideais e fortalecer uma identidade empresarial. Utilizando-se de referências de diferentes áreas como a comunicação e campos historiográficos como a História do Trabalho, História das Elites e História da Imprensa. Essa pesquisa procurou contribuir especialmente no desenvolvimento da História das Empresas, investigando as potencialidades dos usos de periódicos institucionais para o entendimento das histórias das organizações em meio a estrutura social em que estavam inseridas.

Palavras-chave: Indústrias Renner. *Boletim Renner*. Comunicação Institucional.

ABSTRACT

The following dissertation had as source and research object a collection of the journal *Boletim Renner*, which was a product of the institutional communication of Renner Industries from Porto Alegre. Renner was an important business organization from Rio Grande do Sul in the 20th Century that opened a textile factory in the city of São Sebastião do Caí in 1911 and extended their operating sectors when transferred to the state capital, Porto Alegre, becoming one of the biggest, most influential Brazilian industrial conglomerates in that century. With that in mind, the research in question intended to comprehend what was *Boletim Renner* and what were the interests surrounding it, based on the hypothesis that it served as a tool for a group of businessmen to secure their social hierarchy power, consolidate their ideals and strengthen the corporate identity. Utilizing references from different areas such as communication and historiographic fields like History of Work, History of the Elites and History of the Press. This study aimed to contribute especially in the development of History of Businesses, investigating the potentialities of the use of institutional periodicals for the understanding of the organizations' histories among the social structures they were inserted in.

Key-words: Renner Industries. *Boletim Renner*. Institutional Communication.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO I: Um periódico, um grupo industrial	32
1.1. Comunicação institucional: O caso do <i>Boletim Renner</i>	32
1.2. Uma sociedade formada por Trein, Mentz e Renner	46
CAPÍTULO II: O editorial do <i>Boletim Renner</i>	66
2.1 O capitalismo social	72
2.2 Representação classista, o trabalhador e o trabalho	89
CAPÍTULO III: A Renner no <i>Boletim Renner</i>	104
3.1 A Renner para além do trabalho	109
3.2 O processo produtivo	125
CONCLUSÃO	151
FONTES	156
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	157
ANEXOS	170

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Relação de sócios com seus investimentos na A.J. Renner & Cia, 06 de fevereiro de 1911.	48
Tabela 2: Relações de sócios com seus investimentos na <i>A.J. Renner & Cia</i> , 02 de janeiro de 1912.....	52
Tabela 3: Relação de sócios com seus investimentos na <i>A.J. Renner & Cia</i> , dia 30 de dezembro de 1916.	57
Tabela 4: Relação dos sócios com seus investimentos na <i>A.J. Renner & Cia</i> , dia 6 de novembro de 1919.....	59
Tabela 5: Aumento de capital da indústria <i>A.J. Renner & Cia</i> entre 1911-1940.	60

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: As Capas Renner na Revolução de 1923.	57
Figura 2: As Capas Renner na Revolução Constitucionalista em 1932.	58
Figura 3: Militar do exército gaúcho em 1950 usando uma Capa Renner.	58
Figura 4: Retrato do diretor A.J. Renner.	67
Figura 5: A.J. Renner e Getúlio Vargas.....	85
Figura 6: Cabeçalho Boletim Renner 1949.	107
Figura 7: Cabeçalho do <i>Boletim Renner</i> a partir de 1950.	108
Figura 8: Capa de outubro de 1950.....	110
Figura 9: Capa de janeiro de 1952.	111
Figura 10: Capa de dezembro de 1954.....	112
Figura 11: Capa de janeiro de 1951.	114
Figura 12: Capa de julho de 1954.	115
Figura 13: Capa de maio de 1955.....	117
Figura 14: Capa maio/junho de 1958.	118
Figura 15: Capa de novembro de 1950.....	120
Figura 16: Capa de abril de 1953.	121
Figura 17: Capa de janeiro de 1954.....	122
Figura 18: Capa dezembro de 1950.....	124
Figura 19: Capa de maio de 1950.	126
Figura 20: Capa de maio de 1951.	127
Figura 21: Capa de fevereiro/março de 1951.....	128
Figura 22: Capa de junho de 1950.	129
Figura 23: Capa de julho de 1952.	130
Figura 24: Capa de agosto de 1953.	131
Figura 25: Capa de outubro/ novembro de 1953.....	132
Figura 26: Capa de outubro de 1955.....	132
Figura 27: Capa de abril de 1950.	137
Figura 28: Capa de setembro de 1950.	138
Figura 29: Capa de janeiro/fevereiro de 1956.	140
Figura 30: Capa de outubro de 1952.....	141
Figura 31: Capa de agosto 1950.	142
Figura 32: Organograma Grupo Renner 1952.....	145

Figura 33: Capa de novembro de 1952.....	146
Figura 34: Capa de maio de 1953.....	147
Figura 35: Capa de dezembro de 1955.....	148

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Número de edições por ano. 36

Gráfico 2: Média de tiragem por ano. 37

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1: Publicações recebidas	170
Anexo 2: Textos de editorial	172
Anexo 3: Material publicitário da Renner veiculado na revista <i>O Cruzeiro</i> nas décadas de 1950 e 1960	177

INTRODUÇÃO

As *Lojas Renner S. A*, que surgiu como subsidiária da indústria *A.J. Renner & Cia* é hoje o maior estabelecimento varejista de moda do Brasil, faturando em 2018 o valor de R\$ 9,7 bilhões de reais.¹ Seguidamente descrita como “a empresa sem dono”, as Lojas Renner separam-se burocraticamente da *A.J. Renner S.A* em 1965, entretanto, permaneceu sob controle familiar até 1998, quando foi vendida para uma empresa americana. A partir disso, o empresário José Galló² assumiu a presidência do empreendimento durante os próximos 27 anos, transferindo esse cargo em abril de 2019.

Pela primeira vez, uma empresa do país pulverizou 100% de seu capital no mercado, eliminando a tradicional figura do acionista controlador que dá as cartas no negócio. “É a democratização do capital”, afirma Nelson Spinelli, vice-presidente do Conselho de Administração da Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa). [...] Os papéis foram vendidos pelo preço mínimo estimado (37 reais por ação), totalizando uma captação de 775 milhões de reais. A operação atraiu mais de 80 investidores institucionais, como fundos de previdência privada, sendo cerca de 30 brasileiros e o restante estrangeiro. Em termos geográficos, os fundos americanos compraram 43% da empresa, os europeus, 35%, e os brasileiros, 21%.³

O sucesso das *Lojas Renner S.A* faz com que esse seja um nome conhecido e respeitado no país e no exterior. A família Renner, mesmo não estando mais sobre o controle desse negócio, possui membros atuando no meio empresarial, fazendo dos Renner um nome prestigiado no mundo dos negócios.⁴ Conforme o último documento que encontramos relativo à indústria têxtil da Renner, na Junta Comercial, Industrial e Serviços do Rio Grande do Sul (JUCIS-RS), em 1998 a então Sociedade Anônima foi extinta por incorporação a firma *ASTRA- Cia de Administração e Comércio*, pois já não havia negociação de suas ações desde 1967.⁵

¹ Conheça as maiores redes de varejo do país e quanto elas faturam. **Época Negócios**. 19 de agosto de 2019.

² A família Galló é conhecida em Caxias do Sul- RS por conta do empreendimento têxtil do italiano Hércules Galló, avô de José Galló, na região de Galópolis no início do século XX. Para mais informações ver: Instituto Hércules Galló <<http://www.herculesgallo.com.br/>>.

³ Venda de ações da Lojas Renner totaliza R\$ 775 milhões. **Exame**. 10 de outubro de 2010.

⁴Para visualizar um pouco da atuação da família Renner e Mentz na atualidade, ver: Frederico Renner Mentz: o novo mindset gaúcho. **GaúchaZH**. 04 de julho de 2019.

⁵Ata de reunião do conselho de administração. A.J. RENNER S/A. 10 de fevereiro de 1998. **Junta Comercial, Industrial e Serviços do Rio Grande do Sul**. Registro: 98/019383-4.

O lugar de distinção alcançado atualmente pelos negócios que levam o nome Renner, sendo que além das *Lojas Renner*, há pelo menos mais dois empreendimentos de destaque, a *Tintas Renner* e o *Banco Renner*, não é por acaso, mas sim fruto de uma história de diferentes estratégias empresariais, e é nesse ponto que introduzimos o *Boletim Renner*, que consideramos ao longo desse trabalho, como um mecanismo de garantia do poder do grupo, tendo como enfoque, principalmente a década de 1950.

As indústrias Renner, iniciaram sua história com uma fábrica têxtil em 1911, na cidade de São Sebastião do Caí. Posteriormente, expandindo seu capital e seus planos de atuação, transferiu parte de sua produção para Porto Alegre, se instalando integralmente na capital em 1916, momento em que foram adquiridos os terrenos do antigo prado, localizado no Bairro Navegantes. A fábrica têxtil, que inicialmente produzia capas impermeáveis que serviam especialmente aos cavaleiros, logo passou a aumentar seus investimentos, produzindo uma variedade maior de produtos têxteis. A partir disso, seu fundador e presidente Antônio Jacob Renner, conhecido como A.J. Renner, ascendeu como empresário no Estado e no país, atuando e representando a classe patronal em importantes discussões em relação à economia, indústria e trabalho, circunstâncias que o levaram a ser o principal articulador e primeiro diretor do Centro da Indústria Fabril do Rio Grande do Sul (CINFA-RS) em 1930.

A Renner [indústria], originada do circuito de comercialização entre colônias e capital, consolidar-se-ia em torno de 1930, como principal grupo empresarial estadual e uma das maiores empresas do ramo de vestuário da América Latina. A empresa teve um papel absolutamente central na redefinição dos perfis da indústria e da classe operária de Porto Alegre na primeira metade do século.⁶

A partir disso, a Renner, além de diversificar amplamente sua produção têxtil, importando novas tecnologias, passou também a investir em empresas subsidiárias.⁷ Contando com milhares de operários nos mais diversos setores,

6 FORTES, Alexandre. **Nós do Quarto Distrito: A classe trabalhadora porto-alegrense e a Era Vargas**. Caxias do Sul: Educs; Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 178.

⁷Como uma fábrica de sabões, uma fábrica de tintas e óleos, outra de latas, uma de máquinas de costura, uma fábrica de porcelanas e uma fábrica de cimento. Todas essas fábricas usam o nome Renner, alguma delas acrescentadas de outro, como *Renner & Hermann Cia LTDA*, fábrica de tintas, *Renner & Koepke Cia*, fábrica de latas e Waldemar Renner de máquinas de costura.

a Renner foi a primeira no Brasil a verticalizar sua produção, tendo o controle desde a seleção genética de sementes para o plantio de linho, até os últimos ajustes para a venda ao consumidor.⁸

Assim, esse grupo industrial é descrito como símbolo do desenvolvimento da indústria e das relações de trabalho no Rio Grande do Sul, e conseqüentemente, no Brasil, no começo do século XX.⁹ Distinguindo-se com seus métodos de fabricação, de qualidade de produção e também com suas políticas com os trabalhadores, a Renner teria se tornado um exemplo de desenvolvimento fabril e um dos maiores empreendimentos industriais do Brasil.¹⁰

Observando as particularidades que permeiam as indústrias Renner, a dimensão de sua influência e a emergência em construir a história dos empreendimentos fabris sul-rio-grandenses, comecei a estudar esse grupo industrial durante minha graduação quando, como bolsista de iniciação científica no projeto *Traçando o perfil do trabalhador gaúcho*, escrevi o trabalho de conclusão de curso, no qual busquei traçar um perfil dos trabalhadores da Renner, entre 1933 e 1943, por meio do acervo da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul (DRT-RS).¹¹ A partir deste trabalho novas inquietações surgiram, logo, busquei outras fontes que pudessem me dizer mais em relação a essa organização industrial e, assim, cheguei ao *Boletim Renner*, periódico institucional que nessa dissertação se constrói como fonte e objeto de pesquisa.

O *Boletim Renner* foi um periódico de tiragem mensal, produzido pelas indústrias Renner e que era distribuído principalmente entre os trabalhadores do grupo e entre os revendedores regionais e nacionais dos produtos. Como diretor desse impresso, assinava Kurt Renner, filho de A.J. Renner e como

Por conta disso, trabalharemos com indústrias, no plural, abrangendo assim todas as fábricas da organização Renner.

⁸AXT, Gunter. BUENO, Eduardo. **A.J Renner (1884-1966): Capitão de indústrias**. Porto Alegre: Editora Paiol, 2013.

⁹ LOPES, Jéssica Bitencourt. "As indústrias A.J.Renner devem orgulhar o Brasil inteiro": Os trabalhadores da indústria têxtil A.J. Renner no Acervo da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul (1933-1943). *Aedos*, v. 11, p. 376-399, 2019.

¹⁰FORTES. **Nós do Quarto Distrito...**, 2004.

¹¹LOPES, Jéssica Bitencourt. **A indústria têxtil e de vestuário A.J. Renner e seus trabalhadores no acervo da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul (1933-1943)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas. 2018.

redator principal, o chefe da seção de publicidade da indústria, Breno Ribeiro Würdig. A comunicação institucional, logo, o jornalismo empresarial, tem sido um campo fértil das discussões teóricas e conceituais dos profissionais da comunicação e relações públicas.¹² Em 1984, fruto de sua tese defendida em 1973, Gaudêncio Torquato, publica o primeiro trabalho que visava alcançar a profissionalização e a reflexão acadêmica e teórica sobre a comunicação e os periódicos empresariais.¹³ Essa especialização de trabalho, já estava no cotidiano dos profissionais da comunicação, entretanto, não havia um estudo sobre essa prática.

O jornalismo empresarial, portanto, deve ser concebido e analisado como proposta especializada da atividade jornalística e não como função menor ou comparativamente menos importante que a função da grande imprensa. O discurso jornalístico é, sobretudo, o discurso do poder, na medida em que, nos sistemas políticos, fechados ou abertos, os grandes canais de comunicação procuram permear o meio social com as linguagens das estruturas dominantes. Assim, grandes jornais, pequenos boletins, jornais especializados, revistas, publicações patrocinadas pelo governo ou de propriedade privada, todos integram o vasto edifício da integração social.¹⁴

Partindo da colocação de Gaudêncio Torquato, compreendemos que a comunicação institucional, mesmo servindo e estando sobre controle de um empreendimento, não é uma prática isenta de reflexões e métodos. Logo, não deve ser vista como meramente informativa e sem importância para a pesquisa acadêmica, mas que é um construto que visa consolidar o poder de uma organização, desse modo, possuindo objetivos diversos. Torquato, fazendo uma síntese da sua especulação, logo, dos objetivos desse tipo de

¹²Atualmente com a fragmentação da área os autores diferenciam a comunicação empresarial da comunicação organizacional, sendo a primeira dedicada aos objetivos mercadológicos, e a segunda voltada a gestão e sintonização de interesses entre os agentes sociais. Nesta pesquisa não temos como objetivo desenvolver uma discussão teórica e conceitual sobre a área, mas sim analisar um periódico dessa através da perspectiva histórica. Logo, utilizaremos o termo comunicação institucional para abarcar todas as estratégias comunicacionais de uma empresa. Entretanto, essa mesma tipologia poderá ser referenciada das outras duas formas nas citações. Para entender mais sobre a questão conceitual e os limites da área, ler: CARDOSO, Onésimo de Oliveira. Comunicação empresarial *versus* comunicação organizacional: novos desafios teóricos. **Revista de Administração Pública**. 2006, vol.40, n.6, p.1123-1144.

¹³ Sobre a importância dessa publicação e de Gaudêncio Torquato para o desenvolvimento da área ver: NASSAR, Paulo. Resenha: Gaudêncio Torquato Jornalismo Empresarial: teoria e prática. **Ciências da Comunicação no Brasil – Século XX: Pragmatismo Utópico**. S/D, p. 255-262.

¹⁴ TORQUATO, Francisco Gaudêncio. **Jornalismo empresarial: Teoria e prática**. São Paulo: Summus, 1984, p. 12.

comunicação, afirma que: “Gerar consentimento; eis a meta final da comunicação organizacional.”¹⁵, e é a partir dessa perspectiva que essa pesquisa será guiada.

O *Boletim Renner* foi um meio de comunicação importante entre a direção, trabalhadores e sociedade industrial. Seu objetivo central seria “tratar de assuntos industriais e técnicos bem como relatar os fatos ligados à vida da empresa e seus colaboradores”.¹⁶ Ele trazia textos sobre as festividades e acontecimentos das fábricas do grupo Renner, informações sobre o serviço social, sobre as atividades desportivas ligadas à organização e uma diversidade de colunas dedicadas à saúde, moda, beleza e curiosidades. Em um de seus números é destacada a importância que o periódico adquiriu entre seus leitores, e é apresentado um número significativo de exemplares:

O tempo foi passando. Doze páginas, 16, 20, 24, 28, 32 e mais. A tiragem foi crescendo para 2.500, 3 mil, 4 mil e hoje 5 mil. Com material abundantes e variado, em que se procurou melhorar tudo, mercê de esforços dedicação e carinho, o *BOLETIM RENNEN* venceu e se impôs, constituindo hoje leitura obrigatória de milhares de pessoas, que o recebem com agrado e interesse, pelo que atestam numerosas opiniões e expressões colhidas dos mais diferentes setores da opinião pública nacional. Vale aqui registrar este fato, sobre o qual devíamos silenciar, não fora ele também um motivo de estímulo e recompensa moral a todos quantos têm contribuído para o sucesso da nossa iniciativa: *BOLETIM RENNEN* é hoje, considerado uma das melhores publicações no gênero existente em nosso país.¹⁷

A citação faz parte do artigo intitulado: *Nosso aniversário*, publicado em 1951, quando o periódico já estava em circulação há aproximadamente seis anos. Seus números começaram a ser impressos em 1945 e esteve em circulação com esse nome até 1964,¹⁸ indo do fim do Estado Novo, até o início da Ditadura Civil-Militar, no espaço de tempo que conhecemos como Período

¹⁵TORQUATO, Francisco Gaudêncio. **Comunicação empresarial/ Comunicação institucional: Conceitos, estratégias, sistemas, estruturas, planejamento e técnicas**. São Paulo: Summus, 1986, p. 31.

¹⁶*BOLETIM RENNEN*. Plano de sugestões. Set, 1949, p. 22.

¹⁷WÜRDIG, Breno Ribeiro. Entra para o 6º ano de existência o *Boletim Renner*. *BOLETIM RENNEN*. jan, 1950, p. 3.

A grafia das citações do periódico foi atualizada.

¹⁸ Em visitação ao Museu da Comunicação Hipólito José da Costa em agosto de 2019, encontrei dois exemplares do periódico sob o nome *Informativo Renner*, sendo um de 1964 e outro de 1969. Assim sabemos que houve uma reestruturação do periódico em algum momento de 1964, entretanto, não sabemos quando sua circulação foi interrompida.

Democrático e que se situa no contexto global de Guerra Fria, sendo caracterizado pela disputa entre os projetos nacionalistas e “entreguistas” e também pelo aprimoramento da industrialização brasileira.¹⁹

Tendo em vista que o *Boletim Renner* era um periódico dirigido à classe trabalhadora, mas não um periódico dessa, por intermédio de uma coleção do periódico *Boletim Renner*,²⁰ pretendemos, para além de construir uma história desta indústria, discorrer sobre ele como uma ferramenta de consolidação do poder desse grupo. Desta forma, a pesquisa em questão, visa compreender o que era o *Boletim Renner*, como ele era construído e de que forma servia de mecanismo para as relações sociais, principalmente entre essa elite industrial e seus trabalhadores. Esse estudo, portanto, tendo o *Boletim Renner* como fonte e objeto, se utilizará de reflexões da História da Imprensa, das elites e também do trabalho para construir uma narrativa sobre esse periódico institucional e seu poder para a organização empresarial do grupo de indústrias Renner. Pensaremos a comunicação institucional, nesse caso o *Boletim Renner*, como uma ferramenta capaz de agir em diversos setores da vida social, disseminando valores, concepções, ideologias, modos de ser, de viver e principalmente, como um espaço para assegurar a posição na hierarquia social, construir e difundir uma identidade empresarial.

A História Social é a dimensão historiográfica mais sujeita a variação. A expressão surge como oposição a tradicional História Política do século XIX, visando escrever uma história das massas em contraposição a uma história dos grandes homens. Entretanto, toda história é uma história do social, logo, o campo de pesquisa transpassa ou mesmo engloba, várias outros, assim, esta abordagem como campo, se define por problemáticas específicas que compreendem as construções, organizações, processos e as experiências humanas, ou seja, a dimensão social dentro da sociedade. Para essa pesquisa se trabalhará com uma abordagem para as relações sociais, entendendo que essas são construídas através das dialéticas, das oposições de poder entre

¹⁹ FERREIRA, Jorge. DELGADO, Lucília (Org.). **O Brasil Republicano. O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964.** Terceira República. Rio de Janeiro: Civilização brasileira. 2019.

²⁰ A coleção citada está sobre a guarda do Núcleo de Pesquisas Históricas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NPH-UFRGS), integrando o acervo Processo de industrialização do RS (1889- 1945).

diferentes grupos.²¹ Contudo, pensando que as relações são construídas através do poder, a pesquisa também conversará com questões da História Política, tendo em vista que “O poder não serve somente para reprimir, mas também para organizar a trama social mediante o uso dos saberes, o que é de grande relevância, já que tal poder não é atributo de alguém que o exerce, mas sim, de uma relação.²² Além disso, a pesquisa pretende contribuir para o desenvolvimento da ainda pouco explorada História Empresarial, tendo em vista que, o estudo de determinado empreendimento, das relações e das estratégias de seus empresários, auxiliam na compreensão da estrutura social.²³ Dessa forma, estudando através do *Boletim Renner* o comportamento do empresariado da Renner, nesse caso de A.J. Renner, que se configura como uma representação classista, estaremos visualizando a postura de um integrante do empresariado gaúcho frente aos processos que se davam na estrutura política do país, percebendo suas ideologias e táticas comunicacionais.

Durante essa pesquisa buscamos referências que pudessem nos auxiliar a pensar a História Empresarial, entretanto, nos deparamos com um cenário teórico bastante disperso entre diferentes áreas, principalmente na gestão, administração, economia, comunicação e *marketing*. Percebemos que, mesmo com avanços significativos, a História Empresarial ainda é reduzida a biografias oficiais, que buscam “reconstruir”, mesmo que através de diferentes arquivos e fontes, a história das organizações e dos empresários.²⁴ Todavia, entendemos que a História Empresarial não deve se limitar aos feitos e eventos, na análise da empresa por ela mesma, mas que deve buscar compreender a sociedade através da organização, ver a instituição e seus empresários como agentes da e na história. Deste modo, consideramos que a História Empresarial deve ser

²¹CASTRO, Hebe. História social. CARDOSO, Ciro. VAINFAS, Ronaldo (Org). **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

²² CARDOSO, Ciro Flamarion. História e poder: uma nova história política? CARDOSO, Ciro. VAINFAS, Ronaldo (Org). **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 41.

²³ LOBO, Eulália. História empresarial. CARDOSO, Ciro. VAINFAS, Ronaldo (Org). **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

²⁴ Mesmo que datados os seguintes textos trazem um interessante panorama sobre a História Empresarial: DALLA COSTA, Armando. História e historiográfica empresarial: acesso e utilização de arquivos e fontes. DALLA COSTA, A. e GRAF, M. **Estratégias de desenvolvimento urbano e regional (orgs.)**. Curitiba: Juruá, 2004, p. 121-141. FORJAZ, Maria Cecília. **História empresarial como área de pesquisa**. Relatório FGV-EAESP. 14/2008.

crítica, não resumindo apenas aos processos econômicos, mas também sociais e culturais,²⁵ para que desse modo possa se pensar e construir uma história dos empreendimentos localizando e percebendo a influência desses, na estrutura, cenário e jogo social. No Rio Grande do Sul, a historiadora Cláudia Fay, com uma trajetória de pesquisa voltada especialmente a história da aviação²⁶ é um respeitado nome no campo da História Empresarial, orientando diferentes trabalhos que tem se debruçado a compreender a história de variadas instituições empresariais e seus empresários, logo, que serão uma inspiração para esse trabalho.

Concordamos com Sandra Pesavento²⁷ ao entendermos que não podemos recorrer ao erro de analisar um grupo dirigente sem levar em conta sua relação e enfrentamento com os demais. Pensando nisso, ao estudarmos esse grupo industrial por meio do seu periódico, entraremos também no universo operário, tendo em vista que a elite se constrói como tal por meio do processo de dominação exercido. Entretanto, não perderemos de vista que a pesquisa é concentrada em um dos grupos, percebendo sua atuação sob o outro.

Ao trabalhar com o *Boletim Renner*, se tem uma “voz”, uma fala, uma posição que não é a dos trabalhadores, mas sim a posição de um grupo de empresários, portanto, essa pesquisa parte sempre de um discurso de um grupo dominante que entenderemos como elite empresarial.²⁸

As elites são definidas pela detenção de um certo poder ou então como produto de uma seleção social ou intelectual, e o estudo das elites seria um meio para determinar “quais são os espaços e os mecanismos do poder nos diferentes tipos de

²⁵ Um excelente exemplo de pesquisa recente que perpassa a história cultural e social das empresas é: NERY, Olívia. **Leal, Santos & C. – A história da fábrica através do seu biscoito: produção, venda, consumo e musealização**. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

²⁶ Destacamos aqui: FAY, Cláudia Musa. **A aviação comercial na América do Sul (1920-1941)**. Porto Alegre: Editora Fi, 2020.

FAY, Cláudia Musa. **Crise nas alturas: a questão da aviação civil (1927-1975)**. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010., Porto Alegre, 2001.

²⁷PESAVENTO, Sandra. **A burguesia gaúcha: Dominação do capital e disciplina do trabalho (1889-1930)**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

²⁸ Para uma discussão em torno do uso da expressão “elite” nos estudos sobre os empresários, e também, para uma revisão bibliográfica desses estudos, ver: COSTA, Paulo Roberto Neves. Elite empresarial e elite econômica: o estudo do empresário. **Revista de Sociologia e Política**, v. 22, n. 52, 2014, p. 47-57.

sociedade ou os princípios empregados para o acesso às posições dominantes.²⁹

Aqui, não construímos uma história das elites, mas trabalhamos com um periódico dela, deste modo, será possível visualizar em nosso objeto de pesquisa, o periódico, as formas com que o grupo empresarial utilizou a comunicação institucional para propagandear e disseminar seu poder de influências, especialmente aos seus trabalhadores, aos quais o periódico era majoritariamente direcionado.

O recorte temporal desta pesquisa, 1949 a 1958, é determinado pela coleção do *Boletim Renner* que trabalhamos. Contudo, para compreender algumas questões e relações precisaremos, por vezes, recuar nosso recorte afim de acompanhar particularidades e trajetórias específicas. Logo, mesmo que esta dissertação tenha como fonte principal o *Boletim Renner*, buscamos outros materiais conforme foi relevante.

No estado ainda são poucas as pesquisas que se dedicam ao estudo de um empreendimento específico, ainda menos aqueles que trabalham com a análise de documentos produzidos pela própria empresa. Pensando no setor têxtil, a indústria Rheingantz, do município de Rio Grande, que foi a primeira na fabricação de lã no Brasil e o empreendimento de maior destaque no estado, até meados do século XX, foi a que recebeu maior atenção dos pesquisadores.³⁰

Sobre as indústrias Renner, a história de A.J. Renner foi biografada em pelo menos dois momentos, primeiramente, em 1944, por Ernesto Pellanda,³¹ em comemoração aos 30 anos de funcionamento da indústria e novamente, em 2013, por Eduardo Bueno e Gunter Axt.³² As duas biografias institucionais

²⁹ HEINZ. **O historiador e as elites...**, 2006, p. 8.

³⁰ Aqui cabe destacar os trabalhos: FERREIRA, M. L. M. **Os três apitos: memória coletiva e memória pública, Fábrica Rheingantz, Rio Grande, RS, 1950-1970**. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

PAULISTSCH, Vivian da Silva. **Rheingantz: Uma vila operária em Rio Grande-RS**. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2003.

MATOSO, Caroline. **As Marias que tecem os amanhã: fiando a existência e tramando a resistência na fábrica Rheingantz (Rio Grande, 1920 a1968)**. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

³¹PELLANDA, Ernesto. **A.J. Renner: Um capitão da indústria**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1944.

³²AXT. BUENO. **A.J Renner (1884-1966): Capitão de indústrias...**, 2013.

permitem entender a idealização e projeção da empresa, porém, trazem um caráter de valorização e exaltação ao trabalho do diretor e fundador do empreendimento. Tais produções diferem da tese de Alexandre Fortes³³ que escreveu um estudo historiográfico sobre os trabalhadores do Quarto Distrito industrial de Porto Alegre, levantando questões como cultura, etnicidade e sociabilidade dos trabalhadores da região, entre eles, os trabalhadores da Renner.

Além dessas referências, que trabalham amplamente com a Renner, outras citam a indústria em determinadas análises como o caso da dissertação de Miguel Stédile,³⁴ que estuda os times operários do Quarto Distrito de Porto Alegre, entre eles o Grêmio Esportivo Renner. Outro estudo é a dissertação de Tatiana Bartmann³⁵ que, para pensar nas relações de trabalho e na ação mediadora da Justiça do Trabalho, consulta os processos trabalhistas das empresas fundadoras do Centro da Indústria Fabril do Rio Grande do Sul (CINFA), sendo uma delas a Renner. Também a tese de Nauber da Silva,³⁶ onde o autor faz uma relação entre salário mínimo, política, alimentação e gênero na cidade de Porto Alegre, utilizando uma série de fontes como entrevistas com ex-operárias da Renner e também informações relacionadas ao restaurante do grupo no *Boletim Renner*. Já a dissertação de Guilherme Nunes,³⁷ discute as disputas entre classe trabalhadora, burguesia e Estado em torno da Lei de Férias aprovada em 1925 e nisso acaba por levantar questões que tangem o empresário A.J. Renner. Completando essa revisão bibliográfica, citamos a tese de Adalberto Garcia,³⁸ que estuda a longevidade organizacional das *Lojas Renner S.A* dando enfoque, principalmente, à superação da crise

³³ FORTES. **Nós do Quarto Distrito...**, 2004.

³⁴ STÉDILE, Miguel. **Da fábrica a várzea: Clubes de futebol operário em Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

³⁵ BARTMANN, Tatiane. **Justiça do Trabalho: Entre a “lei” e a “realidade” (1941-1945)**. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

³⁶ SILVA, Nauber. **O “mínimo” em disputa: salário mínimo, política, alimentação e gênero na cidade de Porto Alegre (1940-1968)**. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

³⁷ NUNES, Guilherme. **“A Lei de Férias no Brasil é um aleijão”: greves e outras disputas entre Estado, trabalhadores/as e burguesia industrial (1925-1935)**. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

³⁸ GARCIA, Adalberto. **Longevidade em organizações empresariais brasileiras: O caso das Lojas Renner S/A**. Tese (Doutorado em Administração) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2011.

enfrentada entre 1980 e 1990 pelo empreendimento. Essas pesquisas com suas diferentes perspectivas auxiliaram a traçar uma história do empreendimento, logo, a compreender melhor o contexto em que essa indústria estava inserida.

A coleção do *Boletim Renner* que esse estudo se utilizará é um dos únicos conjuntos de documentos produzidos pela indústria que atualmente se tem acesso público. Sandra Pesavento, no seu reconhecido estudo sobre a burguesia industrial gaúcha na Primeira República, cita o *Boletim Renner* como um “veículo de transmissão ideológica daqueles princípios [burgueses] no meio do operariado, torna-se *ipso facto* uma rica fonte de análise”.³⁹ Além dela, Fortes, Stédille e Silva, como visto acima, utilizaram alguns números do periódico em suas pesquisas, entretanto o *Boletim Renner*, assim como outros instrumentos da comunicação institucional, ainda não foi pensado como objeto da análise histórica, com devida atenção e investigação adequada.⁴⁰ Desta forma, amparados da revisão bibliográfica apresentada acima, pretendemos apresentar um tipo de objeto da comunicação ainda não explorado. Logo, trazendo novas reflexões sobre a atuação das empresas como agentes da estrutura social e seus projetos comunicacionais, esse trabalho se mostra único e pertinente.

Na produção historiográfica, mesmo que dentro de uma perspectiva da História do Trabalho, o estudo de Paulo Fontes,⁴¹ especialmente o capítulo 2, onde ele trata do discurso empresarial da *Nitro Química* de São Paulo, utilizando principalmente o periódico desta, o *Nitro Jornal*, serviu de inspiração para essa pesquisa e para a redação da presente dissertação, visto que, a empresa apresenta discurso semelhante ao da Renner, sendo descrita como “uma das mais felizes do Brasil” e que o pesquisador possui fontes e questões semelhantes as deste trabalho. Além desse, percebendo a falta de pesquisas

³⁹ PESAVENTO, **A burguesia gaúcha...**, 1988, p. 86.

⁴⁰ No momento em que essa pesquisa estava prestes a ser concluída, conhecemos o trabalho de Guilherme Chagas, que está desenvolvendo sua pesquisa de mestrado na UNIFESP concomitante a essa e que também vem trabalhando com um periódico institucional, a Revista Light. Dessa forma, percebemos um lento avanço do interesse dos pesquisadores pela comunicação institucional. CHAGAS, Guilherme. O corporativismo na construção do discurso da Revista Light (1928-1940). **Revista Cantareira**. 34^a ed. Jan-Jun, 2021.

⁴¹ FONTES, Paulo. **Trabalhadores da Nitro Química: A fábrica e as lutas operárias nos anos 50**. (Dissertação- Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

no campo das humanidades, este estudo recorrerá a trabalhos da área da comunicação, que produzem massivo conteúdo acadêmico sobre a comunicação institucional. Nesse sentido, utilizamos como referências principais Paulo Nassar e Gaudêncio Torquato, pesquisadores reconhecidos dentro do campo.

As informações que temos acesso a partir das páginas do *Boletim Renner* são aquilo que a indústria, através de sua redação, quis que chegasse até os leitores, são percepções da direção dirigida, principalmente, ao operariado. A imprensa institucional, que é trabalhada por Gaudêncio Torquato, por meio do jornalismo empresarial, possui vários objetivos como a necessidade de familiarizar trabalhadores de diferentes setores, mostrando a eles seu posicionamento em relação a estrutura de produção, também para informar o grupo operário de mudanças e eventos da indústria, diminuindo assim a distância entre a administração e o chão da fábrica. Logo, esse tipo de periódico manteria os trabalhadores alinhados às concepções políticas da direção, construindo uma identidade comum entre indivíduos de diferentes culturas, setores e especializações. Em outras palavras, a imprensa institucional tem como grande objetivo unir empregados e empregadores em torno de uma mesma proposta de trabalho.

Compreende-se, a partir deste prisma, o papel da imprensa de empresa como subsistema do conjunto mais amplo que é o sistema jornalístico, este sendo, por sua vez, parte do macrosistema de comunicação social (coletivo ou de massa, como queiram) agregados das imensas engrenagens de captação, tratamento e disseminação de mensagens, destinadas, de um lado, ao ajuntamento informativo da sociedade e, de outro, aos objetivos persuasórios de vendas e dominação cultural.⁴²

Para além dos propósitos que visavam melhorar a qualidade da comunicação e o relacionamento com o operariado, entendemos que a imprensa institucional, através do jornalismo empresarial, também tem como intenção divulgar para a sociedade em questão, suas conquistas e prosperidade, construindo uma imagem do empreendimento entre os empresários, os operários e a comunidade que os cercam.

⁴²TORQUATO. *Jornalismo empresarial...*, 1984, p. 12.

O jornalismo empresarial começa a se estabelecer no Brasil nas décadas de 1940 e 1950, período em que a indústria nacional passa a se desenvolver em passos largos, assim como as relações públicas e as tecnologias editoriais. Em Porto Alegre, O *Boletim Renner*, o *Boletim Preto e Branco* da Livraria do Globo e a *Revista do Banco do Brasil* publicada pela filial do banco no Estado, são publicações notáveis desse tipo de jornalismo⁴³.

Para pensarmos os periódicos através da perspectiva historiográfica, partiremos dos estudos de Tânia de Luca, Maria Capelato e Marialva Barbosa, historiadoras que, a partir de suas produções, nos auxiliam a entender como analisar e visualizar os documentos da imprensa. Ainda que essas autoras não tenham comentado esse tipo tão específico de periódico, e tenham dedicado seus estudos a analisarem principalmente a grande imprensa, suas pesquisas são essenciais para compreendermos a relação entre história, comunicação e imprensa, algo fundamental para qualquer pesquisa em história que se empenha em investigar a “história dos, nos e por meio dos periódicos”.⁴⁴

Ao pensar a imprensa periódica como fonte histórica, analisamos não apenas aquilo que está escrito na publicação, o conteúdo, mas é primordial que se examine o que está nas entrelinhas, o contexto em que a publicação foi elaborada. É necessário que se observe o impresso por meio da sua conjuntura, percebendo aquilo que ele configura no momento de sua escrita e para o grupo que ele representa. É essencial historicizar o periódico, usá-lo não como forma de verificação, afirmação de um fato, mas sim para construir uma narrativa através dele.⁴⁵ Assim sendo, entendendo que a imprensa sempre está cercada de interesses que devem ser observados pelo historiador, será possível construir uma narrativa sobre o *Boletim Renner*.

A imprensa constitui um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social. Partindo desse pressuposto, o historiador procura estudá-lo como agente da história e captar o movimento vivo das ideias e personagens que circulam pelas páginas dos jornais. A categoria abstrata da imprensa se desmistifica quando se faz emergir a figura de seus produtores como sujeitos dotados de consciência determinada na prática social.⁴⁶

⁴³TORQUATO. Jornalismo empresarial..., 1984, p. 27.

⁴⁴ Em referência ao título do conhecido artigo de Tânia de Luca.

⁴⁵DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nós e por meio dos periódicos. **Fontes históricas**. Org. PINSK, Carla. São Paulo: Contexto, 2008, p. 111-153.

⁴⁶CAPELATO. **Imprensa e História do Brasil...** 1988, p. 21.

Concordamos com Marialva Barbosa, ao dizer que “Não podemos estudar processos comunicacionais sem a necessária correlação com o tempo social de sua realização.”,⁴⁷ assim, ao longo do trabalho, pretendemos visualizar o *Boletim Renner* dentro do contexto em que ele estava posto, buscando a relação entre o objeto e onde ele está inserido socialmente, pois:

Fazer uma história que envolva os meios de comunicação não é apenas informar ou analisar o que esses meios publicavam; não somente discorrer sobre as estratégias discursivas dessa imprensa; não é também limitar e alinhar os grandes nomes e os grandes feitos dos homens de imprensa. É dar conta de um processo comunicacional que envolve o que foi produzido, quem produziu, por que produziu para quem produziu. Como eram essas mensagens produzidas; como circulavam; que materialidades possuíam; que atores estavam envolvidos ao longo do processo. E por último, a quem estavam destinadas.⁴⁸

Pensando nas questões e problemáticas que foram levantadas em torno do objeto desta pesquisa, a presente dissertação está dividida em três capítulos que visam conduzir o leitor a uma narrativa sobre o *Boletim Renner*. Nossa dissertação inicia no capítulo *Um periódico, um grupo industrial*, através do subcapítulo *Comunicação Institucional: O caso do Boletim Renner*, onde buscamos apresentar o periódico como produto da comunicação institucional das indústrias Renner, refletindo sobre o que é a comunicação institucional e sobre o desenvolvimento do jornalismo empresarial no século XX. Compreender a Renner, seu lugar no desenvolvimento do estado e quem eram aqueles por traz desse negócio fabril é essencial para que ao longo desse trabalho possamos entender o *Boletim Renner*, pois para visualizarmos o contexto do periódico, é necessário conhecer as influências e a atuação daqueles que o escreveram. Tendo isso em vista, completamos esse primeiro capítulo, aprofundando e localizando nossa narrativa, no subcapítulo intitulado *Uma sociedade formada por Trein, Mentz e Renner*, onde o leitor poderá compreender quem foi a elite relacionada a Renner e qual o papel desse grupo no processo de industrialização do Rio Grande do Sul, para isso, juntamente

⁴⁷BARBOSA, Marialva. RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Comunicação e História: um entre-lugar. BARBOSA, Marialva; RIBEIRO, Ana Paula. (Orgs.). **Comunicação e história- Partilhas teóricas**. Florianópolis: Insular, 2011, p. 25.

⁴⁸BARBOSA, Marialva. RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Comunicação e História: um entre-lugar. BARBOSA, Marialva; RIBEIRO, Ana Paula. (Orgs.). **Comunicação e história- Partilhas teóricas**. Florianópolis: Insular, 2011, p. 26.

com uma revisão bibliográfica, utilizamos as atas da JUCIS-RS referentes a indústria têxtil da Renner.

No segundo capítulo, *O editorial do Boletim Renner*, nos debruçamos a compreender o periódico como um espaço de divulgação das ideias do grupo empresarial, para isso estudamos os textos editoriais do mesmo, em especial os textos escritos por A.J. Renner e Egon Renner. Dessa forma, veremos o *Boletim Renner* como divulgador de ideias e formador de opiniões. Tendo o discurso empresarial dos editoriais como ponto de partida, dividimos o capítulo em dois subcapítulos. No primeiro, *O capitalismo Social*, investigamos e buscamos compreender a lente que guiava os posicionamentos e opiniões do empresário no que tange a política, a economia, a sociedade e a ideologia que ele chama de capitalismo social. Já no subcapítulo dois, *Representação classista, trabalhador e trabalho*, apresentamos uma análise mais restringida, mostrando o discurso empresarial em relação às temáticas relativas à representação classista, o trabalho, ao trabalhador e à trabalhadora.

Já no terceiro capítulo, *A Renner do Boletim Renner*, tivemos como objetivo principal refletir sobre a identidade e imagem empresarial que as indústrias Renner compartilhavam no seu periódico, examinando-o como um espaço de propagandear o trabalho e a atuação desse grupo. Para essa análise, tivemos como ponto de partida as capas do *Boletim Renner*, que entendemos como uma amostra da identidade do periódico, logo, da empresa. Assim, neste capítulo nos concentramos em discutir duas temáticas que nos permitem observar a ideia construída em relação a empresa no periódico. Na primeira, que compõe o primeiro subcapítulo intitulado *A Renner além do trabalho*, discorreremos sobre a sociabilidade nas indústrias Renner e como essa é certificada no periódico. No segundo subcapítulo nomeado *O processo produtivo*, abordaremos mais exclusivamente as indústrias e os seus processos produtivos, buscando identificar e discorrer sobre como as próprias indústrias Renner apareciam no *Boletim Renner*, montando uma narrativa sobre a produção através do periódico.

No contexto da pandemia do COVID-19, no qual esta pesquisa foi realizada, uma série de empresas tem apostado no desenvolvimento de projetos, investido em plataformas e ferramentas digitais, visando a comunicação institucional que, nesse momento, se tem mostrado ainda mais

importante para aproximar os trabalhadores das empresas, tendo em vista que muitos setores tiveram que migrar para o *home office*. Acompanhando o site e as redes sociais da ABERJE (Associação Brasileira de Editores de Revistas e Jornais de Empresa, atualmente denominada, Associação Brasileira de Comunicação Empresarial), podemos perceber que a comunicação institucional é uma área que vem crescendo e se consolidando cada dia mais dentro das instituições. Nesse contexto a ABERJE tem investido em um *podcast*, onde se tem discutido o poder da comunicação dentro das organizações empresariais, onde também as empresas filiadas tem compartilhado seus projetos. Pensando nisso, percebemos que a comunicação institucional é um setor que vem se desenvolvendo a passos largos dentro das organizações, logo, compreendemos que estudar uma ferramenta da comunicação institucional de um dos maiores empreendimentos gaúcho do século XX, é interessante também para compreendermos e refletirmos o desenvolvimento e o funcionamento atual desse setor e seu papel na construção das identidades empresariais, algo hoje tão comum no contexto emergente de *startup*.

CAPÍTULO I: Um periódico, um grupo industrial

O que é o *Boletim Renner*? O que é as organizações Renner e quem são seus empreendedores? Essas são as questões que norteiam o presente capítulo e que serão trabalhadas, respectivamente, em dois subcapítulos. Buscamos aqui apresentar ao leitor o grupo industrial e o seu periódico, refletindo sobre a formação da Renner, sua importância no processo de industrialização do Rio Grande do Sul e o *Boletim Renner* como produto da comunicação institucional do grupo.

A comunicação institucional diz respeito aos processos comunicacionais de uma empresa, sejam eles em direção externa, que se comunica principalmente com o consumidor, como também a interna, aquela que visa alcançar especialmente as pessoas diretamente relacionadas ao processo produtivo. O *Boletim Renner* é um produto da comunicação interna das indústrias Renner e, neste capítulo, apresentaremos sua estrutura, editoração e refletiremos sobre a história e desenvolvimento do jornalismo empresarial.

Para discutirmos o *Boletim Renner* é fundamental que se conheça a Renner, afinal, o periódico existe e trabalha para ela, não podendo ser visto independente dela. Logo, conhecer o empreendimento, sua fundação e desenvolvimento, assim como aqueles que investiram e gerenciaram o negócio, é essencial para a compreensão das estratégias comunicacionais do grupo, nesse caso, do periódico *Boletim Renner*.

1.1. Comunicação institucional: O caso do *Boletim Renner*

A historiografia da imprensa, especialmente a que trata a imprensa dos anos 1950,⁴⁹ reflete principalmente a empresa jornalística e suas redações. Entretanto, essas reflexões por mais que sejam relevantes para um entendimento do contexto de circulação do *Boletim Renner*, não compreendem o periódico, pois, a lógica seguida pelo material é totalmente diferente. Por mais que o *Boletim Renner* fosse para fora do ambiente fabril e alcançasse

⁴⁹ Um bom exemplo disso é o estudo: MARTINS, Luis Carlos dos Passos. **A grande imprensa “liberal” da Capital Federal (RJ) e a política econômica do segundo governo Vargas (1951-1954): conflito entre projetos de desenvolvimento nacional**. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

outros espaços, a intenção do grupo era alcançar um público diretamente ligado com a indústria. Todavia, não podemos correr o risco de considerar o *Boletim Renner* como pertencente a imprensa alternativa, principalmente porque ele não vem apresentar uma contrapartida aos jornais de grande circulação.

O fato de atuar como porta-voz de uma empresa, por si só, não determina necessariamente as características da publicação, ainda mais porque há que se considerar, para cada caso concreto, a natureza das relações de força, os pesos e contrapesos no interior do empreendimento e o contexto de circulação, o que alerta contra o afã classificatório.⁵⁰

Torquato, ao escrever sobre o poder da comunicação nas organizações, entende esse como uma mediação de interesses e objetivos que se dá através de várias técnicas multidisciplinares. Entretanto, toda comunicação está permeada de uma relação de poder, logo, é necessário não vermos a comunicação apenas como uma troca, onde dois agentes estão colocados em uma mesma posição. Assim, ao pensarmos a comunicação institucional entendemos que ela “intermedia o discurso organizacional, ajusta interesses, controla participantes internos e externos, promove, enfim, maior aceitabilidade de ideologia empresarial.”⁵¹

[...] comunicação empresarial é a somatória de todas as atividades de comunicação da empresa. Elaborada de forma multidisciplinar – a partir de métodos e técnicas de relações públicas, jornalismo, lobby, propaganda, promoção, pesquisa e marketing – e direcionada à sociedade, formadora de opinião, consumidor e colaboradores (trabalhadores, fornecedores e parceiros).⁵²

A comunicação institucional também diz respeito a imagem de uma empresa, ela que constrói como o empreendimento será visto, refletido e tratado pelos consumidores e trabalhadores. Assim, tendo esses materiais como fonte e objetos da pesquisa histórica, estamos estudando o discurso da empresa, a construção de sua imagem e sua identidade. Logo, essas ferramentas são essenciais para assegurar uma marca no mercado, e assim, o

⁵⁰DE LUCA, Tânia Regina. Periódicos lançados por editoras: O caso do Boletim Ariel (1931-1939). *Revista História UNESP*, Franca, v. 36, e. 32, 2017.

⁵¹TORQUATO, Francisco Gaudêncio. **Comunicação empresarial/ Comunicação institucional: Conceitos, estratégias, sistemas, estruturas, planejamento e técnicas**. São Paulo: Summus, 1986, p. 17.

⁵²NASSAR, Paulo. FIGUEIREDO, Rubens. **O que é comunicação empresarial?**. Coleção Primeiros Passos: 297. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 19.

poder do grupo dentro da estrutura social. Ao analisarmos esses materiais através da lente da história, podemos perceber a importância dessas estratégias para que as empresas, e assim seus dirigentes, se mantivessem no poder, algumas delas, inclusive, até os dias atuais.

[...] As empresas são personagens extremamente importantes nos cenários político, econômico, cultural e social. E as suas atuações não se restringem a questões de produção e economia. E se você, agora, olhar o seu jornal de hoje, irá encontrar inúmeras empresas atuando, como personagens principais, secundárias e subliminares, em todo tipo de notícia.⁵³

Tendo isso em vista, compreendemos que os objetos da comunicação institucional são extremamente valiosos para a pesquisa histórica, pois as empresas são agentes atuantes em todas as esferas da estrutura social. A história, por sua vez, também tem muito a contribuir no conhecimento desses processos comunicacionais e no desenvolvimento dessas estratégias, percebendo que por meio dela é possível compreender como os empresários e empresas do passado se colocaram dentro de cada contexto e situação, analisando a validade das formas e técnicas utilizadas. Além disso, a história é uma área seguidamente visitada quando a comunicação institucional elabora propostas de cunho social, como para combate às desigualdades, questão que devido à pressão popular, tem levado muitas empresas a repensarem suas políticas comunicacionais, sejam para público externo ou interno.⁵⁴

As publicações empresariais surgiram simultaneamente a Revolução Industrial. A partir da era industrial, a divisão de trabalho e as especializações se tornaram mais complexas, transformando assim as relações desenvolvidas entre as indústrias e os trabalhadores.⁵⁵ Essas publicações surgiram então a partir de demandas internas, que pautavam a aproximação entre os setores, mas também de demandas externas como a necessidade mercadológica das empresas de se tornarem conhecidas, visto que a concorrência crescia. Além disso, o aperfeiçoamento das tecnologias da imprensa e o surgimento da

⁵³NASSAR, FIGUEIREDO. **O que é comunicação empresarial?**, 1995, p. 8.

⁵⁴ Como referência nesse sentido fica o próprio podcast da ABERJE, **FalAção**, que tem produzido conteúdo sobre a formação de lideranças negras, LGBTQIA+, o papel da diversidade, da sustentabilidade e da memória na comunicação institucional.

⁵⁵THOMPSON, E.P. *Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial*. THOMPSON, E.P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 267-304.

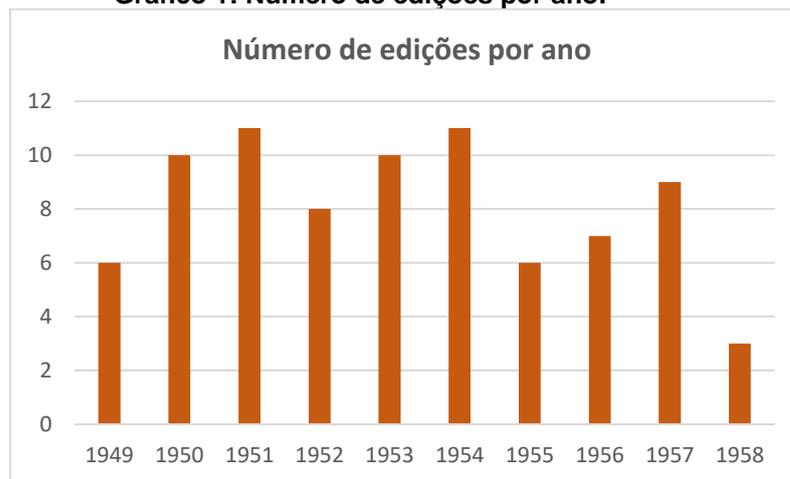
imprensa operária, foram fatores que trouxeram ainda mais motivos para o fortalecimento da comunicação empresarial.

No contexto brasileiro, a indústria chegou entre o final do século XIX e o início do século XX, mas a comunicação institucional só chegaria em meados dos anos 1920, com a revista *General Motors*, criada pela recém chegada *General Motors do Brasil*. Foi na década de 1940 que esse tipo de comunicação se estabeleceu de forma mais efetiva no país e, nesse contexto, o *Boletim Renner* nascia em 1945 e se tornaria um modelo desse tipo de publicação, ficando em circulação por pelo menos 25 anos, primeiramente como *Boletim Renner* e após, como *Informativo Renner*.

O modelo de comunicação empresarial, dentro do sistema capitalista, ganha impulso no bojo da efervescência social, deflagada nos Estados Unidos, após a grande depressão de 1929, momento em que o nascente e forte movimento sindicalista passa a exigir das empresas um alinhamento estratégico.⁵⁶

O *Boletim Renner* foi um periódico de tiragem mensal produzido pela organização Renner que era distribuído nas fábricas e lojas do grupo, e também entre os revendedores regionais e nacionais dos produtos Renner. Esse periódico institucional foi um meio de comunicação importante não apenas entre trabalhadores e a direção das empresas em questão, mas também um importante espaço de propaganda das ideias empresariais. Ele era publicado mensalmente e tinha uma média anual entre nove e onze números, tendo em vista que nos períodos de férias não havia publicações. Assim, na coleção que utilizamos, nos anos 1951, 1953, 1954 e 1957, temos a coleção completa, enquanto nos demais faltam alguns números.

⁵⁶TORQUATO. *Comunicação empresarial/ Comunicação institucional...*, 1986, p. 67-68.

Gráfico 1: Número de edições por ano.

Fonte: Coleção *Boletim Renner*- NPH-UFRGS. (Gráfico construído pela autora). 2019.

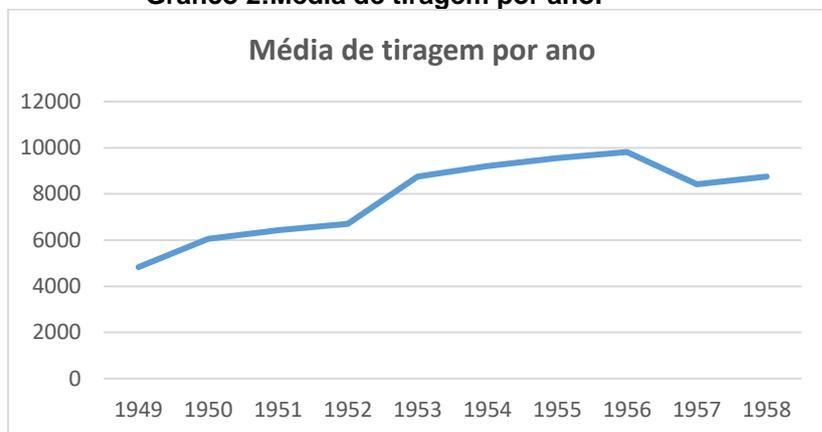
Inicialmente o *Boletim Renner* era oferecido de forma gratuita, entretanto, a partir de maio de 1951, passa a ser vendido por uma quantia de Cr\$ 1,00, cessando em novembro de 1953, quando volta a ter distribuição gratuita. A comercialização do periódico é um dado importante, pois, por meio disso e do número de tiragem, conseguimos perceber se havia procura. No primeiro número que tivemos acesso consta uma tiragem de 4800; e o primeiro e o último exemplar comercializado tinham tiragem, respectivamente, de 6400 e 8800, logo, o número aumentou, indicando que existiam compradores, ou seja, leitores regulares.

O título *Boletim Renner* não faz jus a publicação, pois é compreendido como boletim um periódico informativo de até 8 páginas, com maior periodicidade, portanto, com circulação imediata. O formato do *Boletim Renner* se enquadra mais dentro do conceito de revista, pois possui uma periodicidade média, um conteúdo mais abrangente, porém dedicado a um público específico e com um número de páginas que se mantem entre 30 e 40.⁵⁷ Pensando nesses termos conceituais é possível que inicialmente a tipologia de boletim fazia sentido para a publicação, que poderia ter uma proposta inicial de um periódico menor e voltado para informação, mas com o passar do tempo, acabou tomando outros rumos. A partir de nossas fontes não é possível analisar a criação e elaboração inicial do periódico, e nem se o *Boletim Renner* já nasceu como tal, ou se é resultado do desenvolvimento de outras propostas de comunicação empresarial. Porém, na coleção que trabalhamos,

⁵⁷TORQUATO. *Jornalismo empresarial...*, 1984, p. 140-142.

percebemos que não há, entre 1949 e 1958, uma grande mudança no formato do periódico. Sabemos que, em algum momento no ano de 1964, ele troca de nome e passa a se chamar *Informativo Renner*, termo que continua não fazendo jus a composição pelos mesmos motivos já citados.

Gráfico 2: Média de tiragem por ano.



Fonte: Coleção *Boletim Renner*- NPH-UFRGS. (Gráfico construído pela autora). 2019.

Mesmo sendo um periódico institucional, o *Boletim Renner* não tinha apenas seus trabalhadores como leitores. Alexandre Fortes,⁵⁸ através dos dados do Censo de 1953, afirma que a Renner contava com cerca de 2.500 funcionários só em sua indústria principal, a têxtil, e que se incluídas todas as empresas do Grupo Renner, se encontraria mais de 4 mil trabalhadores. Tendo esse número em vista, o número de tiragem do *Boletim Renner* é cerca de 2 mil a mais do que o número de trabalhadores e esse excedente possivelmente iria para os revendedores dos produtos e também para outras empresas, instituições e fornecedores.

Em alguns números há um quadro indicando as visitas do último mês e outro com as publicações recebidas. Examinando essas duas seções, percebemos que muitos empresários do país e do exterior visitavam as dependências da fábrica, e também, que havia recorrência no recebimento de outros periódicos institucionais. Analisando as listas dos periódicos recebidos, foi possível encontrar um número de 42 nomes ligados a instituições, sejam elas empresariais ou de classe.⁵⁹ Percebemos assim, que o *Boletim Renner* não estava sozinho e que esse meio de comunicação vinha sendo adotado por

⁵⁸FORTES, *Nós do Quarto Distrito...* 2004, p. 177-178.

⁵⁹ Uma lista com os nomes dos periódicos e das instituições a qual representam está no anexo 1.

outras empresas. Logo, essa lista nos evidencia uma série de objetos e fontes da imprensa que ainda não foram exploradas pelos historiadores e que muito podem nos dizer sobre a atuação empresarial e demais questões relacionadas a indústria, trabalho e comunicação.

O recebimento desses periódicos, assim como também as visitas recebidas, nos informam sobre a relação entre os empresários e suas instituições, servindo o *Boletim Renner* também com um meio de comunicação entre esses grupos. No trecho abaixo, publicado em agosto de 1950, percebemos como o periódico servia para a troca de ideias e modelos entre empresários:

Acompanhando, através do *Boletim Renner*, o desenvolvimento da nossa Cooperativa, aquele estabelecimento comercial resolveu destacar o sr. João Batista de Faria, seu alto funcionário, para verificar, aqui todo o nosso sistema de trabalho prático, colher informes e orientar-se devidamente para, com isso e mais o que se contém na lei vigente das cooperativas, fundar a cooperativa dos funcionários da Nova América.

Assim, em dias do mês de julho, tivemos o prazer da visita daquele sr., a quem fornecemos todos os dados essenciais e detalhes adquiridos durante a nossa já longa prática do sistema.

O sr. João Batista de Faria recolheu, ainda, informações sobre o funcionamento da Cooperativa de Crédito Industriais Renner LTDA, pois pensa a Nova América orientar também a fundação de uma cooperativa de crédito para seus auxiliares.

Desejamos pleno êxito à iniciativa!⁶⁰

A troca de periódicos entre as instituições pode ser visto como uma forma de assegurar as boas relações entre os empreendimentos e também de exercer influência entre eles. No número de agosto de 1956, nos chama atenção duas notas, apontando o recebimento e parabenizando a iniciativa de duas empresas ao criarem seus próprios periódicos: o *Boletim Epson*, da *Casa José Silva- Confecções S.A.*, do Rio de Janeiro e o *Boletim Eberle*, da *Metalúrgica Abramo Eberle S.A.*, de Caxias do Sul. Ao fim da nota sobre o *Boletim Epson*, é dito: “com prazer faremos intercâmbio”,⁶¹ contudo, é interessante que esses dois periódicos não foram posteriormente citados na seção de publicações recebidas. Essa seção não estava presente em todos os números, não havendo uma periodicidade, assim, podemos entender que nem

⁶⁰ **BOLETIM RENNER**, ago. 1950, p. 6.

⁶¹ **BOLETIM RENNER**, ago. 1956, p. 18.

todos os periódicos recebidos estavam listados, logo, o universo dos impressos institucionais recebidos pela Renner poderia ser maior.

Na nota citada anteriormente, o *Boletim Eberle* é aludido como uma das mais bem feitas publicações do gênero no país “Pela sua apresentação, em bom formato e papel e pela escolhida matéria e caprichosa paginação”.⁶² Em relação a esse periódico, encontramos uma coleção completa com 84 números impressos entre 1956 e 1965, na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.⁶³ Percorrendo suas páginas, podemos perceber que o periódico que tinha como diretor Júlio J. Eberle e como redator Nestor Cutra, possuía uma estrutura de redação e gráfica demasiadamente semelhante à do *Boletim Renner*, isso pode nos indicar um possível padrão seguido pelos editores desse tipo de impresso, entretanto, só poderíamos confirmar essa hipótese tendo acesso a outras publicações do gênero.

Sobre a estrutura, no livro publicado em 1984, Gaudêncio Torquato constrói uma espécie de manual para o jornalista empresarial. A proposta de roteiro do autor para a escolha de conteúdo, abrange tipos de matérias que podem ser selecionados pelo editor para compor cada número, sendo elas: matérias institucionais, associativas, ilustrativas, de educação e matérias de lazer.⁶⁴ Essa proposta foi constituída pelo autor, tendo em vista sua pesquisa nos periódicos institucionais brasileiros e a análise que fez dos conteúdos desses. Isso explica o fato de percebermos que a orientação do autor já estava em prática no *Boletim Renner*, visto que é nítida essa divisão de conteúdos no periódico. Assim sendo, notamos entre os redatores a prática dessa lógica, anos antes dessa diretriz ser posta teoricamente. Desta forma, compreendemos que o modelo seguido pelos editores era aprendido e reproduzido na prática, possivelmente exportado de periódicos do exterior, e que, posteriormente, através dos livros de Torquato e da ABERJE, se regularizou como ideal.

⁶² **BOLETIM RENNER**, ago. 1956, p. 29.

⁶³ O *Boletim Eberle* recebeu atenção como fonte de pesquisa sobre a construção da identidade social e regional de Caxias do Sul no seguinte estudo: POEGERE, Elias Ricardo. **A construção da identidade na Região Colonial Italiana: o processo de modernização e urbanização como fator de memória e esquecimento do Frigorífico Rizzo, em Caxias do Sul – 1938 a 1960**. Dissertação (Mestrado profissional em História). Universidade Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2016. Notadamente no capítulo dois intitulado *A cidade ideal e o mito Abramo Eberle por meio do discurso do Boletim Eberle*, p. 47-70.

⁶⁴ TORQUATO. **Jornalismo empresarial...**, 1984, p. 106.

Levando em consideração que conseguimos perceber claramente a proposta de divisão de conteúdo de Torquato no *Boletim Renner*, apresentaremos a estrutura deste a partir desses grupos de matérias. Sendo assim, a seguir procuraremos apresentar a estrutura do periódico, com suas colunas e reportagens, através dos referidos grupos.

As matérias institucionais são aquelas que tem como objetivo principal tratar da instituição, nesse caso, das indústrias e Lojas Renner. Dentro das matérias que tratam especialmente da instituição, temos os quadros e colunas de dados, que estão presentes na maior parte dos números do *Boletim Renner* e ocupam o espaço de contracapa, onde também pode estar alguma nota com informação mais pontual. Nesses quadros, em geral, temos os números relativos ao serviço social, as refeições oferecidas no refeitório, crianças atendidas na creche, as consultas médicas, odontológicas e de vacinação fornecida, dados referentes às visitas e publicações recebidas pela instituição, e também, aqueles relativos às cooperativas de crédito e de consumo. Além dos quadros informativos sobre a instituição, atendendo o grupo de matérias institucionais, estão as reportagens que visam tratar dos processos produtivos, apresentar departamentos, máquinas e métodos.

Já as matérias associativas têm como foca a relação do trabalhador com a instituição, na vida social relacionada ao empreendimento. Dentro desse grupo temos as listas de nascimentos, aniversários, casamentos e falecimentos; as parabenizações aos trabalhadores que completam 10, 25, 40 anos de trabalho na Renner, e também, aquelas que ocupam grande parte do periódico, as reportagens voltadas às atividades desportivas da fábrica e aquelas voltadas para festas de formaturas e comemorações.

Já as matérias ilustrativas são aquelas que não possuem relação direta com o empreendimento, que buscam apresentar ao leitor notícias em geral. No *Boletim Renner* temos séries de reportagens que apresentam ao leitor algum espaço turístico do mundo, outras comentando costumes e tradições de algum lugar, algumas notícias da política internacional, ou trajetória de alguma personalidade das artes e afins, sendo que, muitas dessas matérias possuíam fotografias.

As matérias educativas têm como objetivo educar o leitor para algum assunto, seja relacionado ao trabalho ou não. Um bom exemplo disso no

Boletim Renner é a série *Aumente seu poder ampliando seu vocabulário* que busca instruir o leitor gramaticalmente para uma escrita, e também, fala correta. Além dessa, bastante presente e com o intuito educativo, assinada pelo departamento médico da Renner, está a coluna médica, que traz informações relacionadas a alimentação, saúde e bem estar. Os quadros *Conselhos práticos*, *Boas maneiras*, as matérias sobre segurança, higiene, comportamento, as campanhas de redução de índices de acidentes, aquelas colunas voltadas a mulher e ao lar, todas essas estão presentes no *Boletim Renner* e se enquadram na categoria de matérias educativas ou orientadoras.

Assim como Tânia De Luca identifica no *Boletim Ariel* uma intenção dos editores em preencher todos os espaços,⁶⁵ também verificamos isso no *Boletim Renner*. Os espaços entre matérias e colunas são ocupados por frases de grandes pensadores, poesias, indicações e dicas, todas elas com objetivo de orientar e de entreter o leitor.

Dentro das matérias de lazer encontramos no *Boletim Renner* a seção de humor que é bastante rica em ilustrações. O funcionamento dessa seção é interessante, por meio de posta-restante os trabalhadores enviam piadas, adivinhações, ilustrações e essas são posteriormente escolhidas para integrar o número e o trabalhador acaba por receber um valor caso a sua seja escolhida. Nesse espaço é notável a sátira e interação do redator ao comentar as escolhas, como por exemplo: “Dona Mariana dessa vez não deu”, “Terceira vez que recebemos essa piada senhor Rogério” ou “esse mês a senhorita Ana do setor de calçados nos surpreendeu com três excelentes piadas”.

Seguindo o mesmo modelo de funcionamento da coluna de humor, temos o Plano de Sugestões, espaço para onde o trabalhador poderia estar enviando alguma ideia para o melhoramento do processo produtivo de algum setor, ou mesmo para a dinâmica fabril, como para o refeitório, cooperativa e afins. Após o envio, essa sugestão é analisada, não fica claro por quem, e sua avaliação é publicada no número seguinte. Caso seja aceita, o trabalhador que a enviou recebe uma bonificação, caso não seja aceita é dado uma explicação para tal. É no Plano de Sugestões que podemos ver mais claramente a fala operária e suas demandas, entretanto, esses pareceres dos operários que

⁶⁵ DE LUCA. Periódicos lançados por editoras... 2017.

devem se referir exclusivamente a melhorias técnicas, também são regradados pela empresa e colocadas após a análise do grupo.

Temos princípio que em qualquer trabalho, em quaisquer funções, por mais simples que possa parecer, HÁ SEMPRE OPORTUNIDADE DE ALGO A SE MELHORAR, DE ALGO A SE INVENTAR, CRIAR, CORRIGIR, APERFEIÇÔAR⁶⁶..

Percebendo esses grupos de matérias que fazem parte do *Boletim Renner*, compreendemos que os objetivos do periódico são múltiplos e que mesmo sendo um periódico institucional, sobretudo para a classe trabalhadora, ele não era uma publicação somente sobre trabalho, mas que trazia uma gama de informações agradáveis à leitura, portanto, o *Boletim Renner* não era um periódico apenas para o trabalhador, mas para a família operária, apesar de também ser distribuído entre outros nichos. Ou seja, podemos pensar no periódico como um espaço também voltado ao lazer.

Após essa exposição geral sobre a estrutura do periódico, discorreremos sobre a editoria do *Boletim Renner*. A respeito dessa, não encontramos nenhuma referência antes do número 105, de abril de 1954, quando o periódico passa a trazer um quadro com essas informações, exibindo a direção de Kurt Renner, filho de A.J. Renner, e a redação e planejamento gráfico com assinatura de Breno Ribeiro Würdig que em matéria publicada no *Jornal do Dia* é referenciado como chefe de publicidade da Renner e que em carta remetida a Gaudêncio Torquato, teria sido redator do periódico durante 25 anos. A partir dessa informação, se levarmos em conta que Würdig estaria por trás da redação desde o seu primeiro número em 1945, podemos concluir que o periódico circulou até 1970, entretanto, caso ele tenha assumido esse cargo posteriormente, como por exemplo em 1954, tendo em vista a primeira assinatura como redator, o periódico pode ter circulado até 1979.

Apenas em 1967, com a criação da ABERJE, que passou a se institucionalizar e profissionalizar a comunicação institucional, criando um conjunto de diretrizes e orientações para essas publicações. Sobre a produção de comunicação empresarial, antes do surgimento da ABERJE, Gaudêncio Torquato salienta:

⁶⁶ **BOLETIM RENNER**. Na esteira do tempo... Plano de sugestões. Ago, 1951, p. 8.

Na época de sua criação reinava a completa improvisação. Funcionários de escalões inferiores reuniam-se para fazer o jornal ou o boletim, escreviam eles próprios os textos, os desenhos, ajeitavam de qualquer maneira a forma gráfica da publicação, datilografavam tudo e faziam o trabalho de impressão em mimeógrafos. Muitas publicações já morriam no nascedouro, condenadas pela indefinição de objetivos, pelo amadorismo e pelo completo desconhecimento técnico de seus planejadores.⁶⁷

Contudo, o *Boletim Renner* não se encaixava nessa descrição, primeiramente por ter conseguido atravessar décadas com produção regular, e também por haver uma atenção técnica e de setor gráfico para sua produção, considerações que apresentaremos e discutiremos a seguir.

Buscando informações sobre Würdig, encontramos seu nome atrelado também a redação de outro periódico em 1963, o *TV Sul- programas*,⁶⁸ uma espécie de revista de entretenimento voltada a televisão gaúcha que circulou na década de 1960.⁶⁹ Além disso, Würdig também atuou na Secretaria de Imprensa do Partido de Representação Popular (PRP), durante o biênio 1956/1957, o mesmo partido do qual foi candidato a Deputado Estadual nas eleições de 1947 e que tinha Egon Renner como integrante.⁷⁰ Considerado isso, percebemos que Würdig não estava colocado aleatoriamente no cargo, mas que sua trajetória estava relacionada a atividade jornalística e que mantinha boas relações com a diretoria do grupo, visto que ele próprio, por vezes, publicava textos assinados para o *Boletim Renner* e para jornais de grande circulação em nome da Renner, assim como Ernesto Pellanda que também assinava textos para o periódico e que se encarregou das biografias do empresário, ou seja, Würdig e Pellanda eram os nomes de confiança da Renner em relação a comunicação e relações públicas.

Robert Darnton⁷¹ escrevendo sobre o ambiente da redação jornalística, nos mostra como ela é cercada de pressões e limites, expressando como a

⁶⁷ TORQUATO. **Jornalismo empresarial...**, 1984, p. 28.

⁶⁸ **TV Sul-programas**. Porto Alegre. 1963, ano.1, n. 4.

⁶⁹ CARVALHO, Caroline Corso. Revista TV Sul- Uma programação televisiva. Resumo publicado em evento. **Salão de Iniciação Científica da UFRGS**. 2012.

⁷⁰ CARDOSO, Claudira do Socorro Cirino. **Integralismo no processo político gaúcho: Partido de Representação Popular (PRP)**. (Tese- Doutorado em Ciência Política) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

⁷¹ DARNTON, Robert. **Jornalismo: toda notícia que couber, a gente publica. O beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 41-57.

redação está imersa em um jogo entre repórteres e editores, que no fim, são essenciais e determinam a construção das mensagens. Entretanto, o espaço relatado por Darnton é bastante diferente daquele onde se dava a redação e editoria do *Boletim Renner*.

Em março de 1949 foi publicada a matéria “Como se faz o *Boletim Renner*”, nela os processos de produção e impressão do periódico são apresentados aos leitores. Em um primeiro momento é dito que a redação é feita quase que exclusivamente por uma pessoa, Würdig, porém que há a colaboração de outros funcionários, como do fotógrafo Francisco Jaime e dos desenhistas da seção de propaganda da empresa. Na redação de Darnton⁷² há um grande espaço com muitos repórteres e redatores responsáveis por cada seção, já naquela do *Boletim Renner* temos uma redação bastante diferente, não havendo a assinatura de uma equipe editorial. Essa comparação entre a redação contextualizada por Darnton com aquela do *Boletim Renner* mostra a dissemelhança entre os periódicos tratados e destaca o diferencial do periódico que estamos estudando. Torquato comentando o jornalismo empresarial relata que a prática comum é que esses periódicos tenham uma lista de apoiadores, consultores feita por trabalhadores, e por vezes, por personalidades externas, que podem ser consultados e mensalmente reunidas para discutirem o último número e planejem o próximo.

O melhor processo para remover a natural desconfiança do pessoal em relação a qualquer coisa emanada da direção é envolver os empregados no planejamento e na produção da publicação. Este esquema fornece ao editor um apoio logístico, principalmente quando as empresas possuírem unidades geograficamente dispersas. O editor escolherá um grupo de *correspondentes* para servir de *polos informativos* nas áreas principais da organização. Os informantes não apenas lhe indicarão os acontecimentos socialmente significativos de suas respectivas seções, mas funcionarão também como críticos e avaliadores, falando em nome de determinados grupos.⁷³

Podemos acreditar que essa era a realidade do *Boletim Renner*, já que vimos colunas recorrentes assinadas por chefes de departamentos, onde relatam os resultados e novidades dos seus setores, logo, podemos pensar que existia um grupo de trabalhadores que auxiliava o editor Würdig com a redação do periódico, ou passando informações para esta. Entretanto, esses

⁷² DARNTON. ... *O beijo de Lamourette*. 1990, p. 41-57.

⁷³ TORQUATO. *Jornalismo empresarial...*, 1984, p. 85.

profissionais eram empregados da fábrica e não do periódico, sendo assim, eles não estariam competindo por melhores reportagens, por exemplo, e a cooperação no periódico poderia não significar ganhos monetários, podendo ser uma obrigação atrelada ao cargo, ou uma atividade voluntária.

Compreendemos que o modelo de redação editorial narrado por Darnton⁷⁴ não é semelhante àquele do *Boletim Renner*, entretanto, não podemos pensar que a produção desse não está imersa em esquemas de prestígios, competitividade e *status*, visto que aquele que pode escrever e opinar no jornal da empresa, está ocupando um espaço de confiança e adquirindo visibilidade.

Voltando ao processo de produção do periódico, com a redação pronta, o material segue para a Editora do Globo, onde passa por um processo de edição gráfica e impressão. Após impresso, dobrado e grampeado, o *Boletim Renner* é exportado para as fábricas onde os encarregados de cada seção se responsabilizam por distribuir entre os trabalhadores.⁷⁵

A Editora e Gráfica do Globo nasceu como uma repartição da Livraria do Globo, fundada em 1883 e que se desenvolveu conjuntamente com a industrialização do estado, tornando-se um estabelecimento gaúcho de destaque nacional, abrindo, entre 1930 e 1940, filiais nas principais cidades do Rio Grande do Sul e também em outros estados, como Rio de Janeiro e São Paulo.⁷⁶ A Livraria do Globo foi um espaço de circulação de intelectuais e políticos gaúchos, onde era debatido diferentes assuntos e acontecimentos da vida econômica, política e social.⁷⁷⁷⁸

⁷⁴ DARNTON. ...*O beijo de Lamourette*. 1990, p. 41-57.

⁷⁵ **Seleções do *Boletim Renner* (1949-1951)**, março. 1949, p. 399-407.

⁷⁶ LOPES, Aristeu. História e Memória dos Trabalhadores do Rio Grande do Sul: O acervo da Delegacia Regional do Trabalho, 1933-1943. *Revista Memória em Rede*. Pelotas, v.5, n.12, 2015.

⁷⁷ DALMÁZ, Matheus. **A imagem do Terceiro Reich na Revista do Globo (1933-1945)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

⁷⁸ Interessante notabilizar que a sede da Livraria do Globo em Porto Alegre hoje abriga uma das Lojas Renner e que possui em seu último andar um memorial da Livraria. A coabitação desses dois nomes, Renner e Globo, nos chama atenção. Em matéria publicada em 2017 no *Gaúcha ZH*, na ocasião em que se inaugurava uma estátua de Erico Veríssimo, que teve custo de 10 mil reais, é salientado que essa é mais uma iniciativa da Renner para preservar o legado do edifício. Portanto, entendemos que o memorial foi uma idealização e é mantido pela Renner. São questões que não pretendemos responder nesse trabalho, mas vale a pena fazê-las para a reflexão do leitor: Qual motivo leva a Renner a investir nesse memorial, tendo em vista que ela mesma não possui um espaço memorialístico, pelo menos não aberto ao público? O que essa iniciativa nos pode dizer sobre a relação entre ambas as organizações?

Logo, percebendo que havia um funcionário especialmente dedicado ao *Boletim Renner* e que seus processos técnicos ficavam sob responsabilidade de uma gráfica de renome, o *Boletim Renner* não deve ser visto como uma publicação feita de qualquer modo e de completo amadorismo, mas uma publicação que empregava as técnicas e conhecimentos do jornalismo, por mais que não possa ser pensada como uma empresa jornalística.

Estudando o *Boletim Renner*, estamos estudando a comunicação do empregador para com o empregado, portanto, ao analisarmos essa fonte não teremos uma narrativa que parta do trabalhador, mas sim a narrativa da empresa, dos empresários, de como eles estavam tentando se relacionar com os seus colaboradores e com a sociedade que os cercavam. Podemos pensar o *Boletim Renner* como um espaço para construir e assegurar uma identidade ligada às indústrias Renner, ou pelo menos que tinha essa intenção. Nesse periódico, os trabalhadores seriam apresentados a um conteúdo diversificado que engrandeciam o estabelecimento, levando a uma aproximação com o negócio e com os chefes, criando um vínculo de afetividade, em um espírito de engajamento, assim como também tinham acesso a formação cultural.

O *Boletim Renner* é um produto da indústria Renner, ele dependia e funcionava para ela, não podendo ser pensado, exclusivamente, como uma empresa jornalística. Contudo, ele estava em consonância com as opiniões da grande imprensa e defendia ideias semelhantes a essa, muitas vezes amparado e embasado por eles, todavia, dentro de seu espaço, onde podia defender e apresentar as ideias por meio de questões próprias. O *Boletim Renner* não disputava leitores para além de sua fábrica, ele queria se consolidar exatamente como um periódico desta, servindo a essa, ou seja, não existia *Boletim Renner* sem a Renner, embora a Renner existisse sem ele.

1.2. Uma sociedade formada por Trein, Mentz e Renner

No dia 7 de maio de 1954, ocasião em que A.J. Renner, diretor-presidente e fundador das indústrias Renner completou seu 70º aniversário, a firma *Frederico Mentz S.A* lhe presta uma conveniente homenagem.

[...] inaugurando, em expressiva solenidade nos seus escritórios, um quadro a óleo do Diretor-Presidente da nossa empresa. Participando daquela sociedade, desde de 1907,

quando na mesma ingressou com um pequeno capital na então vila de São Sebastião do Cai, o snr. A.J. Renner continua até hoje como um sócio do antigo estabelecimento e de outras organizações comerciais Mentz.⁷⁹

A homenagem da firma, juntamente com o discurso proferido por Germano Alfredo Marquardt, genro de Frederico Mentz e um dos diretores do estabelecimento, assim como os nomes presentes na solenidade, foram publicados no jornal de grande circulação *Diário de Notícias*, sendo que o próprio periódico também parabenizava o industrial.

Pertencendo a diversas e importantes organizações, A.J. Renner tem, também seu nome ligado a inúmeras associações, que já de há muito o consagraram pelo seu espírito filantrópico, sempre com novas iniciativas, especialmente no âmbito social, em cujo terreno fala melhor a sua modelar e impar organização, dentro da qual bem como fora dela, goza de uma estima geral.⁸⁰

Neste mesmo mês de maio, o *Boletim Renner* trazia uma matéria sobre a dita homenagem, indicando para nós que possivelmente o periódico fosse distribuído ao final de cada mês. A seguinte matéria cita a ausência de A.J. Renner na solenidade, pois estaria “[...] em viagem pela Europa com sua excelentíssima esposa”⁸¹ e também comenta o discurso proferido pela *Frederico Mentz S.A.*

Há um traço de marcante afinidade entre os empreendimentos Mentz e Renner [...] A homenagem, pois, que as organizações Mentz prestaram ao antigo sócio de 1907, A.J. Renner, tem o sentido de reafirmação de uma velha amizade que perdura através do tempo, enraizada por um passado de trabalho fecundo, de perseverança e de fidelidade recíproca⁸².

O discurso de Germano Marquardt também citava a antiga relação entre os negócios e as famílias:

Iniciada há mais de cem anos como instrumento das trocas indispensáveis entre a agricultura local e o comércio da Província, no âmago da imperial Colônia de São Leopoldo: transferida para as margens do rio Cai, que foi por muito tempo, o caminho líquido de nossa prosperidade agrícola:

⁷⁹BOLETIM RENNER. **Completou 70 anos, no dia 7 de maio, o sr. A.J. Renner.** Porto Alegre. Maio, 1954, p. 3.

⁸⁰DIARIO DE NOTÍCIAS. **Prestada significativa homenagem ao industrial Sr. A.J. Renner pela firma Frederico Mentz S.A.** Porto Alegre, 09 de maio de 1956, p.9.

⁸¹BOLETIM RENNER. **Completou 70 anos, no dia 7 de maio, o sr. A.J. Renner.** Porto Alegre. Maio, 1954, p. 4.

⁸²BOLETIM RENNER. **Completou 70 anos, no dia 7 de maio, o sr. A.J. Renner.** Porto Alegre. Maio, 1954, p. 4.

ancorada por fim, nesta Porto Alegre de dinâmica atividade, ela como os rios que formam o nosso estuário, fez-se da união das famílias Mentz e Renner ao velho tronco dos Trein, através do grande e inoxidável animador de iniciativas, do progressista e incansável trabalhador que foi o nosso titular, o saudoso Frederico Mentz.⁸³

Essa relação pode ser vista quando analisamos o conjunto de documentos relativos à indústria têxtil da Renner, no acervo da Junta Comercial, Industrial e Serviços do Rio Grande do Sul (JUCIS-RS). No dia 2 de janeiro de 1911 foi protocolada, na então Junta Comercial de Porto Alegre, uma sociedade industrial, uma fábrica de tecidos, que levava o nome de seu primeiro gerente, *Frederico Engel & Cia*. Neste documento, além de ser constatado o investimento inicial, na quantia de cinquenta e dois contos de réis, também é possível verificarmos o nome dos investidores e a quantia depositada por cada um.

Tabela 1:Relação de sócios com seus investimentos na A.J. Renner & Cia, 06 de fevereiro de 1911.

Adolfo Oderich	5:000,000
Antônio Jacob Renner	5:000,000
Carlos Oderich	2:000,000
Christiano Trein	5:000,000
Felippe Ritter	5:000,000
Frederico Engel	5:000,000
Frederico Jacob Michaelsen	5:000,000
Frederico Mentz	5:000,000
Frederico Müller	3:000,000
João Elias Nabinger	5:000,000
Reinaldo Selbach	5:000,000
Rodolfo Kallenbach	2:000,000

Fonte: JUCIS-RS. (Tabela construída pela autora). 2019.

A historiadora Maria Karina Ferrarreto apresentou em sua dissertação, uma das mais recentes discussões sobre o processo de industrialização nacional e, mais especificamente, Rio-grandense. Através de ampla revisão bibliográfica a autora chega ao corolário de que a indústria brasileira teve início através de três fatores que, mesmo distintos, andaram conjuntamente, sendo eles: as condições econômicas e políticas favoráveis, o surgimento de uma nova elite empresarial e urbana e a disponibilidade de mão de obra.⁸⁴

⁸³Prestada significativa homenagem ao industrial Sr. A.J. Renner pela firma Frederico Mentz S.A. **Diário de Notícias (RS)**, 1954, edição 56, p. 9. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

⁸⁴FERRARETO. **Sociedades nem tão anônimas...**, 2017, p. 24.

A industrialização gaúcha teve um desenvolvimento peculiar, considerando que nas demais regiões do país os investimentos industriais vieram de um acúmulo de capitais gerado pela exportação do café. Tendo isso em vista, se desenvolveu no estado dois modelos distintos de industrialização, um que teve como polo as cidades de Pelotas e Rio Grande, com grandes estabelecimentos que produziam para exportação nacional e outro que, concentrado na região metropolitana de Porto Alegre, se caracterizava pela diversidade de ramos e pequenas indústrias que atendiam principalmente o mercado regional. Há uma extensa discussão sobre o processo de industrialização no Rio Grande do Sul.⁸⁵ Para os fins dessa pesquisa, entenderemos como industrialização um movimento de modernização e urbanização que abrange a inserção tecnológica, o emprego de mão de obra assalariada e, por vezes, especializada, e o ritmo industrial, fabril de trabalho e produção, que levou a intensas mudanças sociais e econômicas.⁸⁶

Neste mesmo sentido, ainda tomando as concepções de Sandra Pesavento, acreditamos que a origem do capital aplicado no processo de industrialização gaúcho teve origens distintas, ou seja, houve fábricas que através do capital comercial já nasceram prontas, indústrias que surgiram por meio da evolução do artesanato, outras pequenas manufaturas que se desenvolveram pelo capital comercial, indústrias que, surgiram e se desenvolveram, através do capital bancário e empreendimentos de burgueses imigrantes que já vinham de seu país de origem com capitais e conhecimentos necessários para o investimento fabril.⁸⁷

Há uma concordância entre os historiadores do processo, que a imigração, principalmente a alemã, teve papel primordial na industrialização rio-grandense.⁸⁸ Diferente daqueles imigrantes que ocuparam o restante do país,

⁸⁵ Há pelo menos três perspectivas distintas, defendidas pelos seguintes autores: TEJO, Aurélio. **A indústria rio-grandense em função da economia nacional**. Porto Alegre: Globo, 1979.

ROCHE, Jean. **A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969. PESAVENTO, Sandra Jatary. **História da Indústria Sul-Rio-Grandense**. Guaíba: Riocell, 1985.

PESAVENTO, Sandra Jatary. **A burguesia gaúcha: Dominação do capital e disciplina do trabalho (1889-1930)**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

⁸⁶PESAVENTO. **História da Indústria Sul-Rio-Grandense...**, 1985, p. 17.

⁸⁷PESAVENTO. **História da Indústria Sul-Rio-Grandense...**, 1985.

⁸⁸Entre eles podemos citar principalmente: ROCHE. **A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul**, 1969.

que substituíram a mão de obra escravizada nas lavouras de café, o imigrante no Rio Grande do Sul recebia um lote de terras onde desenvolveria a agricultura de subsistência, o que acabava trazendo maior liberdade econômica para investimentos e acúmulos de capitais. Esses imigrantes, desenvolveram entre si, uma rede mercantil de produtos feitos através do aproveitamento de matérias-primas que provinham da agricultura e pecuária, como o couro, a banha e as conservas, esses produtos vieram a substituir as importações estrangeiras, abastecendo assim o mercado interno com artigos produzidos na própria região.⁸⁹

Tatiana Bartmam busca, em seu estudo historiográfico,⁹⁰ entender o posicionamento de diversos autores sobre a relevância do imigrante no processo de industrialização do Rio Grande do Sul, salientando como cada um deles entende o início do processo. Para a autora, além da importância das atividades coloniais, tanto para a experiência nos negócios urbanos, como para o acúmulo de capitais, é essencial notabilizar que o desenvolvimento da indústria deve muito às políticas econômicas nacionais e estaduais. A industrialização sobreviveu do final do século XIX, ao início da década de 1930, entre crises e injeções cambiais,⁹¹ somente na terceira década do século XX que a indústria se tornaria um empreendimento estável, ganhando espaço progressivo na economia nacional, por conta das impossibilidades de importação e exportação que, devido à crise que se instalara no fim da década de 1920, abriu espaço para a economia industrial.

Conforme apontado por Heloisa Reichel,⁹² o setor têxtil ocupava um lugar de destaque na indústria rio-grandense, por conseguinte, apresentava bom desempenho na indústria nacional, fazendo do Rio Grande do Sul, em 1907, o terceiro maior polo industrial do Brasil, no que tangia o número de estabelecimentos, capital empregado, mão de obra e valor de produção. Foi a partir da indústria têxtil que o Rio Grande do Sul consolidou suas bases industriais, tornando esses os maiores empreendimento fabris do estado. A

⁸⁹COSTA, Achyles Barcelos da. Algumas características da industrialização gaúcha. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v.10, n.1,1989, p.24-46.

⁹⁰BARTMANN, Tatiane. Industrialização e imigração no Rio Grande do Sul: Um estudo historiográfico. **Anais do XI Encontro Estadual de História da Anpuh: História, Patrimônio e Memória**. 2012.

⁹¹REICHEL, Heloisa. **A indústria têxtil do Rio Grande do Sul- 1910/1930**. Porto Alegre: IEL/Mercado Aberto, 1978.

⁹²REICHEL. **A indústria têxtil do Rio Grande do Sul- 1910/1930...**, 1978, p. 17.

fábrica Rheingantz, por exemplo, fundada em 1873, no município de Rio Grande é a primeira na fabricação de lã no Brasil e o empreendimento de maior destaque.⁹³

No caso das indústrias têxteis, entretanto, a existência de capitais também era importante, já que este era o ramo que exigia maior assimilação de tecnologia moderna. O Rio Grande do Sul, dentre os demais estados do país, foi um dos que apresentou estes fatores em bom nível de desenvolvimento, sendo que, na sua origem, se encontravam vinculados a uma produção agrícola diversificada e a um comércio que se desenvolvia no interior do Estado e no mercado nacional.⁹⁴

Contudo, nem todas as indústrias têxteis funcionavam da mesma maneira e se desenvolviam no mesmo movimento. Diferente da maioria dos ramos da indústria gaúcha que, na primeira década do século XX caracterizou-se pelo mercado interno, a indústria de tecelagem e fiação foi uma exceção, exportando grandes quantidades para outros estados do Brasil e para países vizinhos.⁹⁵ Aquelas cidades que estavam vinculadas aos centros de exportação, comercialização e produção como Pelotas e Rio Grande, produziam principalmente para a exportação e importavam sua matéria prima atendendo uma clientela nacional que preferia investir na produção de peças em algodão e brim. Enquanto isso, as indústrias localizadas na zona colonial e na capital investiram no mercado interno e na produção de produtos com matérias primas do próprio estado, estabelecendo indústrias menores. Os dois modelos de empreendimentos enfrentaram problemas, enquanto o primeiro sofria com a concorrência dos produtos do sudeste brasileiro e também com os custos da importação de matérias primas, o segundo tinha problemas em relação ao capital que era gerado exclusivamente no comércio interno, levando a difícil acumulação e, portanto, ao baixo desenvolvimento.

Foi nesse contexto que em 1911 o grupo de empresários listados na tabela 1, que se dedicaram principalmente ao transporte fluvial e pequenos

⁹³ Sobre a Rheingantz ver: FERREIRA. **Os três apitos: memória coletiva e memória pública, Fábrica Rheingantz, Rio Grande, RS, 1950-1970**. 2002.

PAULISTSCH. **Rheingantz: Uma vila operária em Rio Grande -RS**. 2003.

MATOSO. **As Marias que tecem os amanhã: fiando a existência e tramando a resistência na fábrica Rheingantz (Rio Grande, 1920 a 1968)**. 2019.

⁹⁴REICHEL. **A indústria têxtil do Rio Grande do Sul- 1910/1930...**, 1978, p. 17., p. 22-23.

⁹⁵REICHEL. **A indústria têxtil do Rio Grande do Sul- 1910/1930...**, 1978, p. 17., p. 33.

empreendimentos industriais e comerciais, afetados pelo alongamento da estrada de ferro na primeira década do século XX e, conseqüentemente, pela perda de mercados para produtos metropolitanos, passaram a investir em novos negócios.⁹⁶ A ideia inicial, de financiar e instalar uma indústria têxtil em São Sebastião do Caí, parecia promissora, porém dentro de um ano, os teares de madeira instalados em um galpão e as técnicas empregadas, não se mostraram eficazes para o desenvolvimento da fábrica, nisso diversos sócios acabaram se retirando do negócio, tornando necessária uma decisão sobre o futuro da pequena fábrica, assim foi nomeado A.J. Renner para dirigir o negócio que receberia investimento financeiro para adquirir um maquinário mais moderno.

A.J. Renner tinha depositado ali suas esperanças e economias. Por isso na reunião dos acionistas que decidiria o futuro da tecelagem, propôs seu nome para direção. Interpelado por Frederico Mentz, admitiu desconhecer os detalhes da fabricação de tecidos, mas prometeu vencer os desafios se merecesse confiança dos sócios. Renner tinha aprovação de Mentz, pois chegara a ocupar um cargo de gerência na Christian J. Trein & Cia, sob os auspícios daquele. Nascia assim, em 2 de fevereiro de 1912, a A.J. Renner e Cia.⁹⁷

Após um ano do primeiro contrato, a firma vai novamente a JUCIS-RS afim de registrar alterações e prorrogação contratual. A partir disso, o nome é substituído para *A.J. Renner & Cia*, sendo ele o novo gerente do estabelecimento. Além disso, o capital do empreendimento é aumentado para cem contos de réis, registrando também uma nova relação de sócios investidores.

Tabela 2: Relações de sócios com seus investimentos na A.J. Renner & Cia, 02 de janeiro de 1912.

Adolfo Oderich	5:000,000
Antônio Jacob Renner	14:000,000
Carlos Oderich	2:000,000
Christiano J. Trein e Cia	20:000,000
Christiano Trein	5:000,000
Felippe Ritter	5:000,000
Francisco Barbosa Coutinho	5:000,000
Frederico Engel	5:000,000
Frederico Jacob Michaelsen	5:000,000
Frederico Mentz	14:000,000
Frederico Müller	3:000,000

⁹⁶PELLANDA. A.J. *Renner: Um capitão da indústria...*, 1944.

⁹⁷ AXT. BUENO. *A.J Renner (1884-1966): Capitão de indústrias...*, 2013, p. 45.

Frederico Trein	5:000,000
João Elias Nabinger	5:000,000
Reinaldo Selbach	5:000,000
Rodolfo Kallenbach	2:000,000

Fonte: JUCIS-RS. (Tabela construída pela autora). 2019.

Percebemos que a nova relação de investidores tem a *Christiano Trein & Cia* como principal investidor. A família Trein foi reconhecida principalmente pelos seus investimentos comerciais. Francisco Trein, pai de Cristiano Trein, emigrou de Amsterdã em 1825 com 9 anos e após contrair matrimônio em 1847 com a também imigrante Catharina Kessler, abriu uma casa de negócios, que viria a prosperar grandemente na região da linha de São José do Hortêncio, que naquele momento, pertencia ao município de São Sebastião do Caí-RS.⁹⁸ Além dos negócios comerciais, a família Trein também se envolveu na política local. Carina Martiny, contrariando estudos anteriores que salientam a dificuldade, ou mesmo inexistência dos imigrantes na política local, mostra que, na primeira eleição Municipal de São Sebastião do Caí, Francisco Trein presidia a mesa, como juiz de paz, um cargo de relevância para a política Municipal. A historiadora defende que o poder político era conquistado por conta da influência da posição que o indivíduo ocupava na sociedade, no caso de Trein, a posição de um homem de negócios lhe trazia esse prestígio social.⁹⁹ Cristiano Trein, seguindo os passos do pai, se tornou reconhecido pelos sucessos comerciais, além de também se envolver com a política local quando, em 1892, foi eleito para compor o primeiro conselho Municipal de São Sebastião do Caí.

A família Trein, a partir de suas alianças matrimoniais com membros de famílias germânicas de status, assegurava seu poder em várias esferas sociais, fossem políticas, industriais ou comerciais. Francisco Trein casou seus filhos com membros de famílias abastadas, entre eles Cristiano, Felipe Carlos, João Jacob e Frederico Guilherme, onde os três primeiros casaram com filhas e o último com uma das irmãs de Jorge Henrique Ritter que, além de grande comerciante, investia no ramo cervejeiro, fato que tornará a família Ritter

⁹⁸MARTINY, Carina. “Os seus serviços públicos e políticos estão de certo modo ligados à prosperidade do município”..., 2010, p. 57-58.

⁹⁹MARTINY, Carina. “Os seus serviços públicos e políticos estão de certo modo ligados à prosperidade do município” ..., 2010, p. 121.

conhecida pela historiografia.¹⁰⁰ Os capitais gerados pelos comércios de Trein e Ritter, de certa forma estariam intrinsecamente ligados, pois a aliança matrimonial vinha junto às sociedades de negócios.

Três dos filhos de Francisco Trein – Felipe Carlos Trein, Christiano Jacob Trein e João Jacob Trein – como já apontamos, casaram-se com filhas de Henrique Ritter. Estas eram não somente filhas de um grande comerciante de São José do Hortêncio como também irmãs de Henrique Ritter Filho, vereador em São Sebastião do Caí no período 1887-1890. Já Catarina Ritter, esposa de Frederico Guilherme Trein, era tia do mesmo Henrique Ritter Filho. Francisco Trein Filho, por sua vez, casou-se com Margarida Zirbes, filha do vereador Guilherme Zirbes (formação camarária 1881-1882), ao passo que Júlio Trein, contraiu matrimônio, em primeiras núpcias, com Maria Cristina Schmidt, filha de João Jacob Schmidt Filho, vereador em São Sebastião do Caí nos períodos 1877-1880 e 1881-1882. Outro filho do vereador Schmidt, João Jacob Schmidt Filho casou-se com Maria Mathilda Trein. Ainda entre os filhos do patriarca Trein, foi Frederico Trein quem contraiu matrimônio com Carolina Noll, sobrinha do vereador Pedro Noll, que exerceu o cargo, no período imperial, na composição camarária dos anos 1883-1886 e, no período republicano, em 1896-1900¹⁰¹.

Cristiano Trein usando a estratégia do pai casou pelo menos duas de suas filhas com membros de famílias promissoras. Catarina com Frederico Mentz e Mathilde com A.J. Renner. A partir dessas alianças matrimoniais, Trein, Mentz e Renner se uniram em grande amizade e negócios, estando seus nomes relacionados no âmbito pessoal e profissional. O sucesso de um deles representava o sucesso dos outros, assim Renner, Mentz e Trein cresceram progressivamente como comerciantes e industriários do Rio Grande do Sul.

A. J. Renner nasceu na região de Santa Catarina do Feliz que era integrada ao município de São Leopoldo-RS, no dia 7 de maio de 1884. Foi batizado com o nome do seu pai, Jacob Renner, um conhecido construtor de moinhos que mais tarde fundou uma padaria e uma refinaria de banha na cidade de Montenegro-RS, e posteriormente viria a constituir o *Frigorífico Renner* que ficou sob responsabilidade de Júlio Renner, irmão de A.J. Seu avô

¹⁰⁰Sobre a família Ritter, ver: BEISER, Ana. **De uma fábrica de antigamente à uma indústria racionalizada: O processo de desenvolvimento da Ritter Alimentos**. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2012.

¹⁰¹MARTINY, Carina. “Os seus serviços públicos e políticos estão de certo modo ligados à prosperidade do município” ..., 2010, p. 107.

se dedicava ao cultivo da terra, mas também estava envolvido em pequenos empreendimentos industriais e com compra e venda de máquinas de costuras e instrumentos musicais. A família Renner, desde seu assentamento na região do Caí, demonstrou atração pelos centros populosos e pelos trabalhos não ligados ao campo, diferente da maioria dos imigrantes que se dedicaram exclusivamente para a agricultura, a família buscou seu lugar no comércio e na indústria.¹⁰²

Através do capital gerado por esses negócios, Jacob Renner financia a ida do seu filho A.J. Renner, que no momento contava com 14 anos, para Porto Alegre, onde o jovem trabalhou como aprendiz na joalheria de Carlos Foernges. Após cinco anos de trabalho e estudo na capital, Renner volta a São Sebastião do Caí e com a ajuda familiar, abriu sua própria casa de joias. Um ano depois, já sendo conhecido como um jovem promissor, A.J. Renner contrai noivado com Mathilde Trein.

Nos anos seguintes a *A.J. Renner & Cia* altera constantemente o contrato de investidores, alguns saindo da sociedade, outros entrando, entretanto, os nomes Trein, Mentz e Renner estarão sempre em destaque dentro do empreendimento.

Frederico Mentz, além de concunhado de Renner, se tornou um grande amigo. O empresário, que possuía investimentos em diferentes áreas, como a navegação e a fabricação de banha, iniciou sua vida profissional trabalhando em balcões de casas comerciais, entre eles na Casa Trein e, em 1894, com a ajuda do então sogro, fundou a *Trein & Mentz*. Em 1907 transferiu seus negócios para Porto Alegre, onde entre outros, desenvolveu uma urbanizadora e a fábrica de banhas *Phoenix*.¹⁰³ Da família Mentz, Benno, filho de Frederico, é atualmente o único indivíduo que recebeu alguma atenção mais elaborada dos pesquisadores. Ele dá nome a um extenso arquivo composto de documentos, principalmente sobre a imigração e colonização alemã. O Acervo Benno Mentz, que teria sido iniciado por Frederico Mentz no início do século XX, atualmente pertence, em regime de comodato, à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e é composto por material

¹⁰²PELLANDA. **A.J. Renner: Um capitão da indústria...**, 1944, p. 14.

¹⁰³ MIRANDA, Adriana Eckert. **Planos e projetos de expansão urbana industrial e operária em Porto Alegre (1935-1961)**. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Faculdade de Arquitetura. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

iconográfico, correspondências, jornais e periódicos, principalmente de origem alemã, um arquivo de genealogias e documentos das empresas da família.¹⁰⁴

Com a morte de Cristiano Trein, em 1916, sua firma é incorporada pela *Frederico Mentz & Cia*, logo as aplicações da firma na *A.J. Renner & Cia* passam para o empreendimento de Mentz, assim como as aplicações de Cristiano Trein enquanto pessoa física. Os filhos mais jovens de Trein, Arthur e Henrique são admitidos como novos sócios, entretanto percebemos que é o genro de Cristiano Trein, Frederico Mentz, que acaba por se encarregar dos negócios familiares, possivelmente, tomando para si o papel de novo chefe da família. A.J. Renner, ao escrever sobre Frederico Mentz, a quem trata com extremo carinho, aponta a relevância desse empresário para o desenvolvimento do seu negócio, comentando, inclusive que mesmo com o sucesso já alcançado, ainda considerava Mentz como um chefe.

Houve mesmo uma ocasião em que dependeu de Frederico Mentz a continuação ou a liquidação da firma. Vale a pena lembrar o fato: era eu sócio também nas diversas empresas dirigidas por Frederico Mentz e Christiano J. Trein, mas a mim cabia somente a direção da fábrica de tecidos, que então enfrentava as maiores dificuldades para vencer. Tratava-se de uma indústria inteiramente nova em nosso meio, que carecia de quase tudo para manter-se e desenvolver. Todos os outros estabelecimentos apresentavam lucro, menos o que eu dirigia.¹⁰⁵

Pensando no transporte de matérias primas e no mercado consumidor é proposto aos investidores que mudassem a fiação para a capital do estado, Porto Alegre, e assim é adquirido o terreno do antigo Prado, no bairro Navegantes, que vinha se constituindo em uma zona industrial, recebendo pequenas fábricas de imigrantes coloniais e trabalhadores interessados nas atividades urbanas e fabris¹⁰⁶. Durante dois anos, A. J. Renner, dividiu-se entre a capital e São Sebastião do Caí, enquanto na primeira cidade a matéria prima passava pelo processo de fiação, na segunda o fio era tecido e a peça confeccionada, voltando a Porto Alegre para o comércio. Nesse momento de

¹⁰⁴RAMOS, Rosângela Cristina. Uma amostra das relações de parentesco como estratégia de empreendedorismo, entre os séculos XIX e XX. **XII Encontro Estadual de História da ANPUH-RS**. São Leopoldo: Unisinos. 2014.

RAMOS, Rosângela Cristina. Breve histórico do acervo Benno Mentz: Considerações sobre sua trajetória desde o século XIX. **XXVIII Simpósio Nacional de História**. Florianópolis. 2015.

¹⁰⁵ AXT, Gunter (Org). **Parlamentares Gaúchos- A.J. Renner, discursos e artigos (1932-1952)**. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Estado do RS/CORAG, 2000, p. 259.

¹⁰⁶ FORTES. **Nós do Quarto Distrito...**, 2004., p. 29- 49.

transição, além de ocorrer um amplo aumento no capital da fábrica que foi de cem contos de réis para trezentos e cinquenta, houve uma importante reorganização de sócios.

Tabela 3: Relação de sócios com seus investimentos na A.J. Renner & Cia, dia 30 de dezembro de 1916.

Frederico Mentz e Cia	135:000,000
Frederico Engel	15:000,000
Alfredo Renner	25:000,000
Reinaldo Selbach	5:000,000
Antônio Jacob Renner	25:000,000
Arthur Trein	25:000,000
Henrique Trein	25:00,000
Frederico Mentz	40:000,000
Frederico Trein	40:000,000

Fonte: JUCIS-RS. (Tabela construída pela autora). 2019.

A capa ideal, peça de vestuário desenvolvida por A.J. Renner com a intenção de substituir o antigo pala, foi um sucesso nacional. É possível ver nas fotografias da Revolução de 1923 os homens vestindo a capa (Figura 1) e, em 1932, os militares rio-grandenses também foram equipados com uma capa verde oliva, tornando essa uma vestimenta oficial de frio (Figura 2).

Figura 1: As Capas Renner na Revolução de 1923.



Fonte: Blog Facas Riograndenses, 2016.

Figura 2: As Capas Renner na Revolução Constitucionalista em 1932.



Fonte: Blog Facas Riograndenses, 2016.

A figura 1, mostra a invasão do Zeca Neto em Pelotas-RS, a direita da imagem um soldado usa uma Capa Ideal Renner, já na fotografia ao lado, que também está assinalada como uma fotografia da Revolução de 1923, percebemos o homem a direita também com uma Capa Renner. Na figura 2 são colocadas fotografias da Revolução Constitucionalista em 1932 em que vemos nitidamente o uso das Capas Renner pelos militares gaúchos. E na foto abaixo que possivelmente data dos anos 1950, podemos notar o uso da Capa Renner pelo exército¹⁰⁷.

Figura 3: Militar do exército gaúcho em 1950 usando uma Capa Renner.



Fonte: Blog Facas Riograndenses, 2016.

Com o sucesso da Capa e o crescimento progressivo da fábrica, em 1916 foi notada a necessidade de unir todos os processos de fabricação em uma mesma localidade e assim foram adquiridos outros terrenos no bairro Navegantes.

É, portanto, a localização dessa área, no encontro das vias que ligavam Porto Alegre ao restante do estado e do País (inicialmente o rio Guaíba, posteriormente as estradas de

¹⁰⁷ A Capa Ideal Renner. **Blog Facas Riograndenses.** 3 de fevereiro de 2016.

rodagem e de ferro que davam acesso as colônias do interior e finalmente o campo de pouso aéreo), que explica, tanto as origens do bairro Navegantes/São João quanto o fato dessa região vir a ter concentrado o crescimento acelerado da indústria e da população da cidade, o que viria a se acentuar a partir da terceira década do século XX.¹⁰⁸

Analisando as atas da JUCIS-RS percebemos que, conforme o estabelecimento foi crescendo, o número de famílias representadas no empreendimento foi diminuindo, principalmente a partir de 1914, momento que a fábrica de tecidos passa a ser transferida para Porto Alegre, os sócios com investimentos menores acabam por se retirar do empreendimento e vender seus quinhões a outros membros.

Comparando a lista de sócios na abertura da firma com a lista de investidores de novembro de 1919, na tabela abaixo, notamos que em menos de uma década o capital foi de 52 contos de réis para 1 milhão de réis e que as três famílias principais acabaram por tomar para si todos os investimentos que não provinham de membros, exceto os de Frederico Engel, do qual trataremos adiante.

Tabela 4: Relação dos sócios com seus investimentos na *A.J. Renner & Cia*, dia 6 de novembro de 1919.

Alfredo Renner	75:000,000
Antônio Jacob Renner	260:000,000
Arthur Trein	25:000,000
Frederico Engel	35:000,000
Frederico Mentz	40:000,000
Frederico Trein	110:000,000
Frederico Mentz & Cia	35:000,000
Henrique Trein	25:00,000

Fonte: JUCIS-RS. (Tabela construída pela autora). 2019.

Frederico Arnaldo Engel foi um investidor de relevância na história do empreendimento, sendo o único fora da rede familiar composta por Trein, Mentz e Renner que teria algum poder capital na sociedade, sendo que mesmo após sua morte, em agosto de 1941, sua esposa Luiza Schütz Engel e filhos Arnaldo e Edmundo Otto Engel acabam por sucedê-lo no negócio. Ao que tudo indica, o comerciante era um grande amigo da família, principalmente de A.J. Renner, entretanto, mesmo tendo importância na sociedade, a *A.J. Renner & Cia* constituiu-se como um empreendimento familiar, utilizando dos capitais,

¹⁰⁸FORTES. *Nós do Quarto Distrito...*, 2004., p. 36.

das redes e das solidariedades construídas pelas famílias citadas. A presença de Engel, mesmo que importante, não torna isso diferente.

Porto Alegre, nos primeiros 40 anos do século XX, cresceu em ritmo acelerado e isso se deve, especialmente, ao processo de industrialização que passava o bairro Navegantes. Alexandre Fortes, ao trabalhar o crescimento do bairro,¹⁰⁹ associa este a instalação e desenvolvimento da indústria de A.J. Renner, fazendo com que a história do bairro estivesse intrinsecamente ligada ao sucesso da Renner.

Tabela 5: Aumento de capital da indústria A.J. Renner & Cia entre 1911-1940.

ANO	CAPITAL
06/02/1911	52:000\$000
02/01/1912	100:000\$000
30/12/1916	350:000\$000
06/11/1919	1.000:000\$000
09/04/1922	2.000:000\$000
09/04/1926	5.000:000\$000
25/01/1929	6.500:000\$000
10/06/1929	8.250:000\$000
17/10/1934	10.000:000\$000
28/12/1936	12.000:000\$000
18/01/1940	16.500:000\$000

Fonte: JUCIS-RS. (Tabela construída pela autora). 2019.

Heloisa Reichel, ao trabalhar a situação da indústria têxtil no período da Primeira Guerra Mundial (1914-1918),¹¹⁰ percebe que ocorreu um aumento no consumo do algodão nacional, pois na medida que a importação de produtos estrangeiros ficou difícil, não ocorreu uma queda no número de exportações, fazendo com que a demanda de produtos brasileiros aumentasse em solo nacional e não diminuísse no exterior. As indústrias nacionais que receberam investimentos financeiros antes do período de guerra, conseguiram aumentar o número de produção, sem grandes alterações em suas capacidades produtivas, gerando um acúmulo de capitais.

Ao tempo que o número de empreendimentos têxteis crescia em Porto Alegre, nos centros exportadores de Rio Grande e de Pelotas a quantidade de

¹⁰⁹ FORTES. *Nós do Quarto Distrito...*, 2004, p. 32-33.

¹¹⁰ REICHEL. *A indústria têxtil do Rio Grande do Sul- 1910/1930*. 1978, p. 46.

fábricas permanecia a mesma. Sendo assim, o setor passou a ser mais notável no mercado interno, fazendo que, mesmo com o crescimento da demanda regional, a participação do Rio Grande do Sul na economia nacional decrescesse, tendo em vista, o ritmo acelerado que a indústria do Sudeste alcançou nesse contexto.¹¹¹

Ao fim do período de guerra, a indústria têxtil continuava a liderar o processo de industrialização do estado. O conflito trouxe expressiva demanda de produtos, o que ocasionou consequentemente, lucro para as fábricas, no entanto, verificou-se a regionalização do setor, que perdeu espaço no mercado nacional e ganhou no mercado estadual.¹¹² Foi nessa conjuntura que as capas da Renner atingiram demasiado sucesso, provocando uma multiplicação do valor das suas vendas em quinze vezes, no período de 1914 a 1919.¹¹³

No ano de 1921, a Renner produzia três modelos de capas, *Ideal*, *Colonial* e *Tropical*, que tinham excelente demanda de consumo. Entretanto, preocupado com a saturação do mercado, em 1922, a Renner começa a diversificar sua produção têxtil, iniciando com modelos de ternos e *tailleur*¹¹⁴ do mesmo material das capas. Tendo em vista o clima de nosso país, na primeira viagem à Europa de A.J. Renner, foram adquiridos maquinários para a produção de peças leves, de fiação penteada, logo, estendendo para produção de peças de malha, seda, calçados e chapéus o que acabou por exigir novas técnicas e equipamentos. Neste mesmo ano é inaugurada a primeira loja na Rua Doutor Flores, no centro de Porto Alegre, e uma rede de revendedores em todo o país, que trazia um novo conceito para o mercado, a roupa de prova, que já vinha pronta e permitia o ajuste no próprio local de compra.

Assim, podemos perceber que, na década de 1920, a Renner foi marcada por investimentos qualitativos e de capacidade produtiva, modernizando seus prédios, inserindo novas técnicas, tecidos e voltando suas atividades para novas peças que poderiam ser vendidas nacionalmente. Isto fez deste empreendimento uma exceção no estado, considerando que a maior parte das indústrias têxteis sofreram estagnação nos índices de crescimento,

¹¹¹ São Paulo foi o estado mais favorecido, tendo em vista a maior capacidade de acumulação de capitais causada pela política de valorização do café.

¹¹² REICHEL. **A indústria têxtil do Rio Grande do Sul- 1910/1930**.1978, p. 65.

¹¹³FORTES. **Nós do Quarto Distrito...**, 2004, p. 181.

¹¹⁴ Conjunto feminino de saia e paletó.

devido a concorrência das indústrias paulistas e a saturação do mercado de lãs, que era a especialidade da indústria gaúcha.¹¹⁵

Frederico Mentz faleceu em agosto de 1931, entretanto apenas em setembro de 1933, teremos outra alteração de contrato homologada. Nessa nova alteração o sócio Alfredo Renner retirou-se da sociedade e Catharina Mentz Renner assumiu os quinhões do marido como sócia comanditária. Nesse mesmo contrato é reajustado o salário dos sócios solidários, que são aqueles que recebem pela gerência do estabelecimento, nesse momento A.J. Renner e Henrique Trein passam a receber respectivamente 5:000,000 e 4:000,000 contos de réis. Os demais sócios permanecem na posição de comanditários, ou seja, possuem direito a voto nas decisões contratuais, porém não trabalham diretamente no estabelecimento, por conta disso não possuem um salário.

Entre 1930 e 1940 o setor industrial brasileiro cresce consideravelmente, enquanto a agricultura acabou por estagnar-se, diante disso, a economia brasileira passa por uma reorganização e a indústria se torna o setor mais dinâmico no desenvolvimento capitalista. Durante a década de 1930, além de ampliar a produção, importando novos maquinários, a Renner diversifica ainda mais sua produção, investindo nas empresas colaterais já existentes e criando novas. Foram feitos novos investimentos na fábrica de tintas e óleos, fundada em 1927, criando em 1933 uma seção de latoaria, e uma fábrica de máquinas de costura em 1936 e mais tarde, em 1947, uma fábrica de porcelanas.¹¹⁶

Na década de 1930, na ocasião do Golpe de 1930, A.J. Renner ingressou na vida política quando, naquele ano, foi convocado pelo interventor Alberto Bins para junto a ele e outros industriais¹¹⁷ organizar um comitê de classe. O Comitê Industrial que teve papel essencial na formação da entidade da classe industrial gaúcha, visto que até aquele momento, os empresários do ramo estavam representados por entidades da classe comercial. Logo, no dia 7 de novembro de 1930, sob a presidência do próprio A.J. Renner, foi fundado o

¹¹⁵REICHEL. **A indústria têxtil do Rio Grande do Sul- 1910/1930**.1978, p. 79.

¹¹⁶ PELLANDA. **A.J. Renner: Um capitão da indústria...**, 1944, p. 26.

¹¹⁷ Inicialmente fizeram parte dessa organização além de A.J. Renner, os empresários Ernesto Neugebauer, Oscar Campini, João Wallig, Alberto Jung e Oscar Gertum (METZ, Marli. *A burguesia industrial gaúcha e suas tentativas de organização: de sua origem a 1930*. Porto Alegre: **Ensaio FEE**, 1991, p. 439).

Centro da Indústria Fabril do Rio Grande do Sul (CINFA-RS),¹¹⁸ que buscava defender os interesses da elite industrial gaúcha e ampliar seus espaços de atuação.

Porém, com o chamamento da classe política à colaboração dos industriais no movimento revolucionário de 1930, abriu-se caminho para a autonomia representativa. Assim, em reunião de 7 de novembro de 1930, o Comitê deliberou pela criação do Centro da Indústria Fabril do Rio Grande do Sul, que mais tarde deu origem a Fiergs. A 17 do mesmo mês reuniram-se as 24 firmas fundadoras em um almoço no Clube do Comércio de Porto Alegre e em 19 de janeiro foram aprovados os estatutos da nova entidade, tendo por presidente A.J. Renner.¹¹⁹

Neste momento político conturbado, Renner já havia exposto seus posicionamentos publicamente, o que fez dele uma voz importante para a política gaúcha, a ponto de também nesse ano ser convidado pelo Secretário de Estado do Interior e Justiça, para fazer parte do Conselho Consultivo do Estado. Logo, em 1933, assumiu a vaga de vice-presidente da Confederação Industrial do Brasil, entidade que criará juntamente com empresários do Rio de Janeiro e São Paulo.¹²⁰ Em meio aos debates frente a nova Constituição, promulgada em 22 de julho de 1934, foi decidido inserir no Parlamento bancadas de classe, assim, em 1935, A.J. Renner foi eleito como deputado representante dos empregadores da indústria. Entretanto, de acordo com suas biografias, percebendo a impossibilidade de manter os interesses da representação classista em concordância com a luta partidária, Renner renunciou seu cargo em abril de 1937.

Mesmo longe do sistema político partidário, A.J. Renner permaneceu sendo uma figura importante para a política gaúcha. O presidente do sistema FIERGS, Renan Proença, em 2000, no momento em que fora escrito mais um dos livros da série *Parlamentares Gaúchos*, esse em homenagem a A.J. Renner, afirmou que “O desenvolvimento da indústria no Rio Grande do Sul tem nome e sobrenome: A.J. Renner.”¹²¹ e assim Renner é ainda hoje citado como o patrono da indústria gaúcha.

¹¹⁸ Em relação a CINFA-RS, ver: METZ. **A burguesia industrial gaúcha e suas tentativas de organização...**, 1991 e NUNES. “**A Lei de Férias no Brasil é um aleijão**”..., 2016.

¹¹⁹AXT. BUENO. **A.J Renner (1884-1966): Capitão de indústrias...** 2013, p. 96.

¹²⁰ AXT, Gunter (Org). **Parlamentares Gaúchos...**, 2000, p. 36-47.

¹²¹AXT, Gunter (Org). **Parlamentares Gaúchos...**, 2000, p. 15.

Até esse ponto, entendemos que A.J. Renner era a personificação das indústrias Renner. Entretanto, para compreendermos a administração do grupo na década de 1950, a qual está centrada nossa pesquisa, é importante assinalar que além deste empresário, Henrique Trein era um nome importante da administração da fábrica, aparecendo como sócio solidário desde 1934. Os filhos de A.J. Renner, Egon, Heini, Kurt, Otto e Herbert Renner também possuíam cargos de gerência e diretoria, logo, também tinham poder de decisão, especialmente Egon Renner.¹²² Assim, se mostra relevante conhecermos um pouco destes nomes, os quais podemos identificar como uma segunda geração de investidores, entretanto, não esquecendo que A.J. Renner permanecia como figura de destaque.

Nas fontes e bibliografias consultadas, pouco encontramos sobre Henrique Trein e os filhos de Renner. Sabemos que A.J. Renner preparou seus filhos para assumirem seus empreendimentos industriais, os habilitando na língua inglesa e alemã enquanto faziam formação prática dentro das fábricas, e posteriormente, os enviando para formação técnica e superior no exterior, onde se formaram engenheiros têxteis e químicos, e estagiaram em diferentes fábricas desenvolvendo e conhecendo métodos e técnicas que logo trouxeram para o Brasil e puderam aplicar nos empreendimentos familiares.¹²³

Em pesquisa aos periódicos da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, encontramos os nomes de Henrique Trein e os irmãos Renner sempre atrelados aos negócios família, aparecendo em listas de sócios, assinando informações em relação às fábricas e marcando presença em solenidades, representando o grupo. As informações que a pesquisa encontrou sobre esses membros, pelo menos nesse momento, não puderam nos dizer sobre sua atuação dentro do grupo e para além dele. Diferente dos irmãos e do tio, encontramos vestígios de Egon Renner na historiografia relacionados a política municipal e o movimento integralista de Porto Alegre, do qual foi um dos principais líderes.¹²⁴

¹²² Por meio dos documentos pesquisados não é possível afirmar qual cargo exercido por cada um desses nomes, entretanto, tanto Henrique Trein como Egon Renner assumiram em momentos diferentes a vice-presidência da fábrica têxtil.

¹²³ Em relação aos planos de A.J. Renner para os filhos e suas formações profissionais, ver especialmente o capítulo "Construindo para o futuro" do livro: PELLANDA. **A.J. Renner: Um capitão da indústria...** 1944, p. 56-61.

¹²⁴FORTES. **Nós do Quarto Distrito...**, 2004, p. 193.

Todas essas nuances em relação a história do empreendimento industrial, sua colocação dentro do estado e também daqueles que moveram suas engrenagens, são pontos importantes para entendermos o grupo empresarial, logo, seu periódico.

A elite vinculada a esses empreendimentos se modificou, assim como o mundo a seu redor. Apesar disso, durante a maior parte de suas histórias, esses negócios estiveram sobre administração de uma família, que por meio de suas heranças, não apenas econômicas, como também culturais e simbólicas, prosperaram gerações e garantiram espaço de prestígio. Estudar esse grupo por meio do seu periódico, nos permite compreender não só o jogo social e comunicacional dos afortunados do passado, mas também nos auxilia a compreender quem são aqueles que hoje se encontram no poder.

CAPÍTULO II: O editorial do *Boletim Renner*

De forma habitual, a primeira página de um periódico é dedicada ao editorial, o texto de opinião que geralmente recebe a assinatura do redator-chefe do veículo de comunicação, onde se expressa a opinião do impresso sobre determinados temas correntes e que, de forma argumentativa, busca convencer e alinhar o leitor aos posicionamentos do grupo. No *Boletim Renner* não era diferente, tendo em suas primeiras páginas o editorial. Entretanto, esses textos de opinião eram predominantemente assinados por A.J. Renner, e posteriormente, também por Egon Renner.

O editor Breno Würdig assinava alguns textos nesse espaço dedicado à editoria, contudo, o diretor do periódico Kurt Renner não assinava nenhum, assim como também não aparecia na redação do periódico, diante disso, nos questionamos qual é o trabalho de Kurt como diretor na produção do impresso? Questão essa que demandaria fontes da redação e administração para sua resolução, logo, que não poderá ser respondida nesta pesquisa, visto a inexistência de seu nome na fonte consultada. Tendo isso em vista, por fins metodológicos, escolhemos trabalhar exclusivamente com os textos assinados por A.J. Renner e por Egon Renner, dos quais encontramos respectivamente 113 e 15 textos na coleção estudada.¹²⁵

Cada número do periódico contava com uma média de dois destes textos, que ocupavam entre três a cinco páginas. A disposição gráfica variava, podendo ser apresentado com diferentes tamanhos de fontes, em uma ou duas colunas. Entre abril de 1953 e dezembro de 1954, no centro da primeira página dos textos editoriais é anexado um retrato do diretor A.J. Renner. Essa mesma imagem é posta, como ilustração ou fotografia, nos livros institucionais de 1952¹²⁶, 1962¹²⁷ e 2013¹²⁸, assim como em demais matérias que visam comentar a atuação do diretor. Dessa forma, acreditamos que essa seja a imagem mais popularizada do empresário.

¹²⁵ A listagem com os títulos desses artigos compõe o anexo 2.

¹²⁶ PELLANDA. **40 Anos Renner- Indústria do Vestuário...**, 1952.

¹²⁷ FAUSEL, Erick. **Ideias e pensamentos de A.J. Renner: Condensado e comentado**. São Leopoldo: Rotermund & Cia LTDA. 1962.

¹²⁸ AXT. BUENO. **A.J Renner (1884-1966): Capitão de indústrias...**, 2013.

Figura 4: Retrato do diretor A.J. Renner.



Fonte: Coleção do *Boletim Renner* do NPH-UFRGS.

Apenas pelos títulos dos textos não foi possível identificar o assunto tratado. Assim sendo, efetuamos a leitura de todos os artigos, percebendo então que haviam temáticas que se sobressaiam entre eles, dessa forma, passou-se a se pensar como seriam trabalhados. A leitura de todo material foi essencial para que se entendesse como as ideias defendidas pela indústria eram construídas e dinamizavam entre si, logo, a compreensão de cada texto se tornou mais facilitada.

De acordo com a matéria citada abaixo, foi por meio do *Boletim Renner* que A.J. Renner começou a expressar suas opiniões publicamente.

Cabe aqui um pequeno parêntese: foi por intermédio do BOLETIM que o snr. A.J. Renner iniciou a divulgação de seus artigos, que depois publicou em jornais. As ideias, os assuntos e problemas que ventitou, pela importância e oportunidade de divulgação, como que forçou-o a continuar escrevendo para o público, e desde então vários jornais do país tem publicado seus artigos, a maioria dos quais foram já enfeixados em pequenos opúsculos, dado o interesse que despertaram os estudiosos dos problemas brasileiros¹²⁹.

A partir dos textos escritos para o *Boletim Renner*, e posteriormente também para os jornais de grande circulação, se sabe que ele publicou três

¹²⁹WÜRDIG, Breno Ribeiro. Entra para o 6º ano de existência o *Boletim Renner*. **BOLETIM RENNER**. jan, 1950, p. 3.

volumes do livro *Assuntos Econômicos e Sociais*, nos quais divulgou, respectivamente, seus textos publicados entre abril de 1948 e fevereiro 1950, março de 1951 e setembro de 1951 e, setembro de 1951 a julho de 1955. Em 1962, Erich Fausel, imigrante alemão radicado em São Leopoldo, dedicado a literatura e que escreveu, entre outras biografias, a de Alberto Bins, foi convidado por A.J. Renner para escrever sobre seus artigos publicados entre agosto de 1955 e junho de 1962, elaborando o quarto livro que publicizava as ideias do empresário da Renner.¹³⁰

No *Boletim Renner*, parte dos textos de A.J. Renner, vem com a indicação de que foram publicados anteriormente em outros periódicos, principalmente no *Diário de Notícias* e no *A Hora*, dois jornais de grande circulação. Alguns dos números possuem dois artigos editoriais tratando de um mesmo assunto. Nesse caso, o primeiro trata de uma discussão vigente no momento, buscando apresentar o problema e uma solução, enquanto no segundo texto, o empresário apresenta a resposta do Estado ao problema (uma votação, uma reunião, a promulgação de uma lei) e, a partir disso, comenta a resolução e reafirma seu posicionamento. Alguns desses textos vem com a data de publicação no periódico de grande circulação, assim percebemos que são publicados com cerca de cinco dias a duas semanas de diferença um do outro. Como o *Boletim Renner* é distribuído ao final de cada mês, essas duas publicações vêm juntas, mas foram escritas e publicadas pela primeira vez em momentos diferentes do mês.

Ao escrever e publicar esses textos de opinião, a maioria deles primeiro no jornal de grande circulação e, posteriormente republicados no *Boletim Renner*, onde argumenta em relação a assuntos correntes, entendemos que A.J. Renner tem como objetivo não apenas persuadir o leitor do periódico, mas também objetiva influenciar as tomadas de decisões públicas, fazendo suas ideias chegarem para além dos trabalhadores e indústrias, para que dessa forma, sejam conhecidas por um público mais amplo e influente.

A.J. Renner era um exímio leitor. Em seus textos seguidamente são referenciadas entrevistas e matérias jornalísticas de periódicos do exterior, principalmente dos Estados Unidos, mas também da Alemanha.

¹³⁰FAUSEL. *Ideias e pensamentos de A.J. Renner...*, 1962, p. 3.

Frequentemente ele cita órgãos de classe como o *Economic Intelligence* da Câmara do Comércio dos Estados Unidos e algumas revistas como a *Time* ou o *Boletim Volkswirtschaft*. A imprensa nacional também é citada pelo empresário, principalmente, o *Correio do Povo* e os periódicos do grupo *Diários Associados* de Assis Chateaubriand.

O período entre 1945 e 1964 foi profundamente marcado pelo confronto dos projetos que se aproximavam do comunismo e aqueles que vinham com propostas capitalistas, voltadas ao liberalismo político e de mercado. E essa disputa pelo projeto político é visível nos textos do empresário da Renner.

O período pós deposição de Vargas em 1945 e o início da ditadura civil-militar em 1964 foi de extremas inconstâncias políticas. Com a visível vitória dos Aliados na Segunda Guerra Mundial, logo, a vitória da democracia liberal, a ditadura de Vargas já não se sustentava mais, assim, foi iniciado um processo de transição política, reestruturando as bases democráticas, que levaram o país ao pluripartidarismo que dirigiu os anos seguintes. Três agremiações tiveram destaque nos confrontos políticos brasileiros desse momento: a União Democrática Nacional (UDN), o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e o Partido Social Democrático (PSD), três partidos que juntos “formaram uma estrutura triangular de poder e disputa pelo poder”.¹³¹ que durante o período democrático esteve constantemente se readequando entre conflitos e alianças.

Durante o período contamos um total de 9 presidentes, entre eleitos e interinos. Tivemos o Movimento Queremista iniciado em maio de 1945 que pedia a volta de Getúlio Vargas, que retornou em 1951, cometendo suicídio em 1954. O empossamento de Juscelino Kubitschek em 1956, com a implantação do plano de metas. A curta gestão do presidente Jânio Quadros, eleito em 1961 que após sua renúncia, apenas alguns meses depois, deixou o cargo ao seu vice João Goulart, que tido como comunista, foi impossibilitado de assumir. Com a mobilização de seus apoiadores contra o golpe empreendido, principalmente do Governador gaúcho Leonel Brizola, que encabeçou a Campanha da Legalidade,¹³² João Goulart primeiramente assumiu em regime

¹³¹ FERREIRA, Jorge. DELGADO, Lucília (Org.). **O Brasil Republicano. O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. Terceira República.** Rio de Janeiro: Civilização brasileira. 2019, p. 135.

¹³² Sobre a Campanha da Legalidade, ver: REIS, Daniela Görden. **Imagens do Poder: As fotográficas da Legalidade pelas lentes da Assessoria de Imprensa do Governo do**

parlamentarista, tendo seus poderes reduzidos e apenas em janeiro de 1963, pode assumir em sistema presidencialista que lhe dava plenos poderes presidenciais. Pouco mais de um ano depois, em março de 1964, após defender reformas de base, como por exemplo a reforma agrária, o presidente João Goulart foi deposto por um golpe militar, iniciando o período da ditadura civil-militar, que só se encerraria 21 anos depois, em 1985.

O processo histórico eleitoral dessa fase da vida republicana brasileira, traduz, de forma muito clara, as transformações sociais e econômicas por que passou a nação naqueles anos. As alianças, coligações partidárias também funcionaram como ecos das mudanças pelas quais também passava a sociedade civil brasileira.¹³³

Nesse contexto de Guerra Fria, não só a política, mas a sociedade como um todo estava dividida. No Brasil, o confronto ficava entre dois projetos, o getulismo, que deu origem ao trabalhismo, incorporado amplamente pelo PTB, mas também pelo PSD e o projeto liberal-conservador, que tinha seu maior apoio na UDN. Enquanto o trabalhismo, que defendia o fortalecimento do capital nacional com a criação de empresas estatais, era absorvido pelos trabalhadores, a liberal-democracia se contrapunha a intervenção estatal na economia e no trabalho, que defendendo o investimento estrangeiro nas empresas nacionais, era sustentada pelas elites políticas, empresariais e militares.¹³⁴

Não é de se surpreender que o empresário A.J. Renner tenha suas ideias inclinadas para o lado da liberal-democracia. Entretanto, não é interessante para essa pesquisa entender o trabalhismo e a liberal-democracia separadamente, visto que os projetos estavam em constante relação e troca, assim, não buscaremos encaixar A.J. Renner dentro de um desses projetos de forma isolada. Deste modo, ao lermos os textos do empresário publicados no *Boletim Renner* analisaremos as suas propostas dentro, e frente, a esse confronto, buscando através dos textos compreender como se montava esses posicionamentos do empresário e, principalmente, como ele publicizava e argumentava tais questões no periódico do seu grupo empresarial.

Estado do Rio Grande do Sul (1961). Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

¹³³FERREIRA. DELGADO (Org.). **O Brasil Republicano...**, 2019, p. 142.

¹³⁴FERREIRA. DELGADO (Org.). **O Brasil Republicano...**, 2019.

Dentro desse processo, dessa série de confrontos que marcou o período pós Era Vargas, o investimento na indústria crescia, consolidando esse setor no país. Luis Martins afirma que os processos de industrialização ocorrido na década de 1950, exigiu um amplo trabalho de legitimação, fazendo com que a industrialização acelerada fosse vista como possível e necessária para o país,¹³⁵ assim, a imprensa foi um espaço importante para essa propagação e validação. Martins também nos apresenta ao longo de seu trabalho como a imprensa, mais especialmente no segundo governo Vargas, era liberal, defendendo os interesses da liberal-democracia. A partir desses apontamentos, poderemos perceber ao longo deste capítulo que o *Boletim Renner*, mesmo não fazendo parte da esfera jornalística tradicional, atuou conjuntamente a essa na propaganda liberal.

A Guerra Fria é caracterizada como uma guerra de palavras, de discursos, por conta disso, a imprensa é uma importante fonte para entendermos como se dava esse conflito.¹³⁶ Deste modo, estudando o *Boletim Renner*, poderemos visualizar qual a percepção, opiniões e posições de um grupo empresarial gaúcho sobre o confronto, percebendo quais eram suas armas discursivas e quais seus argumentos dentro dessa guerra feita das palavras, das ideias, e do como elas eram postas e ditas.

Os artigos majoritariamente versam sobre questões sociais, que acabam por debater, discutir e perpassar temáticas que envolvem a política, a economia, e evidentemente, o trabalho. Deste modo, dividiremos esse capítulo em dois tópicos. No primeiro apresentaremos e analisaremos aquilo que rege o conjunto de ideias de A.J. Renner, o capitalismo social, conceito utilizado e explicado pelo empresário, que orienta todas as suas argumentações. No segundo tópico, discutiremos o que é tratado em relação a representação classista, o trabalho e o trabalhador, mostrando como A.J. Renner observava os trabalhadores brasileiros, o que dizia em relação as demandas e atuação operária e como se colocava frente a legislação social do trabalho.

A partir dessas duas temáticas compreenderemos o que defendia o grande empresário da Renner, e posteriormente seu filho, como fazia essa

¹³⁵MARTINS. **A grande imprensa “liberal” da Capital Federal (RJ)...**,2010, p. 90.

¹³⁶ SOTANA, Edvaldo Correia. O início da Guerra Fria nas páginas da imprensa escrita brasileira (1946-1949). *Diálogos*, v. 18, n. 1. 2014, p. 325- 359.

defesa no *Boletim Renner* e como este era usado para compartilhar as perspectivas empresariais. De forma metodológica escolhemos trabalhar esses dois assuntos em dois subcapítulos, contudo, é importante salientar que eles devem ser vistos como complementares para entender A.J. Renner, seu grupo e seu periódico. Deste modo, as concepções relativas à livre-empresa, o capitalismo social, o trabalho e a representação classista dialogam entre si formando a ideologia deste empresário.

2.1 O capitalismo social

Após a grande depressão de 1929, a teoria liberal saiu de voga, dando espaço para as políticas de *Welfare State*. Refletindo o liberalismo, A.J. Renner diz que: "[...] O capitalismo que sobreviveu a grande depressão mundial de 1929 é um capitalismo consciente de suas obrigações morais e sociais",¹³⁷ ou seja, o empresário trata que após a crise de 1929, o capitalismo que havia sobrevivido era consciente socialmente, dessa forma a política de bem estar social é tratada por A.J. Renner como parte e projeto, do capitalismo social.

O capitalismo social defendido e exposto por Renner é a base da estrutura de suas ideias políticas, e ele vai influir tanto na sua percepção política, como na econômica, e também, nas suas perspectivas sobre o trabalho e o trabalhador, ou seja, o capitalismo social pode ser entendido como uma lente, sob a qual, o empresário enxerga os problemas na estrutura social e também através da qual, enxerga suas soluções.

Para discorrermos e compreendermos o capitalismo social é essencial entendermos a relação desse com a livre-empresa. No número de janeiro de 1954 é publicado o artigo *Livre iniciativa e intervencionismo*, onde podemos ver a concepção política do empresário de forma mais panorâmica. No referido texto ele começa citando uma entrevista feita por um jornalista do *Diário Associados* com o Vice-Presidente da República, Café Filho, que assumiria a presidência após a suicídio de Vargas, em agosto desse mesmo ano. Naquele contexto, no qual havia uma pressão pela renúncia de Vargas, o Vice-Presidente afirma, na citada entrevista, que a sucessão presidencial se daria

¹³⁷RENNER, A.J. Coletivismo, inimigo da economia e do progresso. *BOLETIM RENNER*, jul. 1949, p. 1-2.

pela influência de duas bandeiras, a da livre iniciativa e a do intervencionismo. Após citar um trecho desta entrevista, A.J Renner inicia sua exposição, argumentando a favor da livre iniciativa, mostrando como ela se relaciona ao crescimento do país, logo, da qualidade de vida.

E nós não temos a menor dúvida de que para o bem do país, para o seu crescente desenvolvimento, para a elevação do “standard” de vida de seu povo convém que “a bandeira da livre iniciativa” seja vitoriosa, uma vez que a intervenção do Estado no campo econômico tem sido, precisamente, um dos fatores principais da grave situação a que chegamos. Basta observar o que vem ocorrendo em todos os setores em que o governo intervém: as coisas se complicam, retardam, encarecem devido em parte à centralização dos serviços, com a conseqüente diminuição de autonomia e responsabilidade; em parte pelo excesso de burocracia e pelas influências de índole partidária, que comprometem sua eficiência e os oneram desnecessariamente.¹³⁸

Após completar essa afirmação sobre o porquê da livre iniciativa ser a melhor escolha, o empresário complementa indicando que, para a proposta de não intervenção dar certo:

É necessário, efetivamente, que os empregadores se compenbrem de suas obrigações para com seus clientes e colaboradores, que pratiquem o Capitalismo Social e que abandonem de vez, aqueles que ainda tem, o hábito egoísta de só pensar em si e nos lucros que irão auferir.¹³⁹

A.J. Renner reconhece neste texto que nem todos os empresários empreendem o capitalismo social que ele declara praticar em suas fábricas. Também aponta que os trabalhadores e seus representantes fariam exigências que comprometeriam a existência das empresas. Assim, como verificado por Paulo Fontes nos discursos dos empresários da Nitro Química de São Paulo,¹⁴⁰ a ideia de indústria focada apenas no lucro também era defendida por A.J. Renner como algo do passado e que na indústria moderna todos estão sintonizados, cientes de suas responsabilidades e caminham em uma mesma direção rumo ao desenvolvimento nacional. O empresário deixa claro que apenas através dessa fórmula, que envolve o comprometimento do empregador com os problemas sociais e o reconhecimento do trabalhador sobre a sua realidade econômica, se poderia chegar a um regime de livre-

¹³⁸ RENNER, A.J. Livre iniciativa e intervencionismo. *BOLETIM RENNER*, jan. 1954, p. 3.

¹³⁹ RENNER, A.J. Livre iniciativa e intervencionismo. *BOLETIM RENNER*, jan. 1954, p. 3.

¹⁴⁰ FONTES. *Trabalhadores da Nitro Química...*, 1996, p. 76.

empresa, que levaria a produtividade, logo, ao crescimento da indústria e do padrão de vida dos brasileiros. Ideário que forma a base da estrutura ideológica do empresário, e que será defendido ao longo dos números do *Boletim Renner*, adequando-se ao problema e a situação comentada em cada texto publicado.

A ideia de livre-empresa é apresentada de forma mais clara pelo empresário, no texto em que A.J. Renner se propõe discutir o porquê do socialismo por si só não ser eficiente. Para início desta discussão ele transcreve uma das respostas que teria dado a uma série de questões enviadas por um semanário do interior do Estado para ele.

- Como defensor sincero, leal e franco do capitalismo livre, não vê o V.S. esse magno problema pelo objetivo de suas ações pessoais ou de suas empresas, julgando todos capitalistas pelo mesmo prisma de sua ação meritória?

- Não: foi a minha resposta, e esclareci: se defendo a livre-empresa (acho melhor essa denominação do que a de capitalismo livre) é porque estou convencido de que só com ela a nação poderá progredir, tornar-se economicamente grande e possibilitar um padrão de vida sempre mais alto, dentro da maior liberdade, ao trabalhador qualificado que ela própria educa e forma. Refiro-me porque no regime da livre-empresa vence o mais competente, o de maiores aptidões [...].¹⁴¹

Para essa argumentação, ele também cita o inquérito da jornalista norte-americana Dorothy Thompson, sobre a experiência trabalhista inglesa, destacando que: o excesso de burocracia, a falta de iniciativa e a pouca disposição para um trabalho realmente produtivo, fazem com que o socialismo não seja um regime eficaz, ou seja, a empresa funciona melhor quando o trabalhador está a serviço de um empresário capitalista, que é mais apto na administração, do que para o governo, que devido a centralização, torna os processos menos eficientes, como comentado no artigo citado abaixo.

Mostramos antes de mais nada, que o Estado, por mais bem intencionados e capazes que sejam seus dirigentes estará sempre preso a processos burocráticos complicados, que retardam, entorpecem e tornam onerosa a sua ação; que a centralização dos serviços concorre para uma prejudicial redução de autonomia e responsabilidade; e que, finalmente interesses políticos, de fundo partidário, estendem, quase sempre, uma teia tão resistente, que nela esbarram as melhores intenções e fica comprometida a maior parte dos empreendimentos.¹⁴²

¹⁴¹ RENNER, A.J. A desilusão socialista. *BOLETIM RENNER*, ago. 1949, p. 2.

¹⁴² RENNER, A.J. Livre iniciativa e intervencionismo. *BOLETIM RENNER*, jan. 1954, p. 4-5.

Como defensor das propostas liberais, evidentemente Renner discordava da estatização dos meios de produção e da intervenção do Estado na economia de mercado. Ainda assim, o empresário concordava que no atual momento político-econômico e o contexto brasileiro, era essencial o envolvimento do Estado nas questões econômicas e sociais, porém que isso deveria ser realizado com cautela.

A intervenção do Estado na economia e a legislação social outorgada pelos poderes públicos não podem ser evitadas nos tempos que correm, mas devemos saber que esse caminho é muito perigoso e só deve ser trilhado se outros não derem resultados [...] Na minha opinião, o “justo quinhão para todos” da utópica promessa socialista só pode ser conseguido como prêmio de aptidão, como recompensa ao maior esforço, como fruto da economia. Isso já é possível nos países de grande desenvolvimento industrial onde todos podem adquirir ações com o produto do seu trabalho e como consequência do espírito de poupança.¹⁴³

O trecho acima foi retirado de um texto em que o empresário discorre sobre a relação entre o Capitalismo, o Cristianismo e o Comunismo apresentando sua visão em relação ao Estado e sua atuação. Neste texto ele comenta o artigo de um doutor em teologia, que ressalta o cristianismo como uma instituição provedora de organização e bem-estar social e encaminha sua argumentação para comentar a proposta de participação dos trabalhadores nos lucros das empresas, sobre a qual discorda. Chama atenção a forma com que o empresário constrói o texto, ele monta todo um contexto, discute várias relações, para no fim chegar em algo que o impacta diretamente, e que não estava posto inicialmente como objetivo do texto, mas que se mostra o cerne, o ponto argumentativo que ele intenciona chegar. Nisso é possível percebermos sua habilidade de comunicação e seu notável conhecimento das abstrações políticas, as quais ele utiliza para alcançar o convencimento do leitor, construindo toda uma argumentação bem amarrada que dá coerência a questão central que, em geral, está relacionada diretamente aos seus negócios e aos trabalhadores, mas que não está colocada no título do texto.

Ainda neste mesmo texto, A.J. Renner salienta sua preocupação em relação a fé, a crença e a superstição que a população alimenta sobre o

¹⁴³ RENNER, A.J. Comunismos, capitalismo e cristianismo. *BOLETIM RENNER*, jul. 1950, p. 2-3.

Estado, estarem levando a sociedade ao totalitarismo, conseqüentemente, ao fim das democracias. Nesse sentido, ele coloca que “Mostra a história mais recente onde isso conduz: ao Estado totalitário que, como afirma, realiza o maior mal social ao destruir a personalidade do indivíduo e a própria ordem social”.¹⁴⁴

A solução indicada pelo empresário, para esse confronto, não está nem no capitalismo, nem no comunismo, mas num terceiro caminho que seria o capitalismo social. Nesse sentido, ele menciona o papel dos grupos livres, das instituições, como a igreja, para resolução das questões e que o Estado: “[...]só deve intervir quando as organizações econômicas e do trabalho, as comunas e a família, não estejam em condições ou não queiram fazer o necessário no interesse da coletividade”,¹⁴⁵ ou seja, recorrer ao Estado seria a última opção.

As instituições SESI e SENAI são constantemente citadas pelo empresário como modelos para a construção prática do capitalismo social, contribuindo para a formação profissional e a qualidade de vida dos trabalhadores. Assim, essas instituições representariam da melhor forma possível os benefícios da livre-empresa e as vantagens do capitalismo social, onde o lucro da empresa voltaria aos trabalhadores através da formação profissional e dos serviços sociais ofertados. As instituições citadas acima, juntamente com outras, serviam de símbolos da cooperação entre capital e trabalho, e da relação entre empresários e poder público. Entretanto, seguidamente A.J. Renner assinalava que os empresários não eram representados dentro do governo, logo, não seria possível que o poder público compreendesse suas necessidades, e assim, não poderiam alcançar ideias prudentes e viáveis para a solução dos problemas da indústria, dos empresários, conseqüentemente, dos trabalhadores.

A. J. Renner construiu um legado dentro da representação classista, sendo assim, estava constantemente envolvido e representando a classe de empresários industriais nas discussões das resoluções dos problemas dos empresários industriais. O *Boletim Renner* é mais um dos espaços para o empresário se colocar como um representante da classe e assegurar esse lugar, sobretudo de respeito, que já lhe era reconhecido e sólido entre os

¹⁴⁴RENNER, A.J. Comunismos, capitalismo e cristianismo. **BOLETIM RENNER**, jul. 1950, p. 2.

¹⁴⁵RENNER, A.J. Comunismos, capitalismo e cristianismo. **BOLETIM RENNER**, jul. 1950, p. 2.

trabalhadores e empresários. No *Boletim Renner* ele não comunica o trabalhador apenas aquilo que está diretamente relacionado a ele, mas também visa informar sobre as decisões do seu grupo empresarial, mostrando as discussões e decisões tomadas entre eles, que no seu discurso visavam favorecer o país como um todo, empregados e empregadores. Nesse sentido, frequentemente os centros de representação classistas eram aludidos nos textos, como quando no momento de fundação do Centro Cívico e Social da Produção do Rio Grande do Sul, ocasião em que A.J. Renner escreveu um texto exclusivamente para apresentar os objetivos e as propostas dessa criação.

Partindo do reconhecimento de que os homens do governo e os legisladores, de modo geral, não podem conhecer a fundo todos os problemas da produção, não se devendo, portanto, culpá-los pelos erros que se cometem a respeito, muitos dos quais se têm revelado contrários aos interesses da economia brasileira, que são também o interesse da nação, o Centro Cívico, na certeza de que só um país economicamente forte o será também politicamente, se propõe não só a prestar a todos os partidos as informações e dados relativos a produção, mas a manter na Capital da República um bureau atendido por técnicos nos diferentes setores da economia nacional e chefiado por alguém que, com grande boa vontade, se propõe a servir as forças produtoras.¹⁴⁶

Outro exemplo, dando continuidade a perspectiva, são aqueles textos dedicados a comentar a atuação da ASCAR (Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural). Mesmo não possuindo nenhuma relação direta aos negócios do grupo Renner, ou mesmo com seus trabalhadores, o projeto do empresário Kurt Weissheimer, diretor do Banco Agrícola Mercantil, está nas páginas do *Boletim Renner*, sendo apresentado e defendido.¹⁴⁷

Levando em consideração essa série de textos sobre a ASCAR¹⁴⁸, entre outros textos que apresentavam iniciativas empresariais, não diretamente ligadas às indústrias Renner ou aos seus empresários, podemos considerar que outro objetivo dos textos, era o de integralizar os negócios dos

¹⁴⁶ RENNER, A.J. Centro Cívico e Social da Produção do Rio Grande do Sul. **BOLETIM RENNER**, abril. 1950, p. 2.

¹⁴⁷ A.J. RENNER. Associação Sulina de Crédito e Assistência Social (ASCAR) e Realizações da ACAR em Minas Gerais. **BOLETIM RENNER**. Set. 1955, p. 1-8.

¹⁴⁸ A ASCAR completou em 2020 65 anos de atuação. A matéria a seguir referenciada comenta o desenvolvimento histórico dessa entidade, importância dela para melhoria da condição de vida do trabalhador rural e o papel dos empresários para sua criação, desenvolvimento e consolidação. Ascar, 65 anos fortalecendo o meio rural gaúcho. **Emater**. 1 de julho de 2020.

empresários da região, como uma forma de propagandear não apenas aqueles em que estava envolvido, mas os empreendimentos de seus aliados, ou seja, da classe que ele representava e que viriam a favorecer aqueles que pertencem a ela.

Deste modo, percebemos também que mesmo voltado aos trabalhadores, o *Boletim Renner* não comunicava sobre iniciativas dos operários – e muito menos de seus sindicatos –, mas sim aquelas dos grupos dirigentes, afirmando mais uma vez a constatação que o periódico não era um espaço da classe trabalhadora.

Por meio da leitura dos textos editoriais do *Boletim Renner*, podemos nos atentar também para o papel dos periódicos da comunicação institucional na circulação das ideias e projetos dos empresários, inclusive do exterior. É bastante comum A.J. Renner citar e embasar suas ideias com aquelas de outros empresários, apresentando e comentando dados, como no caso a seguir, no qual ele comenta uma pesquisa realizada com trabalhadores estadunidenses sobre seus posicionamentos em relação a intervenção estatal.

E se lá, no país [EUA] que realizou o maior progresso industrial da nossa era, proclama a maioria dos trabalhadores que é indesejável a intervenção do governo na economia da empresa privada, muito mais necessária será igual orientação aqui, onde tudo está por fazer-se, para que com o tempo possamos atingir o desenvolvimento semelhante e semelhante distribuição de riqueza pública.¹⁴⁹

Esses dados, pesquisas e entrevistas citadas nos seus artigos eram em grande maioria retirados de congressos e periódicos representantes da classe empresarial. Desta maneira, essa prosperidade norte-americana que era glorificada nas páginas do *Boletim Renner*, era a perspectiva dos órgãos empresariais. O *Economic Intelligence* “minúsculo, mas bem condensado órgão da Câmara de Comércio dos Estados Unidos”¹⁵⁰ era um dos mais citados por A.J. Renner, e por meio dessas referências, notamos que o modelo norte-americano de organização econômica e social, assim como, o trabalhador estadunidense é apresentado como exemplo a ser seguido pelos brasileiros.

A mola real da prosperidade que satisfaz ao povo e ao operariado estadunidense é o lucro, vale dizer o prêmio a capacidade de iniciativa e de realização, ao espírito inventivo e

¹⁴⁹ RENNER, A.J. O operário americano e o socialismo. *BOLETIM RENNER*, jul. 1950, p. 5.

¹⁵⁰ RENNER, A.J. O operário americano e o socialismo. *BOLETIM RENNER*, jul. 1950, p. 4.

o destemor ao risco que são as características daquela coletividade de empreendedores [...] É natural assim que considerem o lucro não o mal que o socialismo proclama, mas um bem, um estímulo para o progresso, como é, realmente.¹⁵¹

O empresário não dedica seus textos a discutir problemas internacionais, mas se utiliza deles para explicar os problemas nacionais, assim ao discutir o confronto capitalismo *versus* comunismo, ele busca trazer temas tangentes ao país e seu contexto. O clima de Guerra Fria, como podemos ver na citação acima, está constantemente nas páginas do *Boletim Renner*, seja nos artigos de A.J. Renner, ou em outras matérias, o confronto entre o capitalismo estadunidense e o socialismo soviético, está posto diretamente, ou nas entrelinhas dos textos e reportagens para discutir questões nacionais.

Se não tivesse eu certo disso eu não dedicaria o meu tempo a alertá-los para os perigos que correm não apenas a livre empresa a democracia, mas, os direitos fundamentais do homem diante da dominação estatal, qualquer que seja o rótulo com que se apresente: comunismo, socialismo ou trabalhismo¹⁵².

Todavia, não apenas os Estados Unidos servem de exemplo político-social para a empresa, mas também a Alemanha, que por vezes também é citada no periódico como um modelo a ser seguido por empresários e operários. No artigo *Pensamentos sobre a ordem social*, Renner apresenta o texto do *Boletim Volkswirtschafte* mostrando como o posicionamento deles são semelhantes, em relação a cooperação entre capital e trabalho, utilizando esse texto para discutir e certificar o porquê do comunismo e socialismo não serem sistemas viáveis e interessantes para o bem-estar da nação. Assim, ele salienta e afirma a citação do referido boletim alemão de que o comunismo e o socialismo perturbam a ordem natural das coisas, e que o melhor sistema seria aquele onde a livre manifestação dos direitos individuais caminhe junto com as responsabilidades pelos deveres sociais, prezando pelo bem do coletivo, ou seja, nem o comunismo e nem o socialismo seriam interessantes, pois, em ambos a livre iniciativa fica extinta.¹⁵³

¹⁵¹ RENNER, A.J. Socialismo e capitalismo. *BOLETIM RENNER*, jan. 1950, p. 1

¹⁵² RENNER, A.J. Comodismo, o pior inimigo da democracia. *BOLETIM RENNER*, maio. 1949, p. 1-2.

¹⁵³ RENNER, A.J. Pensamentos sobre a ordem social. *BOLETIM RENNER*. Abril. 1954.

Outro obstáculo apontado pelo empresário como um problema do comunismo e do socialismo é a administração. Para embasar isso, ele novamente se utiliza do órgão da Câmara do comércio dos Estados Unidos como exemplo.

Prova disso temos, diz ainda “Economic Intelligence”, na Rússia, onde, logo depois da revolução as fábricas funcionaram sob a direção de comitês de trabalhadores eleitos pelos seus pares. Estes escolhiam seus chefes, mas conservavam sobre eles estrito controle, tendo o poder de vetar suas decisões. O sistema falhou como não podia deixar de falhar e teve de ser logo depois abandonado porque, repete, o administrador não pode administrar sem tomar decisões impopulares.¹⁵⁴

Contribui para essa proposta outro artigo, escrito por Egon Renner, após uma viagem a Berlim. Nele a Alemanha é apresentada como um modelo político de capitalismo social, no texto, Egon Renner visa apresentar seu olhar sobre o “milagre alemão”, ou seja, sobre a reestruturação da Alemanha pós-guerra, e diz pretender mostrar ao leitor como o país conseguiu alcançar essa prosperidade. Para isso, Egon afirma ter perguntado a dezenas de pessoas, de diferentes profissões e posições sociais, o motivo do milagre econômico alemão, e que:

As respostas foram uma grande surpresa. Com exceção de dois, um empregado público e um comerciante, todos me disseram que o trabalho foi um fato apreciável para conseguir realizar essa recuperação, mas não o principal e decisivo. Achavam que o mais importante fora a atuação do ministro da economia alemã, sr. L. Erhard, o qual aboliu todos os controles que asfixiaram a iniciativa privada, dando a esta por outro lado, todo o apoio financeiro para reconstruir e depois ampliar as suas empresas.¹⁵⁵

No número posterior a esse texto, encontramos antes mesmo do editorial, uma matéria apresentando Egon Renner como candidato a Assembleia Legislativa do Estado pelo PRP. Logo, tendo em vista o potencial de eleitores que poderia conquistar dentro do grupo empresarial que administra, ou seja, entre seus trabalhadores, não nos admira que neste número, de dezembro de 1957, contássemos com mais um de seus textos, este que também foi publicado em dois outros jornais de grande circulação, *Diário de Notícias* e *A Hora*. No texto, o empresário novamente declara que o

¹⁵⁴ RENNEN, A.J. O administrador deve administrar. **BOLETIM RENNEN**, set. 1950, p. 2.

¹⁵⁵ RENNEN, EGON. O milagre alemão. **BOLETIM RENNEN**, out-nov. 1957, p. 8.

Brasil, assim como os países subdesenvolvidos como um todo, deveria se inspirar naquilo que vem dando certo nos outros países, descortinando as possíveis ideias que defende.

Nós que sempre estamos com os olhos voltados para a Europa e para os Estados Unidos, copiando muitas coisas deles, por que não tomamos por exemplo desses povos que, desiludidos com a socialização, volvem a conferir à livre empresa a primazia no campo econômico? Se em países adiantados, com áreas muito menores e maior densidade de população, portanto, de mais fácil disciplina econômica e social, de mais fácil organização em todos os sentidos, a socialização está sendo desprezada, por que não ter aprovado, por que nós teimamos em querer ver nela a salvação, apesar das condições muito mais adversas que temos aqui?¹⁵⁶

Neste momento, concorria nas eleições estaduais de 1958 para governador, Leonel Brizola, pelo PTB, com apoio do PRP, algo um tanto controverso, visto que os partidos estavam sempre colocados em lados opostos, e Peracchi Barcelos pela Frente Democrática, coligação entre PSD, UDN e PL. Neste ano, por meio dessa inusitada aliança entre PTB e PRP, foi eleito para senador Guido Mondin que fez sua formação política na Ação Integralista Brasileira, e posteriormente, no PRP, assim como Egon Renner que garantiu sua cadeira na Assembleia Legislativa. Claudira Socorro, ao discorrer sobre o PRP nas eleições de 1958, aponta que parte dos membros e simpatizantes do partido foram contra a aliança com o PDT, o que ocasionou desligamentos e publicações “a pedidos” nos jornais de grande circulação local,¹⁵⁷ todavia:

Esse acordo lhe assegurou, dentre outras coisas, uma importante secretaria de estado, a da Agricultura, e o cargo de senador, eleito pelo Rio Grande do Sul e, ainda, um considerável aumento do número de prefeitos e vice-prefeitos eleitos em 1959 nas eleições municipais, se comparados com os eleitos em 1955 e, também, no pleito posterior de 1963.¹⁵⁸

Analisando essa coligação e a conjuntura partidária do Estado gaúcho, naquele momento, assim como apontado pela historiadora sobre a movimentação feita dentro do PRP, devido a aliança partidária, compreendemos o contexto do último texto escrito por Egon Renner, em 1957,

¹⁵⁶ RENNER, EGON. Partidos socialistas e socialização. **BOLETIM RENNER**, dez. 1957, p. 9-10. (Publicado em A Hora e Diário de Notícias).

¹⁵⁷CARDOSO. **Integralismo no processo político gaúcho...**, 2009, p. 242.

¹⁵⁸CARDOSO. **Integralismo no processo político gaúcho...**, 2009, p. 275.

que além do *Boletim Renner*, circulou em dois outros jornais, *A Hora* e *Diário de Notícias*. Neste texto, o industrial constrói um parecer de acordo com a atuação do partido trabalhista inglês e alemão, buscando assinalar que a socialização dos meios de produção já não é mais um desejo desses trabalhistas e socialistas.

Cheguei à conclusão depois de ler estas declarações [os discursos de líderes socialistas], de que para o partido socialista alemão, “socializar, no sentido exato do termo”, não significa melhorar a situação dos operários. Essa atitude, na minha opinião, é uma clara condenação da teoria de Marx, que se baseia na socialização de todos os bens de produção. E, se o partido socialista alemão, a repugna agora, é por outros fatos, de que a teoria preconizada por Marx não é a ideal, como solução ao bem-estar dos assalariados. [...] a socialização não desperta mais entusiasmo, nem mesmo no operariado.¹⁵⁹

Vemos que neste texto Egon Renner busca se aproximar dos partidos socialistas, mostrando onde suas ideias são semelhantes, entretanto, essa aproximação é feita através da argumentação que os próprios não defenderiam mais a intervenção estatal, fato que os separaria de forma expressiva. Não há, portanto, pelo menos neste texto, uma tentativa de se aproximar dos socialistas, cedendo a perspectivas próprias, mas sim, retirando deles as estruturas de sua base ideológica. Entendendo o contexto em que o texto foi redigido e publicado, compreendemos que seu objetivo, além de publicizar as ideias do empresário, era de esclarecer a coligação entre PRP e PTB, evitando assim maiores críticas entre os simpatizantes e membros do próprio partido.

Até esse ponto, buscamos apresentar um panorama geral em relação as ideologias defendidas nos textos editoriais do *Boletim Renner*, percebendo como elas estavam associadas ao contexto e como eram publicadas no periódico das suas indústrias. A partir disso, os empresários escreveram diversos artigos aplicando suas perspectivas políticas em relação aos problemas contemporâneos à sua escrita, assim, no conjunto de textos editoriais temos uma série de artigos comentando problemas específicos, como por exemplo, o problema da energia, do transporte, do tabelamento de preços e do petróleo. Não comentaremos especificamente cada um desses, mas confirmamos que mesmo através de formas e métodos diferentes, a solução

¹⁵⁹ RENNEN, EGON. Partidos socialistas e socialização. **BOLETIM RENNEN**, dez. 1957, p. 9. (Publicado em *A Hora* e *Diário de Notícias*)

dada a essas questões é sempre a da privatização dos setores, que em sua convicção traria mais autonomia, menos burocracias e mais eficiência, o que levaria a maior produtividade, e assim, a melhoraria da qualidade de vida.

Exceto em alguns poucos textos, alguns os quais citaremos a seguir, os artigos editoriais não citavam políticos abertamente, a crítica era feita às propostas, fossem elas voltadas a assuntos específicos, ou a um panorama mais abrangente. Ao comentar um problema específico, A.J. Renner se concentra em primeiramente apresentar o problema, mostrando como ele está inserido em uma série de problemáticas políticas maiores para, por fim, indicar uma solução.

Como exemplo disto, temos em 1952, uma série de artigos que comentam a questão da energia elétrica no Rio Grande do Sul. Neste momento, a Comissão Estadual de Energia Elétrica (CEEE), era elevada a autarquia e respondia por cerca de 80% da energia produzida no Estado. Por conta disso, era travado uma extensa discussão sobre o intervencionismo estatal e a encampação das empresas privadas do setor elétrico.¹⁶⁰

O primeiro texto de A.J. Renner sobre a questão elétrica, comenta o quanto a indústria tem sido prejudicada por conta do racionamento de energia, e assim, afetado o operariado que tem seu trabalho reduzido, conseqüentemente, seu salário. Aqui percebemos uma preocupação em mostrar como esse problema afetava não apenas a classe empresarial, mas também a trabalhadora e, por conta disso, deveriam unir forças. Neste mesmo texto, A.J. Renner já conduz o leitor a uma solução, que seria manter o sistema estadual de eletrificação, mas também permitir e incentivar as iniciativas privadas nesse setor, já que:

Para os industriais, essas usinas não constituiriam um investimento tão oneroso como poderia parecer à primeira vista, já que serão recompensados pela capacidade total de produção, sem os prejuízos decorrentes dos eventuais racionamentos. [...] Com o tempo, porém, esta situação se modificará e, com as sucessivas amortizações, o kw sairá mais barato para as empresas que dispuserem de energia própria.¹⁶¹

¹⁶⁰AXT, Gunter. A formação da empresa pública no setor elétrico. **Anos 90**, Porto Alegre, n. 4, dezembro, 1995, p. 77-86.

¹⁶¹ RENNER, A.J. O problema da energia elétrica. **BOLETIM RENNER**, jan. 1952, p. 3. (Publicado no *Diário de Notícias*).

A.J. Renner mantinha em seu parque fabril investimentos na produção de energia e mostrava disposição em expandir o setor. Nesses textos ele comenta que, nos debates da Assembleia Legislativa do Estado, seu nome está presente quando discutidas formas de vencer este problema. Logo, tendo em vista que esses textos também foram divulgados no *Diário de Notícias*, entendemos que este era um assunto no qual o empresário mostrava sua insatisfação em torno das medidas que vinham sendo tomadas pelo poder público, assim como, percebemos seu interesse em influenciar nessas tomadas de decisões.

No último texto dedicado a comentar a energia elétrica, em 1952, ele já inicia mostrando seu desapontamento com o Estado, entretanto, nunca citando nomes ou partidos.

Se acompanharmos, através dos anos, o desenvolvimento do Estado, encontraremos a cada passo ataques frontais, movimentos de reação, etc., contra realizações necessárias ou úteis ao nosso progresso econômico, só porque teriam lucros aqueles que se propunham executá-la.¹⁶²

Gunter Axt salienta que a retirada do capital privado do setor de energia era bem vista pela opinião pública e pelos grupos políticos, entretanto, que os empresários se mostravam os mais críticos a essa substituição,¹⁶³ situação que avistamos e certificamos através dos textos de A.J. Renner. Essa verificação nos leva a novamente visualizar como as ideias do empresário da Renner reflete aquilo que vinha sendo argumentado e defendido entre a classe empresarial gaúcha, principalmente daquela que atuava na região metropolitana do estado.

Guilherme Chagas pesquisando a *Revista Light* da *Light and Power*, periódico bastante semelhante ao *Boletim Renner*, atenta para a consonância do discurso corporativista do Estado com aquele defendido pelos intelectuais na revista da empresa elétrica na década de 30, principalmente no que tange a questão social.¹⁶⁴ Logo no início desta pesquisa surgiu a indagação sobre como o Grupo Renner havia entendido e reagido ao segundo governo Vargas, de 1951 a 1954. Conforme aponta Mauricio Margalho, apesar da elite

¹⁶² RENNER, A.J. Como encarar o problema da energia elétrica. **BOLETIM RENNER**, ago. 1952, p. 2.

¹⁶³ AXT. A formação da empresa pública no setor elétrico, 1995, p. 79-80.

¹⁶⁴ CHAGAS. O corporativismo na construção do discurso da Revista Light (1928-1940). 2021.

empresarial, em sua maioria, não ter apoiado o movimento de 1930, esse grupo acabou ocupando espaços importantes na gestão do governo de Vargas.¹⁶⁵ Em relação aos empresários gaúchos, Guilherme Nunes aponta que, enquanto os empresários paulistanos se organizaram no apoio a Júlio Prestes, os empresários do Rio Grande do Sul teriam organizado um comitê industrial em apoio a Vargas, comitê esse que originaria a CINFA.¹⁶⁶ Entretanto, conforme Getúlio Vargas avançava em direção ao Estado Novo, foi perdendo apoio entre os empresários, principalmente pela estatização empreendida sobre as empresas, assim como, pela dimensão tomada pelas suas propostas trabalhistas.¹⁶⁷

Gunter Axt e Eduardo Bueno dedicaram parte do livro biográfico de A.J. Renner para contextualizar a atuação do empresário durante o governo de Vargas, salientando que ele e o político “mantiveram relações cordiais e admiração mútua”.¹⁶⁸

Figura 5: A.J. Renner e Getúlio Vargas



¹⁶⁵ MARGALHO, Maurício Gonçalves. **Estado, empresários e política: A hegemonia em construção (1930-1945)**. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015, p. 42.

¹⁶⁶NUNES. “A Lei de Férias no Brasil é um aleijão” ..., 2016, p. 97.

¹⁶⁷ DINIZ, Eli. Empresariado industrial, representação de interesses e ação política: trajetória histórica e novas configurações. **Política & Sociedade**, v. 9, nº. 17. 2010.

¹⁶⁸AXT. BUENO. **A.J Renner (1884-1966): Capitão de indústrias...**, 2013, p. 115.

Fonte: AXT, Gunter. BUENO, Eduardo. **A.J Renner (1884-1966): Capitão de indústrias**. Porto Alegre: Editora Paiol, 2013, p. 114.

Apesar dessas considerações dos autores, não é possível ver nos textos do empresário um nítido posicionamento sobre a atuação do presidente. Entretanto é nítido que no que tange as questões sociais, ambos defendiam aspectos em comum, como a harmonia e solidariedade entre classes, contudo, no que se refere as questões econômica suas ideias divergiam. Durante o segundo mandato de Vargas, a estatização foi um assunto amplamente discutido nos editoriais do *Boletim Renner*, fato que nos demonstra uma discordância sobre os planos e ações do presidente.

Um exemplo neste sentido é o texto publicado no número de dezembro de 1953, comentando um manifesto do petróleo publicado no editorial do *Correio do Povo*, entre outros assuntos, ao comentar esse documento, A.J. Renner discute principalmente a questão da estatização do petróleo.¹⁶⁹ Poucas semanas antes, no dia 3 de outubro deste mesmo ano, o então presidente Vargas instituiu a lei para criação da Petrobrás, dando ao Estado o monopólio sobre o refino, pesquisa e transporte do petróleo, algo que intensificou ainda mais a polarização entre aqueles ditos estadistas e entreguistas. No texto, A.J. Renner, em nenhum momento comenta a sanção da lei, ou as decisões do presidente e seus ministros, porém, sua crítica está colocada de forma implícita. A partir de um compêndio das leis canadenses sobre o petróleo, Renner fala sobre o seu potencial comercial e como ele deveria ser explorado por pessoas jurídicas através da iniciativa privada, algo que o empresário já havia comentado anteriormente em 1951 e 1952, assim, mesmo sem mencionar a criação da estatal, ele se mostra claramente contrário à sua formação, destacando, e utilizando como exemplo, a política nacional do petróleo do Canadá.

E é aí, quando se propõe remediar num futuro próximo essas deficiências – que se prolongarão, infalivelmente, mesmo quando completado o plano do governo com a construção de usinas particulares – que volta a preocupar alguns círculos a possibilidade de alguém tirar proveito material num empreendimento que, afinal de contas, virá beneficiar principalmente a economia do Estado, quer melhorando a

¹⁶⁹ RENNER, A.J. Considerações em torno de um manifesto. **BOLETIM RENNER**. dez. 1953, p. 4-6.

situação, no que se refere ao fornecimento de eletricidade, quer quanto a qualidade do carvão¹⁷⁰.

O número posterior ao suicídio de Vargas traz uma pequena biografia do presidente, algo demasiadamente abaixo do esperado, tendo em vista a influência do presidente no estado e a agitação popular nas ruas de Porto Alegre no dia posterior a sua morte, o que, inclusive, levou ao fechamento das fábricas e lojas Renner.¹⁷¹

A.J. Renner e Vargas nutriam um sentimento comum de expectativa sobre o desenvolvimento do país e da igualdade social, entretanto, Renner via a solução dentro da livre iniciativa, enquanto Vargas via isso dentro do trabalhismo e estatismo. Não podemos pensar nos dois personagens como contrários, mas também não se pode correr o risco em percebê-los como amigos próximos. As figuras de A.J. Renner e Vargas têm muito em comum, ambas foram construídas a partir de uma perspectiva paternalista, alimentada por meio da propaganda dos benefícios sociais e da política corporativista enquanto Vargas é chamado pai dos pobres, Renner é chamado de capitão das indústrias, são figuras gaúchas consideradas pelo senso comum como associadas ao trabalho e ao bem estar do trabalhador, embora tivessem métodos e meios distintos.

Diante do que estamos assistindo em nossa Pátria, nenhum brasileiro que se interesse pelos destinos comuns da nacionalidade, deixará nesse momento de desejar um governo fecundo em realizações, um período de paz, trabalho, honestidade e felicidade para todos. No íntimo de cada um de nós, apagada as rivalidades políticas, existe a esperança de dias melhores, a grande esperança de ver o Brasil trilhar novos caminhos para sua maior grandeza.¹⁷²

Diferente dos textos sobre energia e petróleo, nos quais o empresário faz críticas aos projetos e não diretamente aos políticos, em 1956, meses após a posse do presidente Juscelino Kubitschek, percebemos uma série de textos discutindo as decisões econômicas do país. Nestes, tanto A.J., como Egon Renner, criticam de forma explícita as propostas e decisões do atual presidente, juntamente com o vice-presidente, João Goulart, o Ministro da Fazenda, José Maria Alkimim, e o Ministro do Trabalho, José Parsifal Barroso.

¹⁷⁰ RENNER, A.J. Legislação progressista sobre petróleo. *BOLETIM RENNER*, ago. 1952, p. 2.

¹⁷¹ FORTES. *Nós do quarto distrito...* 2004, p. 96.

¹⁷² *BOLETIM RENNER*. Notas do mês: Novo período presidencial. Jan, 1951, p. 18.

A crítica principal gira em torno do não investimento na produção, o congelamento e tabelamento dos preços e a suposta culpa que era posta sob os empresários pela inflação e por “todo o corolário de malefícios econômicos que sucedem por sua causa”.¹⁷³

Tendo em vista a aliança partidária PSD e PTB que elegeu Juscelino Kubitschek e João Goulart, muitos udenistas viam no governo eleito uma continuação da política getulista e por conta disso “[...] os anos JK foram bastante tensos, necessitando de extrema habilidade do presidente para manter a estabilidade política e cumprir até o final o seu mandato”.¹⁷⁴ Sabemos que Egon Renner mantinha relações próximas ao PRP e percebendo a intensa disputa eleitoral travada entre a coligação PSD/PTB, com aquela capitaneada pela UDN, que trazia consigo o PSP e o PRP, compreendemos as críticas diretas desse empresário ao governo eleito, especialmente no seu primeiro ano, 1956.

As críticas, tanto de Egon Renner, como de A.J. Renner, em 1956, vão de encontro com as decisões econômicas do presidente que, através do Plano de Metas, possuía objetivos de amplo desenvolvimento econômico, porém que manteria políticas que prejudicavam a produção, logo, que contradiziam seus próprios objetivos, tendo em vista a tese defendida pelo empresariado de que apenas através do investimento no setor produtivo, se daria o progresso e a prosperidade nacional.

Depois de afirmar que “há relutância geral, no Brasil, em aceitar qualquer recuo no ritmo do desenvolvimento que se vem acentuando nos últimos anos”, dá o presidente eleito a conhecer o seu “propósito de centralizar a ação econômica do seu governo em dois pontos principais: o combate à inflação e o crescimento, acelerado da renda nacional”.

Ora não é possível alcançarmos este objetivo sem um incentivo permanente às atividades produtivas, através de medidas adequadas, entre as quais sobreleva o reajustamento do crédito aos que concorrem para elevar a renda nacional.¹⁷⁵

Para A.J. Renner, a livre-empresa, como parte e resultado do capitalismo social, traria maior produtividade, eficiência, lucro e igualdade, pensando nisso, concordamos com Fontes de que no discurso empresarial o

¹⁷³ RENNER, Egon. Auxílio a produção? *BOLETIM RENNER*, março/abril. 1956, p. 1956.

¹⁷⁴ FERREIRA, DELGADO (Org.). *O Brasil Republicano...*, 2019, p. 220.

¹⁷⁵ RENNER, A.J. Produção em período pela falta de reajustamento do crédito. *BOLETIM RENNER*, março/abril, 1956, p. 2.

objetivo do desenvolvimento era além do lucro e da qualidade de vida dos trabalhadores, pois, “Esses fatores seriam somente consequência de algo muito maior: estar completamente dedicado aos interesses do país”,¹⁷⁶ nutrindo um ideal patriota que colocava os indivíduos trabalhadores, os empresários e a empresa, a serviço do desenvolvimento nacional que levaria a um equilíbrio social e econômico.¹⁷⁷

Enfim, embora defendesse a livre iniciativa e fizesse apologia das leis do mercado, combatendo a intervenção estatal na economia, Renner jamais fora um liberal ortodoxo. Pelo contrário, propugnava a substituição do “capitalismo liberal” pelo que chamava de “capitalismo social”, o qual consistia na adoção de políticas trabalhistas efetivas. Renner acreditava que, antes de ser atribuição do Estado, a justiça social era obrigação dos empregadores. Por meio de programas sociais efetivos e uma plataforma salarial justa, sustentava, se aumentaria a produtividade das fábricas, o mercado consumidor interno seria reforçado e, finalmente, se afastaria o fantasma dos radicalismos de esquerda ou de direita que assombravam o regime democrático brasileiro.¹⁷⁸

Por muitas vezes somos levados a classificar os indivíduos diante a polarização, contudo, é essencial que se compreenda que o conjunto de ideias e decisões de cada um é formado diante de muitas camadas. Assim, o objetivo deste subcapítulo foi justamente compreender os empresários da Renner, A.J. Renner e Egon Renner, dentro do seu espaço, mostrando aquilo que era defendido politicamente e como era defendido. Permitindo com que assim pudéssemos nos debruçar ainda mais a entender as perspectivas da Renner relacionadas ao trabalho e ao trabalhador, questão que aprofundaremos melhor a seguir.

2.2 Representação classista, o trabalhador e o trabalho

O *Boletim Renner* é um espaço não apenas para aproximar o trabalhador das ideias empresariais, mas também, para educar, regrar seu comportamento e sua forma de trabalho. Assim, nos textos editoriais do

¹⁷⁶FONTES. **Trabalhadores da Nitro Química...**, 1996, p. 61.

¹⁷⁷Mesmo que em uma trama social, política e econômica diferente, vemos esse discurso patriota se reerguer com maior força entre alguns empresários brasileiros a partir da crise política de 2016, aqui pensamos especialmente na figura de destaque de Luciano Hang da rede de Lojas Havan que vem influenciando uma série de outros.

¹⁷⁸AXT. BUENO. **A.J Renner (1884-1966): Capitão de indústrias...**, 2013, p. 126.

periódico, o empresário A.J. Renner continuamente expõe seu modelo de trabalhador e trabalhadora ideal, manifestando suas opiniões sobre como o trabalho deveria ser tratado e visto socialmente, além disso, seguidamente manifesta nesses textos sua opinião em relação a legislação social do trabalho, mostrando suas concordâncias e discordâncias sobre as decisões trabalhistas tomadas pelo poder público.

Na citação abaixo, podemos perceber de forma panorâmica o posicionamento do empresário em torno da legislação social do trabalho. Ele defende que as leis devem ser redigidas através do diálogo entre empresário, trabalhadores e poder público. No artigo que elucida sobre a importância do Centro Cívico da Produção para a tomada de decisões em relação à economia e trabalho, A.J. Renner contando sua experiência ao auxiliar o poder público, afirma que o modelo de planejamento ideal, proposto quando Lindolfo Collor ocupava o cargo de Ministro do Trabalho, já não funcionava mais, o que o deixava angustiado:

Uma das maiores experiências que vivi e que prova o valor da cooperação das forças produtoras na solução dos problemas que lhes dizem respeito, residiu no apoio que empregadores e empregados levaram ao Dr. Lindolfo Collor e seus técnicos por ocasião da feitura das diversas leis sociais com que o governo surgido da revolução de 1930 cumpriu as obrigações assumidas perante os trabalhadores na campanha eleitoral que precedeu. [...] Fui representante da indústria do Rio Grande do Sul e portador de seu ponto de vista expresso em termos amplos e claros, reconhecendo todos os direitos dos empregados, mas, também, as suas responsabilidades e os direitos do empregador. [...] Essas leis estão em vigor há cerca de vinte anos e durante esse longo lapso de tempo pouca ou nenhuma modificação sofreram. E por que? Porque os que teriam de dar execução aos seus dispositivos foram previamente ouvidos pelo Governo lealmente interessado em dar ao empregado os direitos que lhes competiam sem choques e dissensões. E o conseguiu plenamente. [...] A medida adotada não foi seguida quanto as leis sociais posteriores.¹⁷⁹

Neste sentido, A.J. Renner endossa mais uma vez a concepção de que a classe empresarial deveria ser representada junto ao poder público na tomada de decisões. Salientando que os projetos colocados no início dos anos 1930, começo da Era Vargas, haviam sido prósperos justamente por conta

¹⁷⁹ RENNER, A.J. Cooperação a todos os partidos e não um partido econômico. **BOLETIM RENNER**, maio. 1950, p. 3.

dessa cooperação, algo que já não acontecia mais, logo, os planejamentos propostos nesse sentido já não funcionavam, pois, a classe produtora não era ouvida. Tendo isso em vista, o texto ressalta a importância do Centro Cívico da Produção e que os membros desse, homens entendidos dos problemas sociais e econômicos relacionados a produção, estariam à disposição do poder público para discutir esses problemas. Porém, que deveria se adotar um modelo de conselho consultivo semelhante aquele do início dos anos 1930, quando se tinham dois ou três encontros anuais, pois não é possível aos empresários brasileiros a total disposição e presença no Rio de Janeiro. Assim, A.J. Renner, diz que quem está tomando as decisões no Conselho Nacional de Economia não são os empresários, mas os políticos e economistas que podem estar disponíveis para os conselhos e que nada entendem dos problemas da indústria.

Ao discutir a representação dos empresários industriais no Estado na década de 1950, o historiador Anderson Tavares além de atentar para a ampliação do parque industrial nesse período, o que levou a consolidação da burguesia industrial, nos mostra uma série de medidas tomadas pelo Estado para intermediar essa relação, o que causou transformações na representação classista. A criação da Comissão de Desenvolvimento Industrial (CNI), na qual participavam funcionários da área econômica do governo, militares e aqueles que o autor chama de tecno-empresários, assim como, a fragmentação dos empresários por setor, gerou controvérsia entre empresários industriais e o Estado. A partir disso, esses desenvolveram seus próprios órgãos de classe em confronto com aqueles representados na CNI, gerando conflito entre as propostas e decisões do governo e aquelas das associações privadas.

Na década de 1950, o modelo de organização corporativo deixa de ser predominante. Os setores mais dinâmicos da economia passam a se organizar em associações que se caracterizam como parte da estrutura privada, paralela à oficial. Se na década de 1940, as disputas entre empresariado e Estado levaram a formação de um modelo de corporativismo (oficial e privado) que gerou uma espécie de dupla organização, na década de 1950 a tendência foi de sobreposição das associações privadas ao modelo oficial.¹⁸⁰

¹⁸⁰TAVARES, Anderson. A expansão capitalista na década de 1950, as associações industriais e a interpretação gramsciana. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História da ANPUH-Brasil**. Natal- RN, 2013, p. 14-15.

Para resolver os impasses em relação a produção, o capital e o trabalho, além de salientar a necessidade do Estado estar ouvindo os empresários, A.J. Renner também ressalta o diálogo que deve ser travado entre empregados e empregadores. Deste modo, a aspiração do empresário para um sistema político eficiente nas suas deliberações, patrões, empregados e Estado estariam conjuntamente envolvidos na construção e efetivação de propostas.

Repetidas vezes tenho, por estas colunas, mencionado exemplos de patrões e empregados reconhecerem a necessidade de solidarizarem-se em torno dos interesses básicos da produção para evitar a decretação de medidas executivas ou legislativas que venham a afetar o desenvolvimento da economia e com isso prejudicar diretamente o trabalho.¹⁸¹

Para resolver os conflitos entre empregadores e empregados, A.J. Renner enfatiza que ambos devem manter acordos nas suas propostas, contudo, que os trabalhadores precisam estar cientes de seus deveres sociais para o desenvolvimento do país. Para isso ele propõe uma relação que certifica como justa e equilibrada entre capital e trabalho, desenvolvendo assim o capitalismo social.

O procedimento de empregador é, na verdade, fundamental ao êxito do Capitalismo Social, tal como o entendemos e tem procurado seguir em nossas empresas. Mas não é o bastante. Também os empregados, e seus líderes de classe, precisam se colocar dentro da realidade, não fazendo exigências que iriam comprometer a existência da empresa, mas procurando, pelo contrário, ajustar os seus interesses aos da organização onde exercem a sua atividade, como condição essencial ao aumento da produtividade – única fórmula capaz de melhorar, em bases seguras, o “standard” de vida dos trabalhadores.¹⁸²

Analisando, podemos perceber que os grupos representantes da classe empresarial, como por exemplo o Centro Cívico da Produção, são citados como capazes de resolver os conflitos de forma rápida e eficaz, enquanto os sindicatos, que por outro lado representam os trabalhadores, são citados como um grupo que desconhece a condição do país, apresentando e defendendo soluções ineficientes e inadequadas.¹⁸³

¹⁸¹RENNER, A.J. Cooperação entre capital e trabalho. *BOLETIM RENNER*, ago. 1950, p. 3.

¹⁸²RENNER, A.J. Livre iniciativa e intervencionismo. *BOLETIM RENNER*, jan. 1954, p. 4.

¹⁸³ Para compreender melhor a atuação sindical em Porto Alegre na primeira metade do século XX, ver especialmente a *Parte III- Sindicalismo e participação política* da seguinte referência: FORTES. *Nós do Quarto Distrito...*, 2004.

Sobre a relação entre capital e trabalho e sobre como o empresariado deve manter seus empregados longe dos grupos de classe, o texto *O problema das relações entre empregados e empregadores*, tem muito a nos dizer sobre a perspectiva deste empresário. Ele inicia falando sobre o recebimento de uma carta de um “velho amigo” do *Rotary Club*.¹⁸⁴ O seguinte trecho da carta que é transcrita nos atenta novamente sobre o potencial do *Boletim Renner* como um espaço de troca de ideia entre os empresários.

Escreve-me ele [um amigo rotariano] que aguarda todos os meses, a chegada do “*Boletim Renner*”, não só porque lhe recorda o amigo distante, como por ser “um valioso documento informativo de uma obra social digna de servir de exemplo”. E acrescenta que “para o Brasil a instituição Renner é uma escola que pode servir aos altos propósitos, hoje universalizados de se chegar à solução de um sem-número de problemas sociais que, em vão, se procura por outros caminhos”.¹⁸⁵

A partir das considerações do amigo, A.J. Renner discorre sobre os direitos e deveres dos empregados e empregadores, afirmando novamente que esses devem manter interesses mútuos para o desenvolvimento do país, logo, seu próprio crescimento pessoal e profissional. Ele atenta que é dever do empresariado garantir o serviço social a seus empregados, para que desta forma, esse não seja cativado pelas ideias extremistas dos grupos de classe. Assim:

Dando a assistência efetiva a seus auxiliares, os empregadores não estão apenas cumprindo um dever de estrita justiça. Mas, igualmente, proporcionando-lhes condições melhores de vida, que poderão se refletir na produtividade, e criando um clima menos propício as infiltrações extremistas.¹⁸⁶

Do mesmo modo que vemos o empresário defender que patrões e empregados devem ser ouvidos pelo poder público, ele mostra em seus textos que a representação operária não é válida, montando estratégias para deixar os trabalhadores longe desses grupos, assim, a troca não se mostra equilibrada ou justa como o mesmo diz defender. Notamos um interesse em

¹⁸⁴ O *Rotary Club* é um importante ponto de encontro das elites políticas e econômicas da região. Para mais informações: KRAUSE, Cleandro. FRIDMAN, Fania. *O Rotary Club e a hegemonia no tratamento de problemas urbanos (Porto Alegre, 1928-1937)*. **Anais do 30º Simpósio Nacional de História**. Recife, 2019.

¹⁸⁵RENNER, A.J. O problema das relações entre empregados e empregadores. **BOLETIM RENNER**, março. 1953, p. 4.

¹⁸⁶RENNER, A.J. O problema das relações entre empregados e empregadores. **BOLETIM RENNER**, março. 1953, p. 4.

unir empregadores e trabalhadores em uma única representação, que claro, seria a empresarial, pois, as instituições da classe produtora quando mencionadas pelo industrial não buscaram apenas resolver os problemas relativos a seus negócios, mas também aqueles problemas relativos ao trabalhador, como por exemplo nessa fala relacionada a ASCAR:

Nestes se entrelaçam, como condição da paz social que o Centro objetiva, os interesses de empregados e empregadores. Talvez mais os empregados que os dos patrões, pois aqueles, de modo geral, vivem diretamente do seu trabalho e só terão vantagens na concretização das finalidades da entidade criada exatamente para defender e propugnar soluções de âmbito nacional para os problemas da produção e do trabalho.¹⁸⁷

Da mesma forma, como mais benéfica ao trabalhador do que ao empregado, eram vistas as instituições que hoje integram o *Sistema S*, SESI, SENAI e SESC. Para o empresário essas entidades serviriam como uma forma de relacionar ambas as classes.

Como se vê, o princípio da solidariedade e da cooperação bem entendida entre o capital e o trabalho, nas questões de interesse comum, da qual constituem exemplos valiosos SESI e SESC, vai vencendo no Brasil é de se esperar que o movimento se consolide através do entendimento direto entre órgãos dirigentes de um e outro setor.¹⁸⁸

Fortes mostra em sua pesquisa que a Renner disputava a lealdade e a ideologia com o movimento operário através da imagem empresarial que dizia acreditar e construir uma relação harmônica e justa entre as classes.¹⁸⁹ Neste sentido, o *Boletim Renner* procura ocupar o espaço das publicações sindicais, tornando-se um impresso para falar sobre o trabalho dos operários da indústria e seu dia a dia, entretanto, através do empresariado, organizado por esse.

Durante muito tempo, as indústrias Renner se constituíram numa fortaleza inexpugnável, impenetrável pelo movimento operário organizado, fosse pela eficácia da sua política social e salarial, pelo trabalho doutrinário que desenvolvia por meio das publicações, fosse de rigor do seu sistema de vigilância e repressão.¹⁹⁰

No discurso empresarial era salientado que os operários da Renner teriam recebidos benefícios antes mesmo de reivindicarem, antecipando suas

¹⁸⁷ RENNEN, A.J. *BOLETIM RENNEN*, maio. 1950, p. 2.

¹⁸⁸ RENNEN, A.J. Cooperação entre capital e trabalho. *BOLETIM RENNEN*, ago. 1950, p. 3.

¹⁸⁹ FORTES. *Nós do Quarto Distrito...*, 2004, p. 213-222.

¹⁹⁰ FORTES. *Nós do Quarto Distrito...*, 2004, p. 213.

demandas, o que tornava a filiação sindical desnecessária para seus trabalhadores. Contudo, Fortes nos mostra que em 1919 os trabalhadores da Renner paralisaram suas atividades reivindicando o cumprimento da jornada de 8 horas de trabalho que tinha sido estabelecido em 1916. Assim como também, encabeçaram o movimento em 1929, pelo cumprimento da lei de férias.¹⁹¹ Entretanto, ainda assim, a Renner era uma instituição que proporcionava aos trabalhadores uma melhor qualidade de trabalho, fazendo com que não fosse interessante aos seus trabalhadores se envolverem em movimentos sindicais e com o Partido Comunista, pois, como salienta a trabalhadora, e posteriormente primeira vereadora de Porto Alegre, Julieta Bastioli, : “[...]eu sempre dizia para os companheiros como era difícil fazer a política lá dentro do Renner, porque ele era um patrão que cumpria as leis do trabalho”.¹⁹²

Conhecendo o trabalho de Paulo Fontes ao pesquisar a Nitro Química de São Paulo,¹⁹³ percebemos diversas similaridades entre o discurso empresarial, a relação de trabalho e a imagem concebida por essa indústria química àquela relacionada a Renner. Utilizando alguns números do *Nitro Jornal*, periódico institucional da fábrica, que assim como o *Boletim Renner*, circulava mensalmente entre seus trabalhadores, Fontes salienta a busca da paz social difundida no discurso empresarial, associando essa aos pilares da ideologia corporativista, que visa anular os princípios da luta de classes, promovendo uma política de cooperação entre empregados e trabalhadores, algo também constado por Guilherme Chagas na *Revista Light*,¹⁹⁴ da mesma forma que verificamos nos textos editoriais do *Boletim Renner*.

Constatamos assim, que nos artigos editoriais, a opinião e atuação do trabalhador brasileiro não é elogiada, essa é colocada sempre como errada. De forma contrária é descrito o trabalhador norte-americano que como já vimos anteriormente, é mencionado como um exemplo a ser seguido pelos brasileiros. Esse trabalhador saberia que o aumento da sua qualidade de vida só poderia se dar por meio do aumento da produtividade, pois: “Essa soma de bem estar [americano] foi conseguida, como todos sabemos, no regime de

¹⁹¹FORTES. **Nós do Quarto Distrito...**, 2004, p. 213-214.

¹⁹² CARVALHO JÚNIOR, Francisco. GÁRCIA, Eliane (org.). **Adorável camarada: memórias de Julieta Bastioli**. Porto Alegre: Câmara Municipal de Porto Alegre, 2008, p. 35.

¹⁹³FONTES. **Trabalhadores da Nitro Química...**,1996.

¹⁹⁴ CHAGAS. O corporativismo na construção do discurso da Revista Light (1928-1940). 2021.

liberdade de empresa e de trabalho, pelo esforço, sacrifício e espírito de poupança do povo.”.¹⁹⁵

Comentando a importância dos trabalhadores na vitória de Harry Truman nas eleições dos Estados Unidos de 1948, A.J. Renner enfatiza mais uma vez a importância da liberdade, da cooperação entre capital e trabalho e o desserviço do trabalhismo. Atentando novamente para o bom desempenho do trabalhador norte-americano que não teria se deixado contagiar pela socialização do trabalhismo europeu, mas se mantendo do lado da democracia, da livre iniciativa e do progresso. Concluindo essas reflexões o empresário faz um importante apontamento, a partir do qual, podemos compreender seu posicionamento frente a legislação social do trabalho naquele momento.

Ao trabalhador brasileiro, que já goza das muitas franquias que os seus colegas americanos reclamam, certo interessará conhecer essas decisões, pois creio que a sua imensa maioria parecera também de melhor política obter o aperfeiçoamento crescente de nossa adiantada legislação social, que pugnar por utopias como essas que lhes acenam os agitadores extremistas.¹⁹⁶

Durante o governo provisório de Getúlio Vargas (1930-1934), várias medidas que visavam regular as relações trabalhistas foram instauradas, essas seriam ainda mais legitimadas em 1937, com o advento do Estado Novo. Em 1931 Vargas criará o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio que logo mais se encarregará pelas Comissões Mistas de Conciliação e Julgamento, encarregada pelos dissídios coletivos entre empregados e empregador e pelas Juntas de Conciliação e Julgamento, responsáveis pelos dissídios individuais, ambas que mais tarde viriam a ser substituídas pela Justiça do Trabalho.¹⁹⁷ A carteira profissional também foi instituída nesse momento, por meio de um decreto-lei em 1932,¹⁹⁸ nesse mesmo contexto emergia outros decretos que buscavam regular a jornada de trabalho de diferentes categorias e coibir os abusos do trabalho feminino e infantil.

¹⁹⁵ RENNEN. A.J. O operário americano e o socialismo. **BOLETIM RENNEN**, jul. 1950, p. 5.

¹⁹⁶ RENNEN. A.J. O trabalhador americano toma seu lugar pela preservação da liberdade. **BOLETIM RENNEN**. abril. 1949, p. 2.

¹⁹⁷ GOMES, Ângela de Castro; SILVA, Fernando Teixeira. Os direitos sociais e humanos dos trabalhadores no Brasil: A título de apresentação. **A Justiça do trabalho e sua história**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013, p. 12-45.

¹⁹⁸ Para ler mais sobre a instituição da Carteira profissional, especialmente no que tange os trabalhadores da Renner, ver: LOPES, Jéssica Bitencourt. “**As indústrias A.J. Renner devem orgulhar o Brasil inteiro**”..., 2020, p. 376-399.

Vimos anteriormente que A.J. Renner concordará com os projetos e como eles tinham sido encaminhados durante os primeiros anos de Vargas, onde a classe empresarial teria sido constantemente consultada e construía as propostas juntamente com o poder público através da representação classista, no caso do Rio Grande do Sul, do próprio A.J. Renner. Entretanto, percebemos que, em algum momento, o empresário passa a entender que o trabalhador brasileiro já havia conquistado uma avançada legislação social do trabalho, contudo, o poder público continuará a ceder às pressões extremistas, nesse caso dos comunistas e aliados sindicalistas, que exigiam uma série de benefícios que os empregadores não tinham como garantir.

Ângela de Castro Gomes, ao discutir o trabalhismo brasileiro, enfoca numa lógica de reciprocidade construída entre Vargas e os trabalhadores. A legislação social e a política trabalhista funcionaram em uma dinâmica de trocas entre Estado e povo, onde o merecedor de direitos seria aquele que em troca pudesse oferecer seu trabalho, sua obediência e de que a moral e a dignidade só seriam alcançadas através do trabalho. Nesse sentido, no discurso do poder público, o cidadão digno dos benefícios e direitos concedidos pelo Estado, seriam aqueles que produzissem riquezas.¹⁹⁹ Percebemos essa mesma lógica atuando dentro das organizações Renner, colocando o trabalhador como responsável por seu desenvolvimento profissional, assim, benefícios não poderiam ser garantidos a todos, mas aqueles que produzirem mais e melhor.

A produtividade sempre é pauta quando A.J. Renner trata da legislação social do trabalho. Ele compreende que a melhora do padrão de vida só se dará por meio da produtividade e do sacrifício do trabalhador. Assim, ao analisar a fala do “chefe maior de um Estado sul-americano” no dia dos trabalhadores, 1º de maio, A.J. Renner, mesmo elogiando a coerência e o respeito aos interesses dos trabalhadores e empresários de forma harmônica, pondera o fato do governante não ter mencionado o cerne que poderia equilibrar e superar a crise do sistema econômico: “Refiro-me a produtividade –

¹⁹⁹ GOMES, Ângela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1988. Para compreender melhor o controle do Estado para com o trabalhador, ver: LOPES, Aristeu. As fotografias 3x4 dos trabalhadores do Rio Grande do Sul no acervo da Delegacia Regional do Trabalho, 1933-1943. SPERANZA, Clarice. SCHEER, Micaela (Org.). **Trabalho, democracia e direitos, volume 2: mundos do trabalho, identidades e cultura operária**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019.

isto é, trabalhar mais e melhor – sem o que jamais será possível resolver tais situações”. Após essa constatação, ele aproveita para fazer uma observação em relação aos governantes do Brasil que prometeram melhorias sem atentar às questões da produção e capacidade das empresas.

Também nós, no Brasil, estamos acostumados a ouvir, notadamente em vésperas de eleições, que devemos melhorar o *standard* de vida do povo, combater a carestia, etc, etc., mas quase nunca que isso só é possível alcançar mediante maior contração ao trabalho, redobrando esforços e, nas épocas difíceis, também com algum sacrifício. Lastimável, os nossos homens públicos parecem receosos em abordar este ponto, embora seja ele básico a qualquer recuperação econômica.²⁰⁰

Percebemos aqui mais uma vez o empresário enfatizar o aumento da produção do trabalhador como essencial para o aumento do padrão de vida, ou seja, é responsabilidade do trabalhador seu lugar social, logo, seu bem estar depende do seu esforço, de trabalhar mais e melhor. Assim os benefícios sociais deveriam ser dados, entretanto, somente para aqueles que, por meio do sacrifício, merecessem, e o padrão de vida elevado só se daria por meio do “esforço e trabalho intensivo e interessado”.²⁰¹

Só o aumento da produtividade tem o poder de elevar, de fato, o padrão de vida do trabalhador, permitindo uma melhoria efetiva, que não se mede pelo dinheiro que recebe, mas pela soma muito maior de bens materiais que poderá adquirir para seu gozo e daqueles que vivem na sua dependência.²⁰²

Entretanto, mesmo A.J. Renner colocando sob o operariado a responsabilidade sobre o aumento da economia nacional, logo, sob sua prosperidade, ele não deixa de assinalar em seus textos a responsabilidade do empresariado nesse sentido, fazendo jus a sua proposta de capitalismo social que comentamos anteriormente, onde empresários e empregados não teriam apenas direitos e vantagens, mas também deveres, e que ambos deveriam trabalhar juntos, em um mesmo caminho de bonança.

Para que essa produtividade se manifeste é evidente que deve também contar com a cooperação decidida das organizações empregadoras. A racionalização dos serviços, impostas por novas exigências técnicas, a melhoria das instalações e do

²⁰⁰RENNER, A.J. A imposição do momento: trabalho, esforço e sacrifício. **BOLETIM RENNER**, ago. 1953, p. 4. (Publicado no Diário de Notícias).

²⁰¹RENNER, A.J. A imposição do momento: trabalho, esforço e sacrifício. **BOLETIM RENNER**, ago. 1953, p. 5. (Publicado no Diário de Notícias).

²⁰² RENNER, A.J. Standard de vida e produtividade. **BOLETIM RENNER**, ago. 1951, p. 4.

maquinário, do ambiente de trabalho, os serviços sociais e uma segura redistribuição de tarefas poderá fazer com que a produção individual cresça, por hora de trabalho.²⁰³

Voltando aos direitos dos trabalhadores, o salário mínimo foi um assunto bastante comentado pelo empresário nos textos editoriais. O problema do salário mínimo para A.J. Renner, estava na interpretação que as pessoas tinham desse, pois: "... não esqueçamos, salário mínimo é 'salário mínimo' e não salário padrão ou salário teto, como, infelizmente, parece supor a maioria do povo e muitos empregadores".²⁰⁴ Ao discutir o salário mínimo, o empresário não discorda da necessidade de existir algum, todavia, critica suas bases elevadas que levam a não ser tratado corretamente dentro das empresas. Ele argumenta que o salário mínimo fixado em altas bases não permite que o empregador ofereça ao empregado uma grande ascensão salarial dentro dos empreendimentos, não proporcionando incentivo ao trabalhador, o que gera a queda da produtividade. Pensando nisso, o empresário defende que o salário mínimo fosse estabelecido menor, garantindo o que o trabalhador receberia assim que admitido, entretanto, que esse não fosse visto como salário teto, o que deixaria o trabalhador estimulado a progressão, gerando um trabalho mais eficiente e um trabalhador inclinado a produtividade. Deste modo, percebemos no que tange ao salário mínimo, A.J. Renner entusiasmar propostas que dependiam da cooperação do empresariado, o que o mesmo, concorda por diversas vezes não existir.

Há, é certo, empregadores que não vão além do salário mínimo, como se fosse, na verdade, um salário-teto. Mas dessa mal compreendida economia só podem esperar maus resultados, pois, não tendo maior estímulo, o trabalhador deixará de produzir tudo que pode e seu rendimento será, naturalmente, baixo.²⁰⁵

Essa proposta em relação ao salário mínimo, se encaixa dentro daquela grande ideologia de Renner que é o capitalismo social e sua relação com a liberdade de mercado. Ele monta um esquema ideal, mostrando como daria certo caso trabalhadores e empresários se ajudassem mutuamente, contudo, o

²⁰³ RENNER, A.J. Standard de vida e produtividade. **BOLETIM RENNER**, ago. 1951, p. 2.

²⁰⁴ RENNER, A.J. Salário mínimo e o menor abandonado. **BOLETIM RENNER**, fev-março. 1954, p. 5.

²⁰⁵ RENNER, A.J. Salário mínimo e o menor abandonado. **BOLETIM RENNER**, fev-março. 1954, p. 4.

mesmo reconhece a impossibilidade disso enquanto ambos não considerarem que capital e trabalho são complementares, e que devemos ter “o máximo de produção de bens com o máximo de justiça social”.²⁰⁶ Portanto, neste mundo ideal que A.J. Renner incentiva nos seus textos editoriais, seria papel do empregador ser justo, oferecer possibilidades e incentivos para o progresso do trabalhador, proporcionando benefícios que garantam uma melhor qualidade de vida para aqueles dedicados ao trabalho e que oferecem bom desempenho. E seria responsabilidade do trabalhador utilizar suas horas de trabalho da melhor forma possível para o crescimento da empresa, não incentivando leis sociais que contrapõem o princípio da produtividade.²⁰⁷ Pois, de acordo com o empresário, as leis do trabalho devem ser estudadas minuciosamente, para que não venham a apresentar prejuízos aos próprios trabalhadores, visto a impossibilidade dos empresários atenderem tais reivindicações, logo: “[...] o remédio não está na elevação pura e simples do salário mínimo, por um ato do governo, mas sim em elevá-lo através do aumento da produção e da produtividade”,²⁰⁸ algo que envolveria o compromisso de empregados e empregadores.

Voltando à legislação social do trabalho, uma importante conquista é a Justiça do Trabalho que foi implementada no primeiro Governo Vargas e tinha como objetivo mediar e solucionar os conflitos entre trabalhadores e patrões. Entretanto, a partir dos anos 1940 os empregadores passaram a acusar os trabalhadores de estarem se beneficiando ilicitamente da legislação para enriquecerem, o que gerou uma série de críticas dos empresários a atuação e falhas da Justiça do Trabalho.²⁰⁹

Já compreendemos que A.J. Renner acreditava que o Brasil era um exemplo no que tange as legislações do trabalho, todavia, que o país pouco se preocupava com os problemas da produção, o que tornava impossível ao empresariado atender a legislação. No que tange a Justiça do Trabalho, essa

²⁰⁶ RENNER, A.J. Pensamentos sobre a ordem social. *BOLETIM RENNER*, abril. 1954, p. 4.

²⁰⁷ RENNER, A.J. O problema das relações entre empregados e empregadores. *BOLETIM RENNER*. março. 1953.

²⁰⁸ RENNER, A.J. Más perspectivas para a produção. *BOLETIM RENNER*. jan-fev. 1956, p. 2.

²⁰⁹ SCHMIDT, Mônica. **Na luta por direitos: os trabalhadores do Frigorífico Anglo de Pelotas e a Justiça do Trabalho (1943-1945)**. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017, p. 50.

foi citada poucas vezes pelo empresário que mostra não reconhecer a sua legitimidade.

Isso afirmo na convicção de que a maioria dos trabalhadores brasileiros sabe que não devem disputar favores na justiça e que o seu bem-estar deve ser conquistado pelo seu esforço produtivo, pela sua colaboração consciente para o progresso coletivo.²¹⁰

Nos livros biográficos e institucionais da Renner, é citado que a sua indústria têxtil teria sido pouco demandada na Justiça do Trabalho, pois as demandas dos trabalhadores eram atendidas antes mesmo de serem levantadas. Tatiana Bartman, em sua dissertação analisa 151 processos de 16 fábricas dos fundadores da CINFA, entre elas a *A.J. Renner & Cia.* A historiadora verifica que a Renner aparece como reclamada principalmente nos processos relativos à rescisão contratual.

É importante observar que a reclamação de demissão se coloca predominantemente contra a indústria A. J. Renner. Essa empresa têxtil defende-se do maior número de processos reclamando despedidas injustas; ao todo são 20 ações, ou seja, aproximadamente 35% dos processos classificados nessa categoria, considerando, então, o número de 16 empresas, trata-se de um percentual significativo.²¹¹

Nesses processos, muitos trabalhadores afirmam não saberem se teriam ou não sido demitidos devido à falta de um parecer oficial da instituição. Os trabalhadores reclamam o fato da empresa não os demitirem, mas também não lhes passarem trabalho, tendo em vista que o salário era dado por peça produzida, mantendo os mesmos com vínculo até a prescrição do seu direito de reclamar a indenização e o aviso prévio pela demissão sem justa causa. A autora considera que “essa é uma prática estratégica da empresa com o objetivo de burlar as convenções trabalhistas e manter o controle pessoal estabelecido diretamente entre empregado e empregador”.²¹²

A partir da pesquisa realizada por Bartmann não é possível afirmarmos que o número de reclamações da Renner era alto ou baixo em relação as demais empresas, entretanto, através dessa pesquisa e da declaração de A.J. Renner em relação a Justiça do Trabalho, podemos chegar a outra conclusão: os trabalhadores não buscavam a justiça porque seus pedidos eram atendidos

²¹⁰ RENNER, A.J. Cooperação entre capital e trabalho. *BOLETIM RENNER*, ago. 1950, p. 2.

²¹¹BARTMANN. *Justiça do Trabalho: Entre a “lei” e a “realidade” (1941-1945)*, 2014, p. 66.

²¹²BARTMANN. *Justiça do Trabalho: Entre a “lei” e a “realidade” (1941-1945)*, 2014, p. 69.

e porque eles tinham tudo de melhor, mas porque esse dever era posto sobre eles, através de um amplo poder doutrinário da empresa, que salientava que o bem estar deveria ser alcançado pelo trabalhador e que assim, a Justiça do Trabalho seria um favor, devendo patrões e empregados resolverem seus problemas diretamente.

Hoje há legislação para que as empresas se encarreguem de questões sociais, assim como há uma pressão da sociedade nesse sentido e isso é essencial para mantermos o equilíbrio. Percebemos atualmente as marcas se apropriarem de questões sociais que estão emergindo do seu contexto, como por exemplo, as lutas raciais, LGBTQIA+ e a questão da sustentabilidade. Por mais que isso esteja sendo feito dentro de uma lógica econômica e de *marketing*, onde estas empresas acabam por se apropriar dessas questões para manterem uma imagem positiva para seus clientes, é um passo extremamente importante. Na década de 1950 as questões vigentes e emergentes eram outras, como por exemplo a legislação social do trabalho que vinha dividindo opiniões e grupos. A comunicação institucional, fazendo o papel das relações públicas, servia para as empresas mostrarem seus posicionamentos perante às questões correntes, assim, o *Boletim Renner* era utilizado para afirmar o posicionamento do grupo frente a validade dos benefícios sociais, tendo em vista que faria mal a imagem do empreendimento não se posicionar, ou se posicionar contra a conquista de benefícios sociais pelos trabalhadores, desta forma, por meio do periódico, o empresariado podia comentar essas questões dentro de suas lógicas, mostrando ao leitor a sua argumentação e influenciando nas decisões, nesse caso, mostrando como não era necessária uma legislação para regular o trabalho, mas sim, bom senso de empregados e empregadores.

Ele conseguia assim, quer dizer... assim parece que eu quero endear um... patrão (RISOS) mas é isso, é que ele era muito inteligente. Porque o patrão que é inteligente, ele procura fazer alguma coisa... ainda mais naquele tempo que o Partido [PCB] lutava muito e estava na ilegalidade e batia muita reivindicação, quer dizer, um patrão que não quisesse barulho lá defronte a fábrica dele ou seus trabalhadores organizados no partido, ele preferia fazer o que tinha que fazer. Ele era

inteligente nesse ponto, e os outros não. As outras fábricas eram mais simples...²¹³

Infelizmente, não é possível afirmarmos nesta pesquisa qual era a recepção do periódico *Boletim Renner* e, conseqüentemente, dos textos editoriais, por aqueles a quem eles eram principalmente destinados, os trabalhadores. Entretanto, podemos imaginar que o periódico ter ficado tantos anos em circulação ininterrupta, é uma indicação de que ele era apreciado pelos trabalhadores, ainda mais por trazer questões do cotidiano da fábrica, informações sobre o dia a dia, matérias do interesse geral e lazer. No entanto, percebemos que os textos editoriais que trabalhamos aqui, traziam uma série de discussões que possivelmente os trabalhadores não tivessem entendimento, interesse ou acesso, logo, o periódico se tornava não apenas um meio de comunicação dos assuntos relativos as fábricas, mas também um meio de se informar das questões políticas, sociais e econômicas, trazendo outra perspectiva aos assuntos que talvez os trabalhadores só tivessem contato por meio da imprensa operária, ou por vezes, nem por essa.

²¹³ CARVALHO JÚNIOR. GÁRCIA. (Org.). **Adorável camarada: memórias de Julieta Bastioli...** 2008, p. 37.

CAPÍTULO III: A Renner no *Boletim Renner*

Até aqui percebemos que o *Boletim Renner* foi um periódico para o Grupo Renner expressar seu posicionamento ideológico, buscando assim, alcançar a aprovação e reconhecimento, sobretudo entre seus trabalhadores. Todavia, para além disso, o *Boletim Renner* cumpre com o objetivo de propagandear os feitos do grupo, munindo os trabalhadores de informações sobre a empresa. Pois, a imagem de uma empresa é constituída a partir das informações que a comunidade recebe a seu respeito, tendo em vista que: “Se o trabalhador não conhece a empresa na qual trabalha e não sabe qual é a filosofia que a anima, torna-se difícil estabelecer metas e passar para os consumidores e a sociedade a imagem que se deseja.”²¹⁴

Desta forma, é objetivo deste capítulo analisar o que o periódico apresentava das fábricas e lojas Renner, qual a ideia, a imagem que ele passa do empreendimento, ou seja, como o *Boletim Renner* retrata a Renner, o que podemos conhecer do grupo através dele. Isso nos auxiliará na compreensão sobre como o periódico serviu para a criação e consolidação de uma imagem do empreendimento, tanto para sua contemporaneidade, como para o futuro.

A empresa não é apenas as fábricas, os prédios e os equipamentos, ela é uma realidade complexa formada por um grupo de indivíduos diferentes que se organizam sobre regras específicas, com objetivos claros e variadas responsabilidades e níveis de interação. A empresa é sua imagem, criada através da identificação com um ideal e com metas partilhadas pelo coletivo. Identificação essa criada através de uma série de mecanismos comunicacionais e relacionais da interação entre empresários, gestores, funcionários, revendedores, consumidores, etc.

Nassar e Figueiredo afirmam que: “A imagem institucional de uma empresa é um ser vivo, dinâmico. Hoje, pode estar saudável, bem vista, aceita, festejada. Amanhã? Vai depender da história de hoje”,²¹⁵ desta forma, a comunicação institucional tem um papel primordial para assegurar a reputação de um empreendimento, seja entre seus trabalhadores, ou entre o público em geral, o que envolve seus clientes, fornecedores e distribuidores. No caso do

²¹⁴NASSAR. FIGUEIREDO. *O que é comunicação empresarial?*, 1995, p. 42.

²¹⁵NASSAR. FIGUEIREDO. *O que é comunicação empresarial?*, 1995, p. 21.

Boletim Renner já entendemos que o objetivo principal era atingir o trabalhador do grupo, entretanto, também já certificamos que o periódico, logo, o seu conteúdo, não deve ser visto como restrito apenas a esse público.

A comunicação institucional é uma importante ferramenta para o poder empresarial, construindo, afirmando e reconhecendo uma identidade empresarial. Para um trabalho eficaz, as matérias têm de ser condizentes com a prática empresarial, caso contrário, a publicação ampliará a distância entre aquilo que ela diz que é e faz, e aquilo que realmente é e faz. Assim sendo, ao analisarmos a Renner do *Boletim Renner*, devemos perceber que as matérias além de ferramentas para consolidação do grupo e para a criação da identidade empresarial, são resultados dessa. Logo, também devemos atentar no *Boletim Renner* como uma ferramenta para a certificação.

O espírito empreendedor não se alheou da importância da avaliação interna e, principalmente, externa a que a sua acção estava sujeita. Como somos vistos por outrem? É a pergunta que coloca o empresário empenhado em encontrar a diferenciação, face aos seus concorrentes. Ele sabe que a imagem pública da empresa «não se forma apenas mediante comunicações e acções específicas e intencionais, mas também» através de actuações da empresa. Aquilo que se diz e aquilo que se faz deve apresentar uma grande coerência e harmonia.²¹⁶

A identidade da Renner já foi trabalhada anteriormente por Fortes, que elucida sobre a imagem paternalista construída pela empresa através das políticas sociais.

Esse paternalismo, embrionário desde a virada do século, encontraria sua forma madura nas políticas sociais da Renner e da Varig. Para além do atendimento a necessidades materiais e simbólicas dos trabalhadores, essas políticas alimentavam a imagem do capitão de indústria como pai de família que pretendia constituir no âmbito da empresa. Já na perspectiva da comunidade trabalhadora, essa mesma imagem era assimilada como referência para o papel do empreendedor, provedor e disciplinador, estabelecido como padrão ideal para os chefes de família²¹⁷.

Fortes vai ao encontro daquilo que Michele Perrot chama de paternalismo industrial, que se caracteriza pela presença do patrão nos locais

²¹⁶MOURÃO, Alda. A criação da imagem empresarial através da publicidade. In: RIBEIRO, Maria Manuela Tavares (coord.). **Outros combates pela história**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010, p. 314.

²¹⁷FORTES, **Nós do Quarto Distrito...** 2004, p. 179.

de produção, pela relação concebida no modelo familiar, onde trabalhador e patrão compartilham o dia a dia e, por último, a adesão dos trabalhadores ao modelo, o orgulho de pertencer a empresa e a identificação com o empreendimento.²¹⁸ Entretanto, é essencial ter em vista que não devemos perceber as relações construídas na fábrica como via de mão única, onde os trabalhadores eram submissos, uma massa apática, pois estes não são receptáculos vazios de ideias e concepções. E.P. Thompson, ao escrever sobre o conceito de paternalismo, diz que:

Se quisermos, podemos chamar de “paternalismo” uma concentração de autoridade econômica e cultural. Mas se admitirmos o termo, devemos também admitir que é demasiado amplo para uma análise detalhada. [...]. Além disso, é uma descrição de relações sociais vistas de cima. Isso não é inválida, mas devemos ter consciência de que uma descrição desse tipo pode ser demasiadamente persuasiva.²¹⁹

O autor salienta a abrangência do conceito e a ineficácia para descrever toda uma sociedade, já que este termo seria generalizante, entretanto que o mesmo é profundamente importante para entendermos a mediação das relações sociais. Portanto, temos que ter em vista que o poder disciplinador emana das classes dominantes, e que aqui estaremos trabalhando com as narrativas desse grupo, o sistema nunca está sozinho, que ele coexiste juntamente com outros. Logo, não será nosso objetivo aprofundar a compreensão da identidade da Renner por um viés paternalista. Assim, escolhemos nesse trabalho analisar como a empresa é retratada no periódico, não encaixando-a em um conceito pré-estabelecido, mas buscando compreender como a empresa comunicava e construía uma ideia de identidade empresarial por meio do periódico.

Nesse capítulo, analisando matérias que tratam de forma mais exclusiva e direta os acontecimentos cotidianos da fábrica, poderemos perceber a dinâmica fabril de forma mais ativa e prática, notando assim, o papel do *Boletim Renner* no estabelecimento da relação entre o grupo industrial e os trabalhadores. Para realizarmos esta análise, escolhemos metodologicamente ter como ponto de partida, mas não como ponto final, as capas do *Boletim*

²¹⁸PERROT, Michele. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018., p. 88.

²¹⁹THOMPSON, E.P. Patrícios e plebeus. THOMPSON, E.P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 29.

Renner, que nos levaram a uma investigação, não dos aspectos visuais presentes nas capas, como as fotografias, mas a partir dessas.

Tendo em vista que a capa é o cartão de visita de um periódico, e que é seu papel servir como um convite à leitura, a consideramos como uma amostra da identidade do impresso. Posto isto, utilizar as capas como ponto de partida foi essencial para que pudéssemos delimitar aquilo que seria tratado, as colunas e matérias analisadas. Desta forma, serão principalmente os assuntos relacionados as imagens das capas que trataremos, entretanto, não olharemos apenas para elas, mas para os textos relacionados diretamente a temática, para as matérias que elas, as capas, colocaram em destaque.

Na capa do *Boletim Renner* encontramos as informações relativas ao número e ano da edição, a cidade da publicação, nesse caso Porto Alegre, o mês e o ano. No ano de 1949, está ilustrado no cabeçalho do periódico, um dos prédios fabris da Renner. Comparando essa ilustração às fotografias históricas e atuais publicadas por Silvana Monteiro ao pesquisar o patrimônio industrial de Porto Alegre,²²⁰ chegamos à conclusão que é o edifício da tecelagem, construído em 1934 e que ainda hoje ocupa a esquina das ruas Frederico Mentz e Lauro Muller.

Figura 6: Cabeçalho Boletim Renner 1949.



Fonte: Coleção *Boletim Renner* NPH-UFRGS. (Imagem digitalizada pela autora).

A partir de 1950, conforme vemos na imagem abaixo, a ilustração do cabeçalho traz mais informações. Além do prédio da tecelagem ao centro, na ilustração feita pela seção de propaganda, aparecem também outros edifícios e pavilhões da fábrica têxtil, entre eles no prédio mais à direita, podemos ver o edifício da Loja Renner. Esse modelo do cabeçalho, será levado para todos os números pesquisados de 1950 a 1958 e nos atenta para uma representação do

²²⁰MONTEIRO, Silvia Eidt. Patrimônio industrial de Porto Alegre. *Revista da ESDM*, v. 6, n. 11, 2020.

poderio industrial, pois trazendo diferentes prédios, ele reflete a grandeza, força e sucesso da organização.

Figura 7: Cabeçalho do *Boletim Renner* a partir de 1950.



Fonte: Coleção *Boletim Renner* NPH-UFRGS. (Imagem digitalizada pela autora).

No ano de 1949, primeiro ano da nossa coleção, os números do *Boletim Renner* não contavam com uma imagem de capa, sendo esse espaço ocupado pelo texto editorial de A.J. Renner. É a partir de 1950, que começamos a ver nas capas do periódico fotografias e ilustrações, essas que conduziram nossa análise do periódico na busca por compreender o que era o *Boletim Renner* e qual a ideia de indústrias Renner era narrada e compartilhada nas páginas.

As imagens das capas do *Boletim Renner* são bastante diversas, por conta disso, resolvemos construir categorias que pudéssemos agrupá-las, a fim de perceber aquilo que as relacionava. Há uma série de capas que trazem imagens não diretamente relacionadas à indústria e ao trabalho, são fotografias de pontos turísticos por exemplo, logo que não interessariam neste momento. A partir disso, escolhemos guiar nossa análise através de dois grupos: o primeiro composto por capas que trazem imagens dos empresários, dos trabalhadores e de suas famílias fora do ambiente produtivo, e o segundo com imagens relacionadas diretamente da produção, sejam aquelas imagens ligadas ao trabalho ou as matérias-primas.

Será por intermédio dessas categorias, que guiaremos esse capítulo, onde o primeiro subcapítulo versará sobre as questões relativas ao sujeito fabril além da produção, assim veremos o empreendimento Renner, logo o *Boletim Renner* para além do trabalho, mas como um espaço de associativismo. E, no segundo subcapítulo, dialogaremos sobre a produção das indústrias Renner e como essa estava presente no periódico. Sintetizando, podemos dizer que

tendo como ponto de partida as capas do *Boletim Renner*, o primeiro item deste capítulo tratará do indivíduo, e o segundo, da produção

3.1 A Renner para além do trabalho

Para o trabalhador, a publicação interna é um instrumento de satisfação e projeção, da mesma forma que o rádio e a televisão são instrumentos que favorecem os processos de projeção e identificação. São os únicos instrumentos que falam com os funcionários, dão nomes dos seus filhos, a data de seu aniversário, etc. Sob este aspecto poder-se-ia dizer que a publicação interna exerce jornalismo diversional porque favorece o fenômeno da identificação.²²¹

A citação acima remete à importância dos periódicos institucionais para o trabalhador e sua família, nos permitindo considerar que esse não serve apenas como um informativo dos assuntos relativos à fábrica, mas que é um espaço de projeção e sociabilidade do trabalhador, que no caso do *Boletim Renner*, podia aparecer em diferentes espaços. Pensando nisso, ao longo deste subcapítulo partiremos das imagens de capa que contenham sujeitos, sejam eles trabalhadores, empresários ou as famílias de ambos, para que, a partir disso, possamos discorrer sobre a Renner e o *Boletim Renner* para além de um espaço voltado ao trabalho.

Devido às festividades da creche que funcionava junto às indústrias Renner, as fotografias de bebês são bastante comuns no periódico, fazendo até com que em determinado período fossem publicadas mensalmente a fotografia do bebê dito “o mais bonito e saudável da creche”.

²²¹ TORQUATO. *Jornalismo empresarial...*, 1984, p. 47.

Figura 8: Capa de outubro de 1950.



Legenda: PROTEÇÃO À INFÂNCIA – A menina ARLETE CORRÊA FERREIRA, nascida a 1ª de Dezembro de 1949, filhinha do sr. Darcy Corrêa Ferreira e de d. Hilza Corrêa Ferreira. ARLETE foi alimentada com leite materno até os 8 meses de idade e é uma pequena “hóspede” na nossa Creche.

Fonte: Coleção do *Boletim Renner* do NPH-UFRGS.

Encontramos três desses registros nas capas. No primeiro deles, publicado no mês de outubro, quando se comemora o dia das crianças, posa a menina Arlete que, de acordo com o texto abaixo da foto “foi alimentada com leite materno até os 8 meses de idade”²²² essa ênfase a amamentação, assim como o registro ter sido feito com a menina em pé, busca mostrar a saúde das crianças da creche, assim como a importância do aleitamento materno. Em relação a saúde das crianças, em 1954 A.J. Renner diz que:

Antes as crianças, de um modo geral, eram magrinhas e, às vezes, doentias; depois, e à medida que a ampliávamos [a creche], dando-lhes todas as condições de conforto e maiores recursos, predominaram as robustas maneiras quase absoluta.²²³

²²² *BOLETIM RENNER*. Out. 1950.

²²³ *BOLETIM RENNER*. Março. 1953, p. 5.

Percebendo isso, notamos que na concepção do empresário, logo da empresa, a creche estaria cooperando para a melhoria da qualidade de vida dos filhos de seus trabalhadores. No mesmo número, da figura 8, encontramos uma matéria assinada pelo departamento médico sobre a inauguração de um aparelho de ultravioleta para que os bebês pudessem receber banho de sol artificial, e deste modo é salientado: “Assim são cuidados os filhos dos operários de uma empresa moderna”²²⁴.

Figura 9: Capa de janeiro de 1952.



Legenda: Feliz Natal... meu filho! (Reportagem sobre a Festa de Natal na Creche A.J. Renner, à pág. 14)

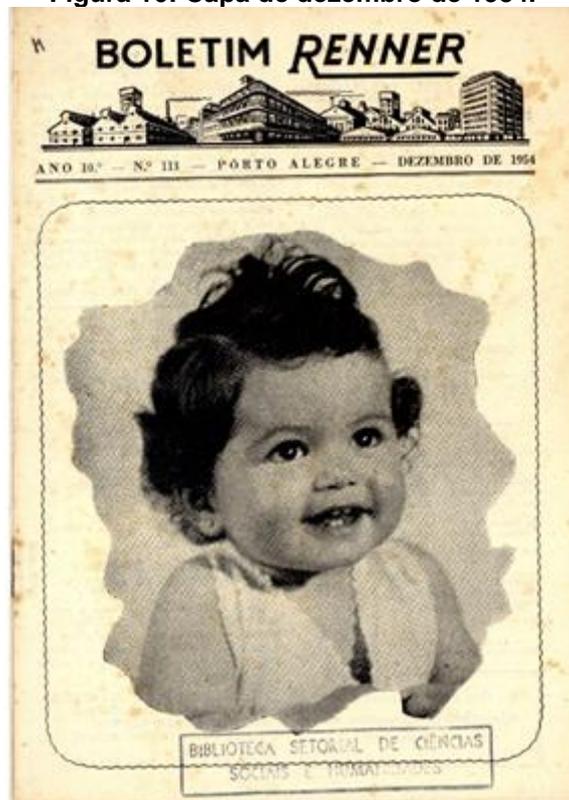
Fonte: Coleção do *Boletim Renner* do NPH-UFRGS.

Na segunda imagem de bebê, figura 9, uma mãe segura e beija seu filho em frente a uma árvore de Natal. A reportagem citada pela legenda é pequena, nela há outras duas fotografias e um pequeno texto sobre a festividade realizada. Na comemoração, estaria a diretora da creche Hermínia Trein, além de Mathilde Trein Renner, Lídia Trein e Érica Sachs. Dessas, conhecemos apenas Mathilde, entretanto, pelo sobrenome, vemos a presença e atuação das mulheres também da família Trein na creche. Érica Sachs é um nome conhecido pelo *Boletim Renner*, ela assinava colunas voltadas para as mulheres e família, assim como também atuava como professora nos cursos

²²⁴*BOLETIM RENNER*.Out. 1950, p. 6.

para o matrimônio. Tendo em vista a posição de destaque que Érica ocupava dentro da fábrica e do periódico, sendo citada ao lado de Mathilde, é possível que ela também faça parte de uma das famílias importantes da fábrica, porém que usaria seu nome de casamento.

Figura 10: Capa de dezembro de 1954.



Fonte: Coleção do Boletim Renner do NPH-UFRGS.

A terceira fotografia, figura 10, é da menina Eunice. No quadro *Nossa Capa* a menina que é descrita como bonita e esperta, estaria deixando a creche e por isso receberia a recordação na capa do *Boletim Renner*. Junto a todos os números do *Boletim Renner* há informações sobre o serviço social da fábrica, e nesse espaço, traz a quantidade de crianças atendidas na creche todos os meses. Alexandre Fortes ao tratar da Renner, falando sobre seus serviços sociais, salienta que a creche era algo singular para eles, porém esse espaço possuía no máximo 30 vagas e só atendia bebês até o primeiro ano de idade.²²⁵ Eunice, possivelmente, é uma das bebês que teve que sair da creche ao completar o primeiro ano, mostrá-la na capa do *Boletim* pode indicar que os pais eram funcionários próximos a editoria do periódico, assim como, um objetivo de ressaltar o quanto a creche é um diferencial na vida da jovem bebê.

²²⁵ FORTES, *Nós do Quarto Distrito...* 2004, p. 205.

Em entrevista concedida a Carvalho, Julieta Basttiolli mesmo expressando suas críticas sobre a fábrica, manifesta memórias positivas em relação a creche e ao pioneirismo da Renner nesse sentido.

Antes dele aprontar a creche, já deu direito da mãe amamentar o filho, se elas morassem perto, poderiam ir em casa, senão, levavam a criança e numa sala amamentava o filho. A esposa dele (JB refere-se a esposa de A.J. Renner) é que fez a creche, ela era madrinha da creche. Era um modelo de creche. A criancinha entrava lá, com a roupinha dela, eles vestiam a roupinha da creche, tinham os bercinhos, tinha aquelas que já sentavam, andavam, tinha os carrinhos, tinha as coisas e tinha hora para ir amamentar, senão era feita a mamadeira lá dentro da creche, mas uma coisa muito pouco porque era até um ano.²²⁶

Conforme concluímos em pesquisa anterior, quando buscamos traçar o perfil do trabalhador da Renner, o empreendimento era movido pela força de trabalho feminina e jovem. Notamos que o perfil das trabalhadoras e dos trabalhadores eram opostos, enquanto elas eram jovens, solteiras e sem filhos, eles eram mais velhos, experientes e pais de família.²²⁷ O baixo número de vagas na creche, tendo em vista o número de trabalhadores do grupo, juntamente com as normas para o recebimento do subsídio familiar, que era reservado para as famílias com pelo menos três filhos, nas quais o pai trabalhasse por pelo menos dois anos na fábrica e que a esposa se dedicasse exclusivamente ao lar e a educação dos filhos,²²⁸ auxiliam a compreensão da divisão sexual do trabalho e a proeminência dos “pais de família” e das mulheres jovens que saíam do mercado de trabalho após o casamento e a constituição de família.

Compreendendo que a indústria têxtil da Renner era movida pelas trabalhadoras, e que essa é a maior fábrica do Grupo Renner, não é de nos impressionar que as jovens trabalhadoras ilustrem boa parte das capas do *Boletim Renner*. Como consequência disso, temos uma série de fotografias de capas referentes aos cursos e formaturas que são estampadas exclusivamente por elas.

²²⁶ CARVALHO JÚNIOR. GÁRCIA. (Org.). **Adorável camarada: memórias de Julieta Basttiolli...** 2008, p. 36.

²²⁷ LOPES. “**As indústrias A.J. Renner devem orgulhar o Brasil inteiro**”..., 2019.

²²⁸ **BOLETIM RENNER**. Subsídio de família. Jul, 1952, p. 8.

Figura 11: Capa de janeiro de 1951.



Legenda: Neste número: A campanha nacional de educação de adolescentes e adultos nas indústrias Renner.

Fonte: Coleção do *Boletim Renner* do NPH-UFRGS.

Na capa da figura 11 está publicada a fotografia da trabalhadora Otacília Pereira Aires. No interior do periódico uma matéria sobre a campanha de educação de adolescentes e adultos nas indústrias Renner remete a jovem trabalhadora da capa que ganhou o 1º lugar nos exames de conclusão do Curso Supletivo da Renner. Junto com Otacília, que recebeu da indústria uma bolsa de estudos para continuá-los no curso ginásial, mais 12 trabalhadores receberam seu certificado de conclusão na solenidade de encerramento do ano letivo. Na matéria é apresentado o curso da fábrica que tem como diretor Moggar Mattos e que conta com professores do Estado, assim como observa os benefícios desse curso para a formação cultural dos trabalhadores e os resultados que vem alcançando, logo, convida os empregados da Renner a se matricularem e aproveitarem a oportunidade oferecida pela indústria.

O curso supletivo é visto em diversas matérias anteriores e posteriores a esse número, nelas as professoras e os alunos escrevem sobre o dia a dia das aulas e sobre como elas eram positivas, com o objetivo de atrair mais alunos para esse espaço. Ao final ou início de cada ano é feita uma grande matéria

apresentando os formandos, compartilhando com o leitor parte dos discursos proferidos na celebração, incluindo a fala de alguns trabalhadores que agradecem a instituição pela oportunidade de completarem os estudos.

O sr. João Fernandes da Rosa, começou, por exemplo dizendo: Quisera eu que todos os presentes soubessem da alegria que sinto por estar trabalhando numa empresa que procura sempre ver os seus empregados melhorarem dia a dia seus conhecimentos e o seu caráter”. Diz que ele nem sequer sabia assinar o nome e acrescenta: “graças a esta notável administração feita de bondade e de patriotismo cheguei a este ponto de concluir o curso supletivo que é um grande orgulho para mim.”²²⁹

Figura 12: Capa de julho de 1954.



Legenda: UMA ALUNA DO CURSO SUPLETIVO RENNER (SRTA. Maria Tereza de Lima, 2º ano)

Fonte: Coleção do *Boletim Renner* do NPH-UFRGS.

A figura 12 traz a aluna do segundo ano do curso supletivo, Maria Tereza Lima. No registro fotográfico, a estudante se apresenta bem penteada e vestida, com brincos, anel e lenço segurando seus livros de estudo. A imagem, assim como a anterior, é uma referência à matéria no interior do periódico que trata dos oito anos de funcionamento do curso supletivo Renner, onde apresenta o início do curso em 1947 e os andamentos que fizeram desde

²²⁹ PELLANDA, Ernesto. Encerrando com brilho o curso supletivo na fábrica Renner. **BOLETIM RENNER**, jan, 1950, p. 13.

então. Após essa reportagem é posto um texto de Breno Würdig, editor do periódico, no qual comenta a evolução da educação popular no Brasil e no estado, buscando salientar a importância da Renner nesse sentido, como pioneira na alfabetização de trabalhadores.²³⁰

Notamos no *Boletim Renner* uma série de publicações que visam incentivar a busca pelo conhecimento e pela formação, parte delas são textos sem assinatura, possivelmente retirados de outros periódicos, que tratam sobre assuntos diversos, desde os sentimentos humanos, até insetos peçonhentos e lâmpadas incandescentes. Também nesse grupo de publicações orientadoras, temos aquelas assinadas, entre essas, algumas publicações de Walter Wenclasski que assina como bibliotecário da Renner. A Biblioteca Renner funcionava no último andar do edifício comercial do centro da cidade, e têm algumas publicações no *Boletim Renner* incentivando a leitura e a ida até o espaço. Nessas publicações eram redigidos trechos de livros que estavam disponíveis na biblioteca, colocados a importância da leitura para o conhecimento e desenvolvimento humano e informado o horário de funcionamento do local que ficava aberto “Todas as quartas-feiras, após o expediente”. Neste mesmo espaço de funcionamento da biblioteca, era oferecido gratuitamente aos trabalhadores consultas jurídicas, que sob a orientação do advogado Luiz Moretti, visavam sanar dúvidas dos funcionários em relação a feitura de contratos, aquisição de bens e todas as questões relativas ao direito da família, da propriedade, civil e sucessão de bens. Entretanto, é interessante salientar que a consultoria deixava claro que não atenderia questões referentes ao direito do trabalho, política que ia de acordo, com o que comentamos no subcapítulo 2.2, quando mostramos as objeções do empresário da Renner em relação a Justiça do Trabalho.²³¹

²³⁰ WÜRDIG, Breno Ribeiro. Um pioneiro da alfabetização popular no Rio Grande do Sul. **BOLETIM RENNER**.1954, p. 12.

²³¹ **BOLETIM RENNER**. Consultoria jurídica. Agosto, 1952, p. 14.

Figura 13: Capa de maio de 1955.



Legenda: Srta. Amélia M. Lambres, formanda do curso de Higiene Alimentar do D.E.S na fábrica Renner.

Fonte: Coleção do *Boletim Renner* do NPH-UFRGS.

Além do curso supletivo, a Renner oferecia, em especial as suas trabalhadoras, uma série de outras formações. Na capa de maio de 1955, figura 13, mostra a trabalhadora Amélia Lambres que, naquele momento, se formava no curso de higiene alimentar.²³² Em matéria sobre o curso que funcionava na Renner, mas era realizado pelo Departamento Estadual de Saúde, salienta o grande número de interessadas pelo curso que teria começado no ano anterior, que formará nesse momento a segunda turma com 22 formandas e que já teria uma extensa lista de interessadas para o próximo. Para o encerramento, foi realizado pelas moças, no refeitório da fábrica, um jantar, após o qual, o paraninfo, Herbert Renner, fez um discurso e entregou presentes às formandas.

²³² Sobre os cursos de higiene alimentar e alimentação operária, inclusive no que diz respeito às indústrias Renner, ver: SILVA. O “mínimo” em disputa..., 2014.

Figura 14: Capa maio/junho de 1958.



Fonte: Coleção do *Boletim Renner* do NPH-UFRGS.

Outro curso voltado às mulheres é o curso de Corte, Costura e Bordado que era oferecido pela Fábrica de Máquinas de Costuras de Waldemar Renner, além do curso de adestramento para costureiras, que tinha como objetivo preparar as moças para a indústria de vestuário, as ensinando a maneira correta de lidar com as diferentes máquinas industriais. Uma dessas jovens é Neida Christófoli que tem a fotografia acima publicada na capa de maio/junho de 1958.

Até esse ponto vimos especialmente uma intenção do periódico, conseqüentemente do grupo industrial, de se aproximar do seio familiar, colocando em suas capas fotos dos bebês e das jovens trabalhadoras. Esse tom paternalista do grupo salienta uma boa intenção de cuidar dos filhos dos trabalhadores e também de formar a trabalhadora mãe. Entretanto, o que acontecia com essa mulher, depois do primeiro ano de vida do filho, momento em que esse já não poderia mais ficar na creche da Renner? Como vimos em trabalho anterior,²³³ a maioria dessas mães saía do mercado de trabalho formal após a chegada das crianças, renovando o quadro de trabalhadoras da

²³³LOPES, Jéssica Bitencourt. “As indústrias A.J. Renner devem orgulhar o Brasil inteiro”..., 2020, p. 376-399.

Renner, composto especialmente por jovens solteiras e sem filhos. Percebemos aqui, que os cursos ofertados na Renner, formavam a jovem trabalhadora para a vida doméstica, para exercerem seu papel de esposas, mães e mulheres do lar. Os cursos de corte, costura e bordado da Fábrica de Máquinas de Costuras de Waldemar Renner, podem nos indicar uma preparação da jovem para após a saída do mercado de trabalho formal poder continuar realizando trabalhos para “fora”, de forma que ela não se ausente do espaço doméstico e, mesmo assim, possa estar garantindo uma “renda extra” para a família.

Partiremos agora para as imagens da capa relacionadas ao esporte, onde continuaremos a perceber a permanência da figura feminina e infantil, mesmo sendo um espaço no qual podemos notar a presença masculina de forma mais acentuada.

O esporte tem um papel importante na propaganda das indústrias Renner, que possuía times/grupos, de futebol, voleibol, basquete, punhobol, tênis, xadrez, ping-pong e atletismo. São dedicadas várias páginas do *Boletim Renner* para divulgar as atividades esportivas da indústria, nelas estão os anúncios dos próximos jogos, informações sobre os campeonatos, as partidas jogadas e as apostas, chamadas de bolão. Encontramos no período quatro capas que trazem imagens referentes às atividades esportivas da fábrica.²³⁴

²³⁴ Sobre o incentivo ao esporte nas indústrias Porto-Alegrenses, inclusive na Renner, ver: STÉDILE. **Da fábrica a várzea: Clubes de futebol operário em Porto Alegre...**, 2011.

Figura 15: Capa de novembro de 1950.



Legenda: CAMPEAS ESTADUAIS DE ATLETISMO – Ine Ramires e Eliete Zanardo, do Departamento de Atletismo do Grêmio Esportivo Renner.

Fonte: Coleção do *Boletim Renner* do NPH-UFRGS.

A figura 15, mostra as jovens Ine Ramires e Eliete Zanardo que, naquele momento, faziam parte do departamento de atletismo do Grêmio Esportivo Renner e tinham sido campeãs estaduais na modalidade. Na seção esportiva, há uma pequena matéria sobre o campeonato de atletismo, indicando os campeões de cada modalidade. Naquela ocasião o time da SOGIPA²³⁵ teria ficado em primeiro lugar com 43 pontos, seguidos pelo Grêmio esportivo Renner com 39 e em terceiro lugar a Sociedade de Ginástica Navegantes São João com 31 pontos.

²³⁵ A SOGIPA, Sociedade de Ginástica Porto Alegre, foi uma instituição fundada em 1867 por um grupo de imigrantes alemães com a finalidade da prática da ginástica e também de preservação da cultura étnica. Nos anos seguintes a sociedade passou a oferecer outras atividades desportivas como tiro ao alvo, natação e atletismo. Para ler mais sobre a SOGIPA: SILVA, Haike Roselane Kleber da. **SOGIPA: Uma trajetória de 130 anos**. Porto Alegre: Gráfica Editora Palloti. 1997.

Figura 16: Capa de abril de 1953.



Fonte: Coleção do *Boletim Renner* do NPH-UFRGS.

Outra capa relacionada a atividade esportiva da Renner e que faz apresentação a uma matéria especial é a fotografia acima, onde mostra o gerente das Lojas Renner, Piva Netto, em uma partida de tênis. A reportagem sobre o Renner Tênis Club salienta que o apoio para a criação desse grupo veio de A.J. Renner que se interessa pela “prática sadia dos esportes”²³⁶ e adquiriu um terreno na Vila Assunção para a construção de uma sede. Entretanto, é importante destacar que o tênis, o xadrez, assim como o coral e o bolão²³⁷ Renner eram espaços reservados a funcionários do alto escalão, diferentes do Grêmio Esportivo Renner, que mesmo após a profissionalização, reunia trabalhadores de diversos setores.²³⁸

²³⁶ **BOLETIM RENNER**, abril de 1953, p. 32.

²³⁷ Bolão é o nome dado a uma modalidade de aposta legítima que reúne um grupo de indivíduos em uma mesma aposta, proporcionando maiores chances de acerto. Caso a aposta ganhe, o prêmio é dividido entre o grupo.

²³⁸ STÉDILLE. *Da fábrica a várzea: Clubes de futebol operário em Porto Alegre...*, 2011.

Figura 17: Capa de janeiro de 1954



Legenda: O REGRESSO DA EMBAIXADA. Depois de uma longa excursão pelo Norte e Nordeste do Brasil, durante mais de 60 dias, estão em regresso desde 31 de dezembro último os atletas e demais membros da embaixada do Grêmio Esportivo Renner, Ei-los nesta foto, no desembarque do Curtiss Comander C-46 da VARIG, momentos antes de receberem a justa homenagem que lhes foi prestada pelos associados do clube. (Ampla reportagem neste número).

Fonte: Coleção do *Boletim Renner* do NPH-UFRGS.

A figura 17 também remete a uma extensa matéria especial. Na fotografia os atletas²³⁹ do Grêmio Esportivo Renner, posam em frente a uma aeronave com chapéus de cangaceiros que teriam adquirido em Fortaleza. No registro eles acabaram de desembarcar de uma excursão de dois meses ao norte e nordeste do país onde, de acordo com as reportagens sobre os jogos, estiveram em campo no Sergipe, Alagoas, Pará e Maranhão. A reportagem traz os maus resultados do time em Pernambuco e Alagoas: “perdemos, no “*placard*” o que ganhamos na conduta disciplinar, no exemplo de educação esportiva”.²⁴⁰ A responsabilidade a esses resultados insatisfatórios foi dada principalmente devido a imparcialidade dos árbitros de campo e as condições

²³⁹ A partir de 1945 o Grêmio Esportivo Renner adere a profissionalização, contratando jogadores remunerados independente do vínculo com a fábrica. Logo, nem todos os jogadores do Renner são trabalhadores das indústrias Renner. STÉDILE. *Da fábrica a várzea: Clubes de futebol operário em Porto Alegre...*, 2011.

²⁴⁰ *BOLETIM RENNERT*, jan. 1954, p. 19.

climáticas, as quais os atletas não estavam acostumados e assim os levaram ao intenso esgotamento físico. O momento de desembarque do time, no Aeroporto Salgado Filho, foi relatado na matéria como de indescritível vibração e entusiasmo, nele familiares dos atletas e torcedores do time, se reuniram e logo seguiram em caravana até o estádio Tiradentes, onde realizaram uma grande confraternização. A matéria em questão também traz a comissão de recepção, que conta com Egon Renner como membro principal e com uma lista dos membros da delegação nomeando os atletas e a equipe esportiva composta pelo presidente do time, por um médico, técnicos, massagista, um árbitro e também com uma equipe de apoio, da qual faziam parte um tesoureiro, um cronista do *Diário de Notícias*, um do *Correio do Povo* e *Folha da Tarde*, um representante do Renner Tênis Club e outro do Renner Xadrez Club.

A viagem da delegação esportiva da Renner é bastante reverenciada no então número do *Boletim Renner*. O esporte levava o nome dessa indústria pelo restante do país, a matéria diz que jornais do norte e nordeste registravam notícias sobre a atuação do time, dos jogadores e também da fábrica. A delegação dos renneristas (como eram chamados aqueles ligados à indústria e ao esporte da Renner) foram recebidos nesses estados por representantes comerciais dos produtos Renner, logo, podemos supor que o contato entre esses membros diretos da Renner, criava uma aproximação maior dos representantes comerciais com a indústria, sendo que muitos desses poderiam não conhecer o estabelecimento para o qual trabalhavam. O presidente, Mario Silveira de Azevedo, em entrevista para o *Boletim Renner*, comenta que “fizemos grandes laços de amizade com nossos irmãos do Norte, inclusive em Pernambuco. E o Grêmio Esportivo Renner ficou conhecido praticamente em todo o Brasil”²⁴¹.

Há no *Boletim Renner* extenso material sobre as atividades esportivas da Renner. Por fins metodológicos escolhemos nessa pesquisa não aprofundar esse item, que consideramos já ter sido abordado devidamente por Miguel Stédile.²⁴² Todavia, é importante salientarmos neste trabalho a notória

²⁴¹ **BOLETIM RENNER**, jan. 1954, p. 33.

²⁴² Ver especialmente o capítulo três que trata especialmente do Grêmio Esportivo Renner: STÉDILE. **Da fábrica a várzea: Clubes de futebol operário em Porto Alegre...**, 2011.

importância do esporte no periódico, logo sendo aproveitado para a construção e consolidação da identidade do grupo, visto que:

A trajetória do G.E. Renner é exemplar em demonstrar como a iniciativa dos operários, num primeiro momento, é em seguida apropriada e ressignificada pela fábrica, colocando-a a serviço dos seus interesses econômicos ou publicitários.²⁴³

Nos números que foram pesquisados, foi encontrada apenas uma imagem de capa em que membros da família Renner foram identificados. Na figura seguinte está a fotografia de A.J. Renner, sua esposa Mathilde e seu filho mais jovem Herbert. A imagem foi feita em um campo experimental de linho na cidade de Farroupilha.

Figura 18: Capa dezembro de 1950.



Legenda: CAMPO EXPERIMENTAL DE LINHO EM FARROUPILHA – RIO GRANDE DO SUL.
 Texto nas páginas 10 e 11

Fonte: Coleção do *Boletim Renner* do NPH-UFRGS.

O *Boletim Renner* de dezembro de 1950, tem como imagem de capa a fotografia da família Renner e possui uma matéria especial sobre a produção de linho e o campo experimental de Farroupilha. O filho do casal Heini Renner, falecido em 1946, nas publicações do *Boletim Renner* e também nos livros

²⁴³Da fábrica a várzea: Clubes de futebol operário em Porto Alegre..., 2011, p. 164

biográficos, tem sempre seu nome atrelado ao desenvolvimento da aplicação do linho na indústria têxtil, inicialmente na manufatura, e posteriormente também na plantação.

Com essa orientação fez seguir em julho de 1930 para a Alemanha e para Inglaterra o jovem e saudoso Heini Renner, que após dois anos de estudos e de prática intensiva, regressava já com ofertas do maquinário indispensável e perfeitamente enfadonho na fiação e tecelagem de linho.

Desse modo pôde a fábrica Renner instalar em agosto de 1933, nesta capital, e conseqüentemente no Estado, as primeiras máquinas modernas de fiar linho. Trabalhariam, a começo, com fibra importada, até que a lavoura rio-grandense lhe pudesse fornecer a matéria prima.²⁴⁴

O fato de no registro fotográfico estarem a esposa e o filho mais jovem da família Renner, assim como, a referência às pesquisas de Heini sobre o emprego do linho na indústria têxtil, nos indica uma tentativa de aproximação da família do empresário às atividades da indústria, nesse caso ao desenvolvimento de tecnologias para uso industrial.

Ao longo deste subcapítulo no qual discutimos a sociabilidade na Renner por intermédio do referido periódico, percebemos que o mesmo é mais uma das ferramentas do empreendimento que objetivava promover a identidade, o reconhecimento e a distinção, assim como os grupos esportivos, as classes de supletivo, a creche e os cursos livres. Todavia, diferente desses, o *Boletim Renner* tinha o caráter de certificação, exibindo a seus leitores uma empresa que não se preocupa apenas com as questões relativas aos trabalhos, mas que viabiliza sociabilidades e o desenvolvimento pessoal.

3.2 O processo produtivo

Após a compreensão do periódico como um espaço para reiterar o caráter social da Renner, desenvolveremos nesse subcapítulo questões a respeito do processo produtivo do grupo, percebendo como o periódico também era um espaço de mostrar a distinção desse empreendimento em relação a produção. Para isso, entenderemos o processo produtivo como a junção entre todas as etapas da produção, que vão desde a aquisição e tratamento das matérias primas, a manufatura e a venda para o consumidor.

²⁴⁴PELLANDA. *40 Anos Renner- Indústria do Vestuário...*, 1952, p. 30.

Figura 19: Capa de maio de 1950.



Fonte: Coleção do *Boletim Renner* do NPH-UFRGS.

Na figura acima podemos ver uma moça trabalhando em uma fiação de lã, enquanto na figura abaixo temos outra jovem trabalhando na máquina de urdição.

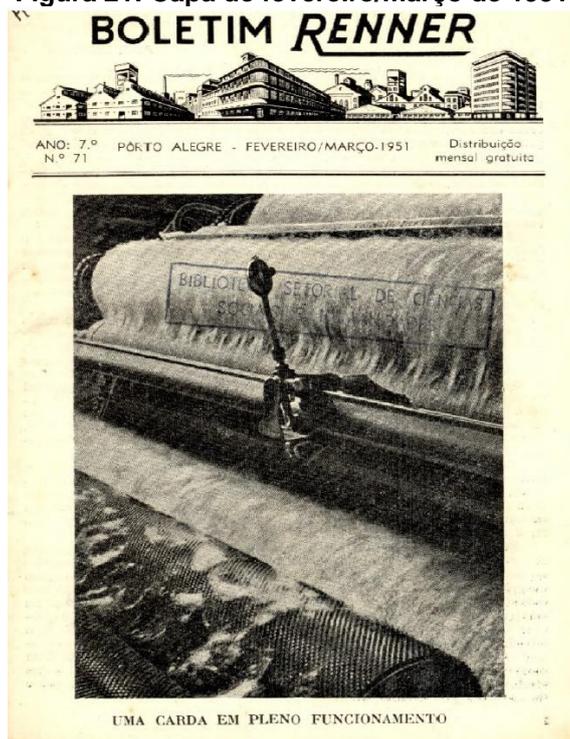
Figura 20: Capa de maio de 1951.



Fonte: Coleção do *Boletim Renner* do NPH-UFRGS.

Ambos os números nos quais essas imagens estampam a capa, possuem um pequeno parágrafo em seção interna denominado *Nossa capa*. Nesse espaço é brevemente explicado o funcionamento das máquinas nas quais as moças trabalham, entretanto, não é citada a identidade das jovens. Além dessas, outra imagem referente a produção que não faz menção a matérias do número é a figura abaixo que mostra uma carda em funcionamento e que também traz uma explicação sobre o funcionamento da máquina no quadro.

Figura 21: Capa de fevereiro/março de 1951.



Legenda: UMA CARDA EM PLENO FUNCIONAMENTO

Fonte: Coleção do *Boletim Renner* do NPH-UFRGS.

Podemos considerar que o foco principal dessas capas era o de mostrar e informar sobre os equipamentos e tecnologias empregadas e não sobre o trabalho e as jovens. Ao colocar as moças ao lado das máquinas, o fotógrafo cria uma identificação do indivíduo trabalhador, nesse caso, com as moças que nesses setores eram maioria, com as máquinas de trabalho, assim como informar o leitor sobre os diferentes maquinários.

Figura 22: Capa de junho de 1950.



Legenda: ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL DE MENORES (REPORTAGEM NESTE NÚMERO)

Fonte: Coleção do *Boletim Renner* do NPH-UFRGS.

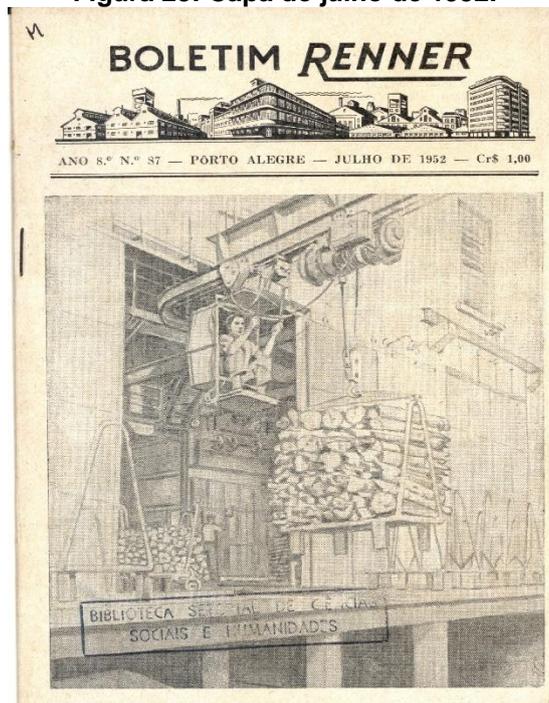
Acima, temos outra capa que mostra o trabalho, mas diferente das anteriores, introduz e convida o leitor para uma matéria especial. Nessa capa podemos ver dois jovens no seu momento de trabalho e ensino. A fotografia chama atenção para uma matéria especial sobre a Associação Educacional de Menores que atendia jovens desamparados e é descrita como uma iniciativa de homens da indústria e comércio, contando com apoio do SESI, SENAI e da Cia. de Materiais Pró-Casa Popular, entretanto, não está claro no texto que os rapazes da fotografia pertencessem a essa associação. Nesta matéria, percebemos no discurso do texto, exatamente aquilo que foi salientado por Pires no artigo no qual discute o trabalho infantil na indústria têxtil.

Contudo, utilizando um discurso de caráter altruísta, o emprego de menores em fábricas de tecidos também foi apresentado pelos industriais como símbolo de distinção e filantropia perante a opinião pública. Ao oferecer trabalho a crianças pobres e a órfãos, recrutados em orfanatos, juizados de menores e Casas de Caridade, os patrões estariam proporcionando uma chance de dignificação por meio do trabalho para crianças em situações de vulnerabilidade.²⁴⁵

²⁴⁵ PIRES, Isabelle; FONTES, Paulo. Crianças nas fábricas: o trabalho infantil na Indústria Têxtil carioca na Primeira República. *Tempo e Argumento*. Florianópolis, v. 12, n. 30, maio/ago. 2020, p. 22.

Outra capa que também tem o objetivo de convidar o leitor para uma reflexão é a seguinte.

Figura 23: Capa de julho de 1952.



Fonte: Coleção do *Boletim Renner* do NPH-UFRGS.

Na capa acima, diferente das demais, não temos uma fotografia, mas sim uma gravura. O livro institucional publicado em 1952²⁴⁶ traz uma série dessas gravuras, retratando o trabalho e as tecnologias da Renner. A que estampa a capa de julho de 1952, mostra o transporte mecânico de lenha para uma caldeira geradora de vapor que era responsável pela produção de energia elétrica. É neste mesmo número que temos alguns textos do diretor A.J. Renner comentando a questão da energia elétrica. Logo, diferente da anterior que atenta o leitor para uma matéria especial, a ilustração acima faz um chamado para discutir a questão e mostrar a organização e a capacidade energética das indústrias Renner através dos textos editoriais.

No subcapítulo 2.1 apresentamos o posicionamento de A.J. Renner em relação ao problema da energia elétrica, no qual defende que a produção de energia por instituições privadas seria interessante não apenas para o empresariado, mas também para o poder público, já que esse não precisaria se

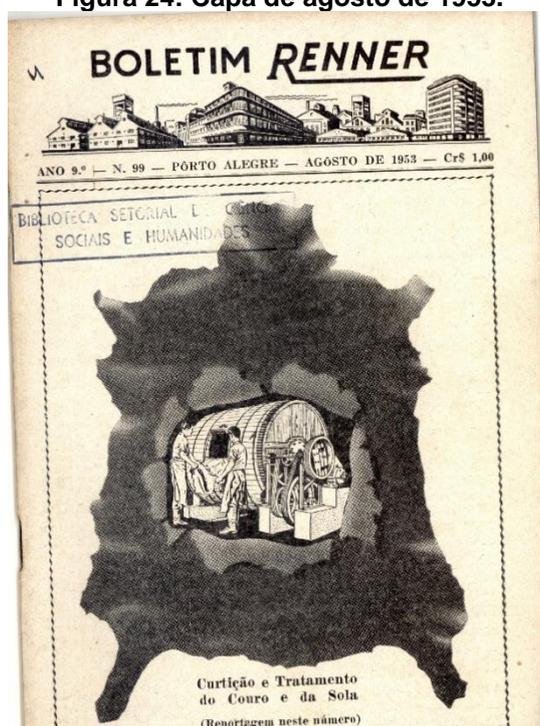
²⁴⁶Desta forma, ao pesquisarmos o *Boletim Renner* não estamos apenas analisando poder empresarial, mas sua construção histórica através da dialética e oposição entre os grupos

preocupar com a carência de energia para a indústria. Compreendendo essa defesa, ficam claro os objetivos das matérias que visam apresentar o investimento que a Renner fez na produção de energia, mostrando sempre o quanto a indústria estava preparada para enfrentar o problema.

As duas caldeiras consomem 7 metros cúbicos de lenha por hora, produzindo 10 toneladas de vapor e as turbinas 1200 Kwts. por hora. Além das turbinas a vapor, ainda mantém a Empresa os grupos “Diesel”, em condições de fornecer energia necessária, como reserva para os casos de emergência. Ainda recentemente, foi adquirida uma moderníssima caldeira, que dentro de pouco tempo estará em funcionamento, e outra turbina de grande potência está encomendada na Europa, para futura instalação em nossa fábrica.²⁴⁷

A imagem seguinte também é uma gravura do trabalho, nela aparece o fulão que é a principal máquina para tratamento e curtição do couro. A matéria principal deste número apresenta, juntamente com as gravuras, o trabalho do curtume Renner, as pesquisas realizadas, as técnicas e máquinas utilizadas no processo de transformação da matéria prima, que origina os calçados Renner.

Figura 24: Capa de agosto de 1953.

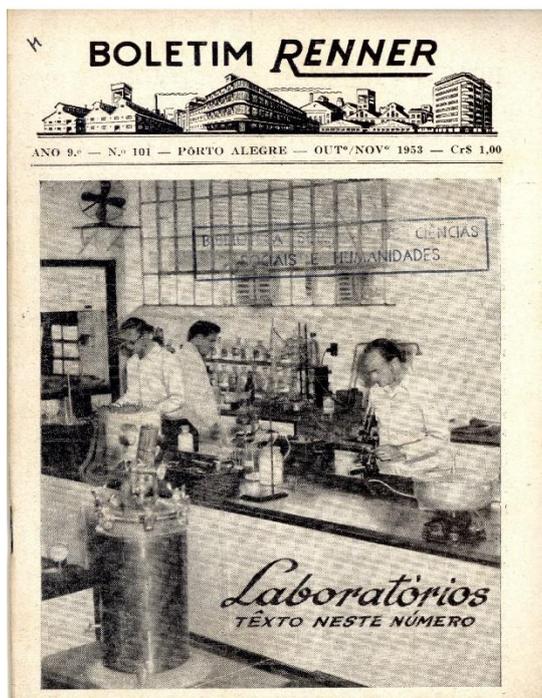


Legenda: Curtição e Tratamento do Couro e da Sola (Reportagem neste número)
Fonte: Coleção do *Boletim Renner* do NPH-UFRGS.

²⁴⁷ **BOLETIM RENNER.** Nossa capa. Jul, 1952, p. 3.

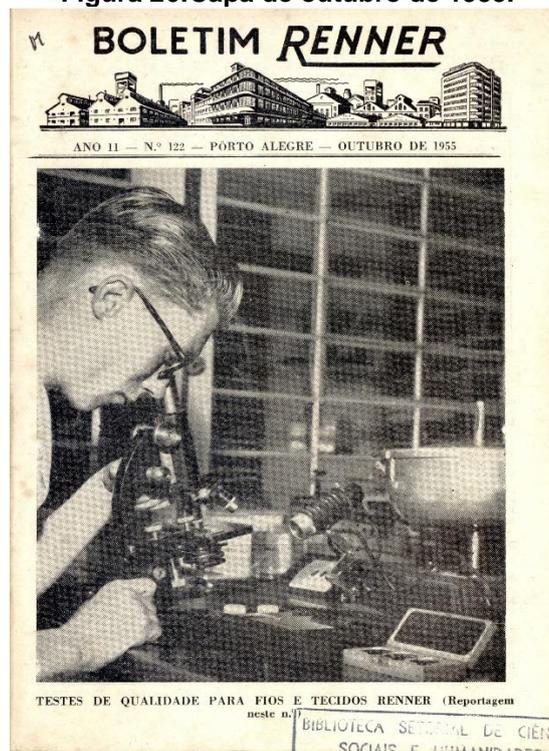
Também com o objetivo de informar o leitor sobre os processos produtivos de alguns setores, para dessa forma certificar a qualidade dos produtos Renner, temos duas capas que chamam a atenção para matérias especiais sobre os trabalhos de pesquisa dos laboratórios.

Figura 25: Capa de outubro/ novembro de 1953.



Fonte: Coleção do *Boletim Renner* do NPH-UFRGS.

Figura 26: Capa de outubro de 1955.



Legenda: TESTES DE QUALIDADE PARA OS FIOS E TECIDOS RENNER (Reportagem neste nº)

Fonte: Coleção do *Boletim Renner* do NPH-UFRGS.

No número de outubro de 1953, Otto Renner, também filho de A.J. Renner, escreve sobre o trabalho desempenhado nos laboratórios, especialmente sobre aquele em que são realizadas as pesquisas têxteis, mas salientando que nos laboratórios da Renner se fazem pesquisas sobre os mais diversos materiais. Já a matéria de 1955, sobre os laboratórios, é assinada pelo químico industrial J.A. Lorentz e se refere especialmente sobre os testes de qualidade dos tecidos. As duas matérias sobre o trabalho dos laboratórios da Renner são extensas e repletas de fotografias. Entre as explicações dos processos e técnicas empregadas, se destaca o papel essencial desse setor para o desenvolvimento da indústria, além de acentuar que a Renner não tem medido esforços para o aperfeiçoamento das pesquisas: “O nosso Laboratório tem sido constantemente aparelhado para acompanhar o desenvolvimento da indústria, a criação de novos produtos, novos aperfeiçoamentos e exigências constantes de qualidade e durabilidade”²⁴⁸.

Em relação a produção, uma seção denominada *Nossa coluna*, compõe alguns números do *Boletim Renner*. Esses textos que tinham a assinatura do diretor A.J. Renner pretendiam esclarecer aos trabalhadores e consumidores dos produtos Renner as problemáticas da produção e os empenhos do grupo para a melhoria das mercadorias: “Escrevemos esses artigos para que nossos revendedores os leiam e releiam, difundindo-os de viva voz entre os consumidores de nossos produtos”²⁴⁹. Um desses textos trata sobre a dificuldade de conseguir anilinas que atendam o padrão de qualidade das roupas Renner, nisso o diretor relata que há cerca de três anos, quando a roupa de lã em azul marinho para homens, estava fazendo sucesso, sua indústria escolheu não vender esse produto, pois não teria conseguido uma anilina adequada, que preservasse a cor e qualidade do tecido.

Levamos mais de um ano a procura de novas anilinas e só depois de várias experiências é que apresentamos o artigo, quando nos foi possível dar aquela garantia. Deixamos naquela época de vender roupas nas cores que a moda apresentava,

²⁴⁸ RENNER, Otto Rudi. Alguma coisa sobre nosso laboratório. **BOLETIM RENNER**, out, 1953, p. 18.

²⁴⁹ RENNER, A.J. Artigos circulares de interesse dos consumidores de nossos produtos. **BOLETIM RENNER**. Março, 1953, p. 25.

pois, quando chegamos a produzir o tecido com as garantias exigidas, já praticamente a preferência do freguês deixara de existir.²⁵⁰

Nesse texto vemos o empresário apresentar uma das estratégias de venda do grupo, que é não oferecer para venda aquilo que está na moda sem ter a certeza da qualidade, pois dessa forma a venda não valeria a pena, já que, de acordo com seu texto, o produto novo e desbotado não atrairia o consumidor novamente. Nas matérias que tratam da venda dos produtos Renner, esses são descritos como realmente mais caros que a média, contudo, o fato de não desbotarem com a lavagem e se manterem sempre com aspecto de novos, os faziam únicos, por conta disso, eram a preferência do consumidor.

Em outro desses textos, o diretor trata da produção da roupa Renner através do sistema industrial com as fitas de transporte, algo que ele crê ser ignorado pela maioria dos consumidores que acreditam que os produtos Renner são manufaturados artesanalmente por alfaiates, já que grande parte das roupas confeccionadas são feitas por encomenda individual do cliente, através da mediação do revendedor.²⁵¹

Uma informação que tem surpreendido a muitos é a de que, desde a retirada do tecido do depósito, 239 pessoas diferentes intervêm na manufatura de cada roupa. Destas, 207 são especializados no serviço que cada um executa. São utilizadas, para esse fim, nada menos do que 134 máquinas, de costura, de corte, de passar, de passar a ferro, etc., das quais 53 de tipos diferentes. Assim, cada operação é feita por um profissional especializado na parte que cabe executar, utilizando a máquina mais apropriada para sua tarefa.²⁵²

A partir dessa colocação, o empresário garante que esse processo acaba gerando mais gastos a empresa que, além de ter que investir em maquinário especializado, gasta mais material para a produção. Entretanto, afirma que isso melhora muito a qualidade e durabilidade da peça, o fazia da marca um nome confiável, e conseqüentemente, garantia clientes leais.

²⁵⁰ RENNER, A.J. Nossa coluna: Produzir com a preocupação de oferecer o melhor possível ao consumidor. **BOLETIM RENNER**. Nov/Dez, 1951, p. 4.

²⁵¹ RENNER, A.J. Nossa coluna: Como se processa a execução de um pedido de roupa. **BOLETIM RENNER**. Set, 1951, p. 8.

²⁵² RENNER, A.J. Nossa coluna: Algo importante sobre a roupa. **BOLETIM RENNER**. Ago, 1951, p. 6.

Abrimos um parêntese nesse momento que tratamos sobre a comercialização dos produtos Renner, para falar sobre os seus revendedores, aos quais essas matérias eram especialmente destinadas. Os revendedores eram recebedores mensais do *Boletim Renner*, entretanto, não podemos dizer que esses eram trabalhadores da Renner, pois eram, em sua maioria, pequenos empresários do comércio que distribuíam os produtos Renner diretamente aos clientes. Os revendedores Renner estavam espalhados pelo país, dessa forma, o *Boletim Renner* para eles possuía um papel especialmente importante, pois, era a forma que tinham de terem contato com o empreendimento que fisicamente estava distante. Logo, era o *Boletim Renner* uma ferramenta essencial de propaganda e familiarização do grupo para esses outros espaços do país, fornecendo aos revendedores informações que poderiam repassar aos seus clientes.

Um exemplo relevante de matéria que trata da relação da indústria com esses representantes é a publicada no mês de abril de 1949, sobre o 2º Congresso de Exclusivistas Renner. Nela é apresentada uma grande reportagem sobre o evento, reverenciando o recebimento de aproximadamente 300 exclusivistas, manifestando a gratidão do Grupo Renner aos vendedores que teriam percorrido, alguns deles, distâncias significativas e deixaram o conforto dos seus lares e negócios para a ocasião, que tinha como objetivo “estreitar relações entre os exclusivistas e revendedores Renner e a empresa”²⁵³.

A matéria traz diversas fotografias do evento, apresentando cada um dos momentos do Congresso. A primeira atividade iniciada no sábado, foi uma visita ao cemitério, onde foi prestada uma homenagem a Heini Renner e Frederico Mentz, descritos no texto como: “dois vultos que tudo fizeram pelo crescimento das Fábricas Renner”²⁵⁴. Nessa mesma noite, os revendedores foram convidados a prestigiar um concerto sinfônico do Grupo Musical Renner, estando presente nessa cerimônia, o Governador do Estado, Walter Jobim, e sua esposa, Ana Niederauer Jobim. No domingo, os exclusivistas e representantes foram levados a fazenda, frequentemente citada nas biografias de A.J. Renner, a Fazenda de Guajuviras, onde os convidados foram recebidos

²⁵³ **BOLETIM RENNER.** 2º Congresso dos exclusivistas Renner. Maio, 1949, p. 20.

²⁵⁴ **BOLETIM RENNER.** 2º Congresso dos exclusivistas Renner. Maio, 1949, p. 18.

com churrasco e passaram o dia em festividade. No último dia do evento, uma quarta-feira, os visitantes passaram visitando a cidade, incluindo o Palácio do Governador.

Essa matéria nos permite visualizar as centenas de visitantes percorrendo os espaços da capital e região metropolitana do estado, nos atentando que o objetivo do Congresso ia além da formação e discussão dos processos de revenda, mas de construir uma identificação e um encantamento não apenas com a Renner, mas com a cidade e o estado em si. Desta forma, podemos dizer que, para os comerciantes dos produtos Renner, esse evento foi a materialização da propaganda que acontecia nas páginas do *Boletim Renner*. Nesse momento eles conversaram com a diretoria e administração, acompanharam as diferentes etapas da produção que lhes eram desconhecidas, conheceram a mecânica e tecnologias industriais, ouviram A.J. Renner pessoalmente, aproximaram suas realidades as do empreendimento.

Voltando à atividade produtiva, abordaremos agora a questão das matérias primas, como elas aparecem no *Boletim Renner* e o que podemos saber sobre a escolha e os processos tecnológicos relacionados às bases do produto têxtil da Renner: a lã e o linho. Encontramos cinco capas dedicadas às matérias primas da Renner, três delas representando a produção de linho e duas a de lã.

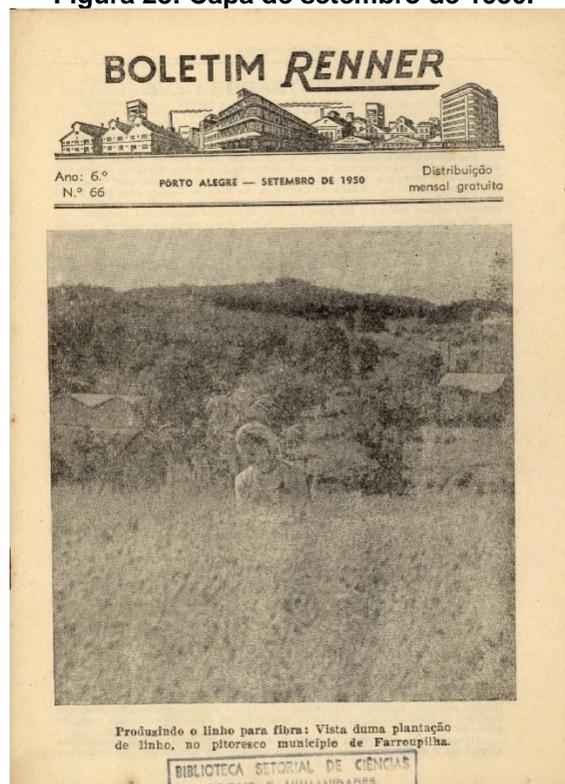
Figura 27: Capa de abril de 1950.



Legenda: No planalto rio-grandense, estendem-se as lavouras de linho para fibras. Vemos aqui, numa lavoura de linho em flor, uma formosa descendente dos imigrantes que reataram aqui a tradição linífera trazida do país de origem.

Fonte: Coleção do *Boletim Renner* do NPH-UFRGS.

Figura 28: Capa de setembro de 1950.



Legenda: Produzindo linho para fibra: Vista duma plantação de linho, no pitoresco município de Farroupilha.

Fonte: Coleção do *Boletim Renner* do NPH-UFRGS.

As imagens acima, assim como aquela da família Renner que comentamos ao final do subcapítulo 3.1, foram registradas no campo experimental de linho em Farroupilha. Tendo em vista as similaridades entre elas, podemos supor que tenham sido registradas em um mesmo momento, sendo posteriormente anexadas em diferentes números do *Boletim Renner*, em 1950.

Ambas as imagens, figuras 27 e 28, mostram mulheres sem identificação, a primeira posando com um ramo de linho e a segunda realizando a colheita. Nenhum desses números possui matéria sobre a produção de linho, estando essas imagens de capa desconectadas do conteúdo em seu interior. Entretanto, as duas imagens vêm acompanhadas de pequenas legendas, sendo a primeira relevante para a análise.

Percebendo as matérias e as imagens de capas que se referem a plantação de linho, notamos que 1950 foi um ano importante para a divulgação do investimento da Renner nesse sentido. Podemos entender que, tanto a fotografia de capa, quanto a matéria sobre os campos experimentais de linho,

tinham pelo menos dois objetivos explícitos: Apresentar aos leitores os investimentos da Renner na produção da matéria prima, e explicar o funcionamento de um campo de experimentação. No entanto, além desses, ao analisarmos implicitamente, percebemos que essas publicações também têm como objetivos mostrar o poder econômico e intelectual da Renner, relacionando o cultivo do vegetal para a produção têxtil a uma herança étnica trazida pelos imigrantes alemães ao Rio Grande do Sul e que agora vivia um processo de modernização através das pesquisas e investimentos do grupo. Nessas matérias podemos ver a atividade prática do trabalho laboratorial que apresentamos anteriormente, mostrando o como essas pesquisas impactavam diretamente a produção e desenvolvimento da indústria.

A reportagem do número de dezembro salienta que a plantação de linho não demonstrou crescimento no estado, quando comparado com a produção de linho na Europa. Assim pensando em aumentar a colheita, produzindo um linho para fibra e de melhor qualidade, a A.J. Renner, nesse momento, já uma sociedade anônima, teria investido em três campos para experimentação, em Veranópolis, em Farroupilha e em Erechim. Nesses campos eram separados canteiros e em cada um deles feito uma experimentação que tinha como objetivo:

1º Comparar os resultados provenientes da aplicação de qualidades diferentes de 4 composições de adubo.

2º Determinar a quantidade de sementes que convém semear por hectare, sem adubo e com quantidades diferentes de adubo.

3º Verificar qual a melhor época para a sementeira.

4º Finalmente, comparar entre si os resultados de dezenas de diferentes sementes de linho, procedentes de várias partes do mundo.²⁵⁵

Em 1956, voltamos a ter em uma das capas do *Boletim Renner*, imagem semelhante às anteriores, uma jovem em uma plantação de linho em flor. Entretanto, diferente das outras moças, essa está identificada como Zélia Margareth Ludwig, funcionária dos escritórios da Usina de Linho em Encruzilhada do Sul. A matéria do interior do periódico que trata da colheita realizada nos meses de novembro e dezembro de 1955, e é repleta de fotografias, e chama atenção para outro tipo de trabalho relacionado a Renner,

²⁵⁵ **BOLETIM RENNER**, dez.1950, p. 11.

o trabalho agrícola realizado nos empreendimentos colaterais. Vimos anteriormente que em 1950 houve um intenso investimento da Renner na pesquisa e experimentação de linho para têxteis. A imagem e reportagem sobre a colheita em 1956, mesmo que em um campo diferente dos anteriores, nos revela que a Renner continuou investindo na produção, mesmo que essa não tenha apresentado resultados favoráveis naquele primeiro momento.

Figura 29: Capa de janeiro/fevereiro de 1956.



Fonte: Coleção do Boletim Renner do NPH-UFRGS.

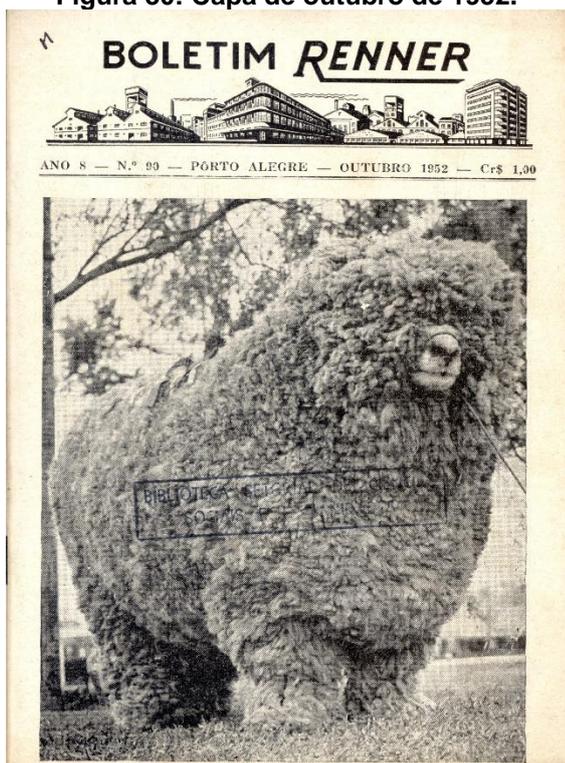
Sabemos que, ao longo da história das indústrias Renner, houve uma intencionalidade de verticalizar toda sua produção, mantendo sob sua responsabilidade, e investimento, toda a cadeia produtiva, indo desde o cultivo das fibras liníferas, até a venda ao consumidor final. Contudo, para que isso fosse possível, a Renner se associou a empresas voltadas a agricultura, como a *Carlos Beltrami & Filhos Ltda* de Farroupilha, que logo teve a sua razão social alterada para *Renner, Beltrami & Cia.*²⁵⁶ Assim, percebemos que a Renner iniciou com uma fábrica têxtil, mas que sua atuação iria para além desse setor através de investimentos em indústrias colaterais e subsidiárias.

²⁵⁶PELLANDA. **40 Anos Renner- Indústria do Vestuário...**, 1952, p. 31-32.

Quando falamos de plantio, extração e preparo do linho para a produção de manufaturas Renner, entendemos que estamos falando de um empreendimento da Renner, porém que não é dirigido por essa, mas sim por empresas contratadas para esse fim, um limite tênue e uma questão que infelizmente nossas fontes não deixam claro. Logo, os indivíduos que estampam as imagens dessas matérias não são trabalhadores da Renner, mas também trabalham para a Renner, contudo é improvável que o periódico da instituição chegasse diretamente até eles.

Conforme vemos na matéria sobre a Exposição Pastoril realizada em 1952 e que premiou a ovelha estampada na capa abaixo, diferente do linho, a lã bruta não vinha de um empreendimento Renner, mas de fornecedores de diferentes municípios: Uruguaiana, Bagé, Alegrete, Santa Vitoria do Palmar, Rio Grande, Pelotas e outros.²⁵⁷

Figura 30: Capa de outubro de 1952.



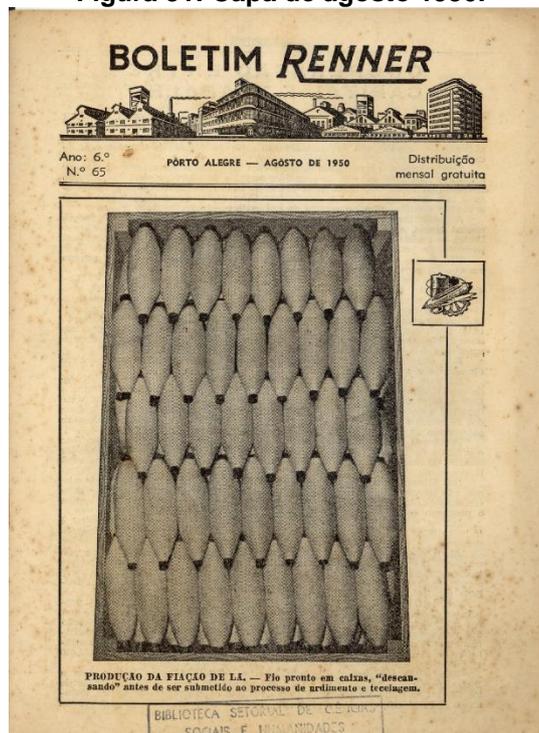
Fonte: Coleção do *Boletim Renner* do NPH-UFRGS.

Demonstrando também a lã utilizada pela Renner, temos a capa abaixo de agosto de 1950, que mostra uma fotografia dos carreteis de lã saídos do

²⁵⁷ **BOLETIM RENNER.** A lã que veste o Brasil. Out, 1952, p. 5.

processo de fiação, armazenados em uma caixa de madeira, aguardando serem encaminhados para o processo de urdição e tecelagem.

Figura 31: Capa de agosto 1950.



Legenda: PRODUÇÃO DA FIAÇÃO DE LÃ – Fio pronto em caixas, “descansando” antes de ser submetido ao processo de urdimento e tecelagem.

Fonte: Coleção do *Boletim Renner* do NPH-UFRGS.

O mercado têxtil dos anos 1950 estava sendo tomado pela produção das fibras químicas, dominado por empresas de São Paulo como a *Rhodia*, *Matarazzo* e *Nitro- Química Brasileira*. A Renner, nesse momento, não mostrava interesse nesse mercado e se colocava contra a produção desses fios. Podemos ver isso nos artigos publicados sob o título *Não há substituto para a lã*, onde A.J. Renner busca convencer o consumidor a superioridade da lã frente a essas fibras sintéticas.

Como se vê, não há milagres nas fibras sintéticas e foi excessivamente otimista a publicidade levada a efeito nos últimos anos com relação às chamadas “fibras milagrosas”, induzindo o público e as indústrias do vestuário a alimentar esperanças exageradas sobre as possibilidades das fibras sintéticas.²⁵⁸

Maria Cláudia Bonadio escreveu sobre a publicidade de moda da empresa francesa *Rhodia* no Brasil. Através desse trabalho, podemos

²⁵⁸ **BOLETIM RENNER**. Não há substituto para a lã. Fev, 1952, p. 9.

acompanhar o desenvolvimento da indústria química de têxteis aplicados ao vestuário. A autora salienta que:

Apesar do crescimento é preciso destacar que esses produtos ainda apresentavam uma série de imperfeições, especialmente em termos de resistência e encolhimento. Também em termos de conforto, tecidos compostos pelas fibras artificiais deixavam muito a desejar e as queixas eram principalmente em relação à sensação de frio causada pelas roupas. A tentativa de transformar as fibras artificiais em substituto “moderno” das fibras naturais acabou gerando um simulacro com uma série de características que não agradou à população, e que seriam resolvidas apenas nos anos 1950-60.²⁵⁹

Somente por meio do *Boletim Renner* não pudemos identificar quando essa indústria começou a investir nos fios químicos. Para debruçarmos um pouco mais sobre essa questão, buscamos publicidades da Renner nas revistas e jornais da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e encontramos material predominantemente na revista *O Cruzeiro*, do Rio de Janeiro.²⁶⁰ Observando essas produções, pudemos ver que os tecidos sintéticos começam a aparecer nas publicidades da Renner a partir de 1958, entretanto é notável que na década de 1950 a publicidade principal é feita sobre a produção de linho, sob o slogan *A boa roupa nasce de boas culturas*, em matérias publicitárias que visavam mostrar os investimentos da Renner na produção de linho para o uso têxtil, o que garantiria a qualidade dos produtos.

Em 1958 temos a primeira publicidade sobre o uso de tecido sintético na produção de roupas Renner, nesse caso *Viscolã*. A partir disso, se inicia uma série de publicidades que buscam salientar os benefícios das roupas com esses tecidos, que é descrito nas matérias publicitárias como revolucionário, contrariando os pressupostos defendidos por A.J. Renner no início da década.

Nos anos seguintes, as publicações publicitárias declararam que a Renner, em busca de inovação, estava investindo na produção de tecidos sintéticos, a *Renner-Trifibra*, utilizando produtos químicos de uma empresa Alemã, a *BASF*. Entretanto o *Tergal* começa a aparecer nas publicidades Renner a partir dos anos 1960, trazendo a imagem da etiqueta que reitera a legitimidade do produto da *Rhodia*, de quem era marca registrada. Até esse

²⁵⁹BONADIO, Maria Cláudia. *O fio sintético é um show! Moda, política e publicidade; Rhodia S.A. 1960-1970*. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2005, p. 37.

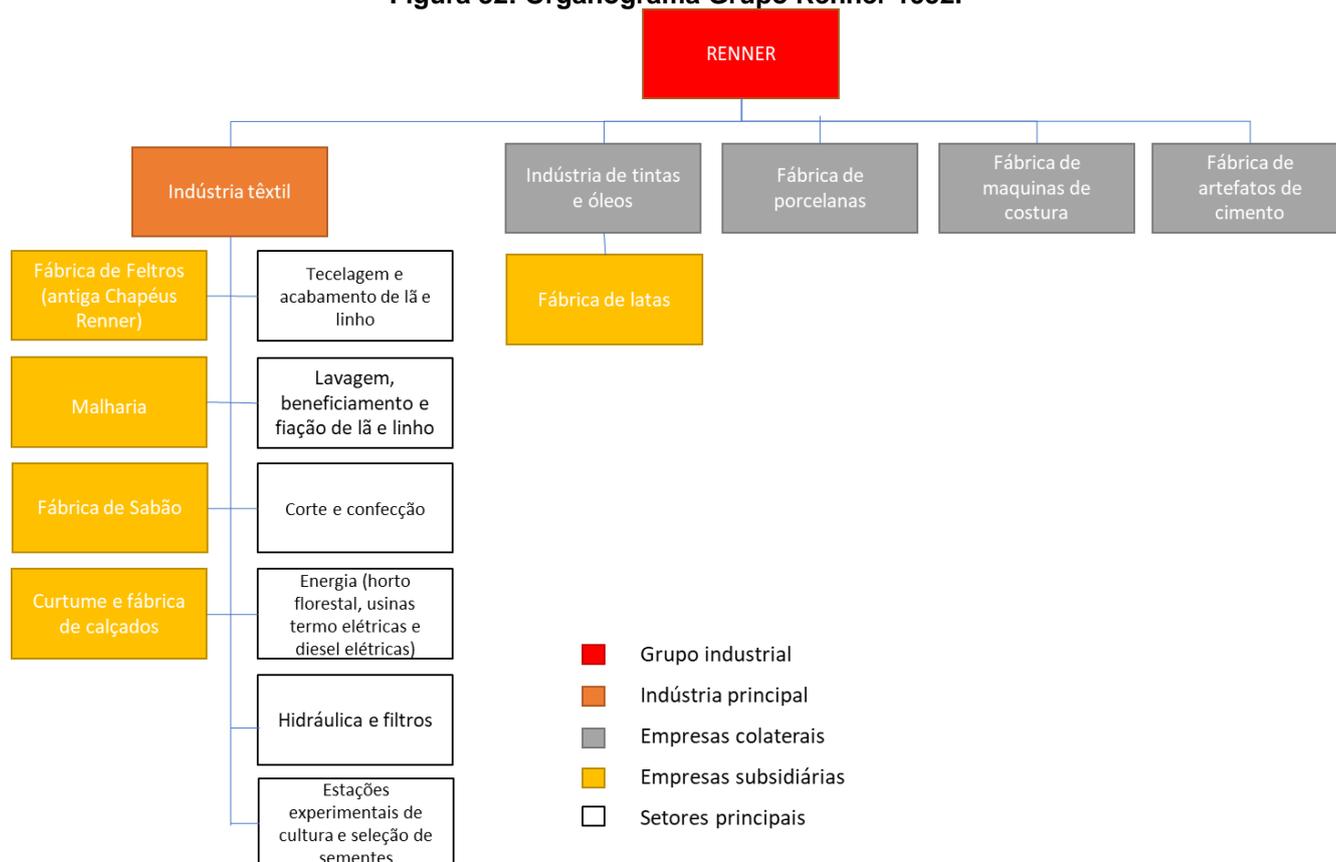
²⁶⁰ O anexo 3 traz uma lista do material publicitário da Renner na Revista *O Cruzeiro* nas décadas de 1950 e 1960.

momento, vimos a Renner verticalizar sua produção e ter controle completo do linho para têxtil e sob a transformação da lã bruta. Entretanto, no que tange aos tecidos sintéticos, percebemos nessas publicidades, que a Renner, em algum momento, passou a utilizar tecido já existente, não produzindo seu próprio, como era esperado desse grupo.

Até aqui, o leitor pode notar que mesmo tratando das indústrias Renner no plural, nosso objeto e fonte de análise, o *Boletim Renner*, se refere de forma mais exclusiva à fábrica têxtil, isso se deve ao fato dessa ser o maior empreendimento do grupo, e as outras por mais que ali existam e sejam empreendimento consideráveis, são empresas colaterais, com administrações próprias. Assim, como nos referíamos a impossibilidade de compreendermos a relação entre os negócios industriais da Renner e as usinas de cultivo de linho mantido pela mesma, não há clareza nas fontes que trabalhamos sobre os limites entre cada umas das fábricas Renner que possuíam diferentes administrações, profissionais e produtos finais. Tendo isso em vista, compreendemos para esse trabalho que, por mais que cada uma das fábricas Renner tenham uma gestão própria, todas elas indiretamente estavam sob o controle de A.J. Renner, e juntas, representavam uma única organização que tinha sua administração geral refletida na fábrica têxtil.

O livro institucional publicado em 1952, nos apresenta cada um dos setores e fábricas do grupo Renner, permitindo que organizemos um organograma para melhor entendimento do grupo Renner, com suas diferentes fábricas subsidiárias e colaterais.

Figura 32: Organograma Grupo Renner 1952.

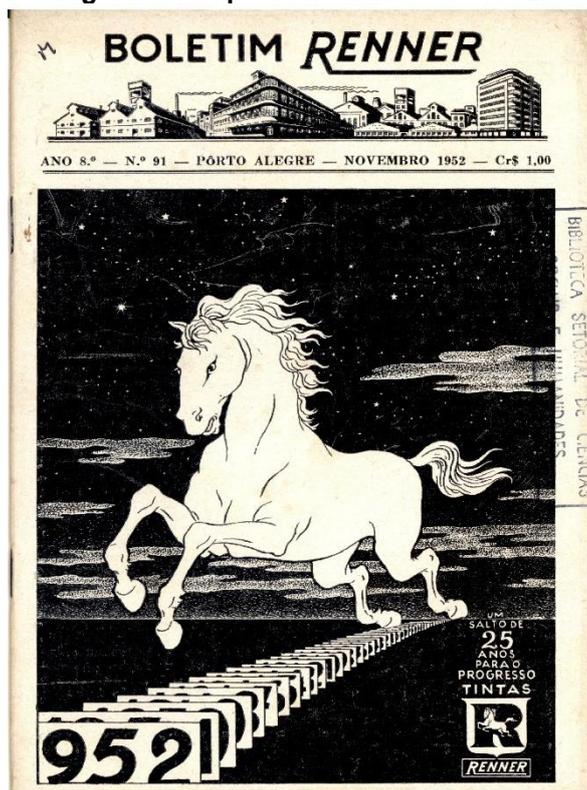


Fonte: Organograma construído pela autora com base nas informações de: PELLANDA. 40 Anos Renner- Indústria do Vestuário..., 1952.

Pensando no que foi visto acima, procuraremos, na sequência deste subcapítulo, dar alguma evidência a esses outros empreendimentos industriais da Renner, buscando no *Boletim Renner* informações sobre essas diferentes fábricas, que atendem múltiplos nichos do mercado e que também estão representados no periódico do grupo.

A primeira empresa colateral é a indústria de tintas e óleos, sobre a qual o *Boletim Renner*, de novembro de 1952, trazia uma grande matéria em comemoração aos seus 25 anos, estampando em sua capa a ilustração de um cavalo branco, símbolo dessa indústria até os dias de hoje.

Figura 33: Capa de novembro de 1952.



Fonte: Coleção do *Boletim Renner* do NPH-UFRGS.

Ao analisarmos a constituição das diferentes fábricas Renner, percebemos que A.J. Renner seguiu a mesma estratégia do seu sogro, Christiano Trein, associando os negócios à família, construindo uma única grande corporação empresarial e familiar. A fábrica de tintas Renner é o primeiro grande exemplo disso. Através de uma iniciativa de Felipe Leopoldo e Waldemar Renner, amparados pelo irmão A.J. Renner e associados ao químico Arthur Koepke, ela foi inaugurada em 1927, utilizando um dos pavilhões da tecelagem da *A.J. Renner & Cia*. Em 1934, Waldemar Renner se retira do empreendimento para assim dar início a sua fábrica de máquinas de costuras, e suas quotas são adquiridas por A.J. Renner, logo, transferidas para a irmã Olga Renner Hermann viúva de Hugo Hermann, assim, em 1941, após a saída do químico, a fábrica muda seu nome de *Renner Koepke & Cia*, para *Renner Hermann & Cia*²⁶¹.

Outra fábrica que também partiu da iniciativa familiar, nesse caso de Egon Renner, e que não se relacionava a indústria têxtil é a *Porcelanas Renner* que produzia diferentes tipos de louças e *biscuit*. Notando uma grande

²⁶¹ AXT. BUENO. *A.J Renner (1884-1966): Capitão de indústrias*. 2013, p. 66.

quantidade de matéria prima para produção de porcelanas no Rio Grande do Sul, esse empreendimento que abriu suas portas em 1947, surgiu da associação entre o técnico europeu Alexandre Sieckenius, Egon Renner e Rodolfo Falk, todavia, “O vulto investimento necessário para as primeiras instalações da indústria exigiu, porém, que desde logo participassem da iniciativa outros diretores da A.J. Renner, inclusive seu titular”²⁶².

Figura 34:Capa de maio de 1953.



Fonte: Coleção do *Boletim Renner* do NPH-UFRGS.

Outro dos empreendimentos, a artefatos de cimento Renner, diferente das anteriores, não surgiu de uma proposta familiar, mas sim do técnico alemão Carl Waldemar Hagelberf que buscou A.J. Renner com a proposta de criar uma fábrica de materiais de cimento e argamassa, prontos para o uso. O empresário, que já percebia essa necessidade no mercado de materiais de construção, investiu na ideia.²⁶³

²⁶²PELLANDA. **40 Anos Renner- Indústria do Vestuário...**, 1952, p. 75.

²⁶³PELLANDA. **40 Anos Renner- Indústria do Vestuário...**, 1952, p. 84.

Figura 35: Capa de dezembro de 1955.



Fonte: Coleção do *Boletim Renner* do NPH-UFRGS.

Pouco encontramos sobre a fábrica de artefatos de cimento atrelada à Renner. A matéria publicada no número de dezembro de 1955, sob o título *Ajudando a construir a cidade*, informa a mudança da fábrica do bairro Navegantes, para um terreno maior, no Passo da Mangueira e traz informações quantitativas sobre a produção dessa fábrica:

A S.A Artefatos de cimento Renner está produzindo mensalmente, 900 mil quilos de artefatos de cimento, ou sejam, canos de diversas medidas, lajes, cordões para calçamento, bancos, degraus de escadas, mesas para jardins, vigas, postes, tampas para poços, blocos e vigas para construções, tijolos de concretos, chapas, calhas, condutores, etc.²⁶⁴

Além das fábricas que citamos acima, que estão claramente associadas aos investimentos do Grupo Renner, que detém o capital principal, é provável que a família investisse em outros empreendimentos, como por exemplo, a citada no início desta dissertação *ASTRA - Cia de Administração e Comércio*

²⁶⁴ *BOLETIM RENNER*. Ajudando a construir a cidade. Dez, 1955, p. 20.

que aparece como acionista na *A.J. Renner S.A* desde setembro de 1959,²⁶⁵ e acabando por se tornar uma das principais acionistas, e que por fim em 1998, incorpora as ações da indústria têxtil.

Ao longo deste texto, buscando discorrer sobre o processo produtivo da Renner e como este era exposto no *Boletim Renner*, percebemos que as matérias relacionadas a ele têm objetivo de inteirar os trabalhadores dos processos, muitos desses, não tão conhecidos pela maioria, como por exemplo, os trabalhos laboratoriais. Notamos também em algumas matérias, a intenção em salientar o pioneirismo da indústria como, por exemplo, na pesquisa genética de sementes de linho.

Para finalizar este capítulo, mesmo que não esteja relacionado diretamente ao processo de produção dos produtos Renner, consideramos essencial discorrer sobre as Lojas Renner. O centro comercial dos produtos Renner é frequentemente aludido no *Boletim Renner* como um modelo. O edifício que, em 1945, contava com dez andares, inicialmente ocupados com apartamentos de alugueis, consultórios médicos e dentários, foi posteriormente inteiramente ocupado pelo empreendimento. O edifício Renner foi inspirado nos grandes magazines, lojas de departamentos norte-americanas, onde estabelecimentos comerciais e espaços de lazer dividiam um mesmo espaço. No Renner, se podia comprar diferentes produtos, cortar o cabelo das crianças e fazer refeições diversas no Restaurante, Bar e Salão de Chá Renner, lá também ficava acomodado o club de xadrez e de tênis, que possuíam um bar próprio e, por vezes, faziam exposições cinematográficas.

Lojas Renner se diferenciam, pois, de muitas grandes lojas, também pelo fato de venderem um grande número de artigos com a marca de fabricação que lhe dá nome. E – o que é igualmente importante – o nome que identificamos como uma organização única no gênero, a serviço do desenvolvimento econômico do Brasil e do público consumidor.²⁶⁶

O prédio localizado na esquina entre as ruas Octavio Rocha e Doutor Flores, foi implodido em 1976 após um grande incêndio, conhecido como uma das maiores tragédias do Rio Grande do Sul, fazendo 41 vítimas fatais.²⁶⁷

²⁶⁵Ata da Assembleia Ordinária dos acionistas. A.J. RENNER S/A. 26 de setembro de 1959. **Junta Comercial, Industrial e Serviços do Rio Grande do Sul**. Registro: 59/400042-4.

²⁶⁶**BOLETIM RENNER**. Artigos da mais completa organização no ramo de vestuário. Out, 1952, p. 14.

²⁶⁷ Maior tragédia de Porto Alegre, incêndio completa 40 anos. **Metrojornal**. 2016.

Porém, dois anos depois, um novo prédio foi construído no local, onde hoje ainda funciona a mais tradicional loja Renner.

Tendo em vista a análise realizada em relação às indústrias Renner e seus processos produtivos no *Boletim Renner*, verificamos que o grupo empresarial utilizava o espaço para abastecer seus trabalhadores e revendedores sobre informações relativas aos processos técnicos da empresa e sobre a qualidade e diferencial dos seus produtos. Tornando esse, um espaço fundamental para propaganda da organização das fábricas do grupo e dos seus produtos.

CONCLUSÃO

Uma das questões que mais inquietaram essa pesquisa ao longo do seu planejamento e redação, esteve relacionada com a perspectiva que deveríamos olhar, ou seja, como analisar o periódico da Renner, logo, seu empresariado. Inicialmente partimos do ponto de que o estudo deveria criticar a atuação empresarial e olhar o *Boletim Renner* apenas como um objeto da dominação empreendida. Porém, ao decorrer do processo, conhecendo melhor o objeto e não encontrando na historiografia concepções que compreendessem nosso objetivo de forma satisfatória, notamos que essa dissertação, mesmo que através de uma análise crítica, não deveria ser uma crítica ao periódico ou a seus empresários, mas que deveria vê-los ao seu tempo, compreendendo-os dentro do contexto e refletindo sobre o papel da comunicação institucional para as relações estabelecidas. Dessa forma, o *Boletim Renner* foi analisado e considerado como uma ferramenta essencial para a manutenção hierárquica e das relações do grupo, em especial para com seus trabalhadores. Logo, não analisando apenas o poder e dominação empresarial, mas sua construção histórica por meio do periódico.

Nesse estudo podemos compreender que a comunicação institucional interna, realizada através de periódicos, não se restringe a Renner, mas que naquele mesmo momento de circulação do *Boletim Renner*, outras revistas, boletins e informativos de empresas circulavam entre elas. Esse material tem um grande potencial para a pesquisa histórica, pois, nos diz principalmente sobre as relações traçadas pelas empresas. Esses periódicos podem descortinar uma série de questões abrangentes e específicas sobre as instituições, a construção das suas ideias, das formas de comunicação e sobre a escrita da sua própria história. São fontes ricas para compreensão da história das instituições, logo, para o desenrolar da História Empresarial, tão essencial para compreensão dos processos não apenas econômicos, mas também socioculturais, tendo em vista que as empresas movimentam uma série de tramas e tendências que perpassam diferentes setores da nossa vida.

Estudando o *Boletim Renner*, conseguimos visualizar o início de muitas iniciativas e estratégias empresariais que ainda estão em execução e que tomam cada vez mais espaços nas rotinas das instituições. As empresas

sobrevivem da imagem que criam, isso se torna ainda mais visível no mundo digital que vivemos. Como consumidores de produtos industriais é mais comum nos atentarmos para as estratégias da comunicação externa das empresas, entretanto, há também de se observar a comunicação interna, sobre como as instituições estão construindo suas relações com os trabalhadores, que em muitas, agora são chamados de colaboradores, algo que tem sido fortemente debatido entre profissionais e pesquisadores da comunicação, mas que ainda, tarda em chegar nas questões dos pesquisadores das humanidades. Logo, essa pesquisa se debruçando para compreender e ponderar a comunicação interna de uma empresa industrial do século XX, se torna importante para refletirmos sobre qual o papel e espaço que a comunicação institucional alcançou no cotidiano das organizações e do trabalho.

O modo de atuação e as iniciativas empresariais que temos contato no *Boletim Renner*, impactam de forma extensiva a relação entre capital e trabalho no século XXI. Dessa forma, as questões levantadas ao longo do estudo do *Boletim Renner*, são deveras emergentes para compreendermos as relações entre empresas e trabalhadores, como elas são firmadas e construídas a partir de inúmeros mecanismos de construção da imagem institucional, por meio da comunicação institucional.

Quando pensando em empresas que consideramos aprazíveis de trabalhar, que proporcionam benefícios, oportunidades e prestígio, qual nome imaginamos hoje? Em Porto Alegre, na década de 1950, pudemos ver nessa pesquisa que a Renner era um desses nomes. Mesmo que houvesse problemas e discordâncias entre a Renner e as representações da classe trabalhadora, essa era uma empresa que cumpria as leis do trabalho e oferecia diferentes propostas que a maioria das empresas não proporcionavam. O *Boletim Renner* também é uma dessas propostas, pois, mesmo que trate das questões relativas ao trabalho, é um periódico de entretenimento e informação, é um espaço para se atualizar de tudo aquilo que a empresa oferecia, seja das atividades esportivas ou das possibilidades em estar participando das cooperativas, dos grupos de estudo, ou de ter o filho na creche – mesmo que sua permanência fosse aceita somente até completar o primeiro ano de vida.

Através do *Boletim Renner* podemos ver que A.J. Renner foi um homem que gostava de expor suas opiniões e que as tinha muito bem formuladas. Nos

seus artigos para o *Boletim Renner*, o empresário se mostra preocupado em resolver os problemas sociais e estar ofertando a seus trabalhadores uma melhor qualidade de vida. Todavia, essa é a perspectiva do empresário a partir do seu lugar social e não dos trabalhadores. Essa pesquisa não pretendeu apontar certos e errados, logo, não é objetivo desconstruir A.J. Renner, mas sim analisar suas preposições e subjetividades, dentro do seu contexto e espaço. Assim, podemos perceber que A.J. Renner, nas páginas do *Boletim Renner*, defendeu posições coerentes a esperada de um empresário gaúcho em meados do século XX. Os textos do empresário surgiram no *Boletim Renner*, mas acabaram tomando outros espaços, logo, não são uma exclusividade do periódico, mesmo que sejam parte essencial da identidade do impresso. Tendo isso em vista, mesmo discordando da atuação da Justiça do Trabalho, podemos perceber que, no geral, o empresário não tinha o objetivo de ir contra as políticas sociais, mas discutindo elas, ele buscava influir não só nas opiniões de seus trabalhadores, como nos planejamentos e execuções das políticas públicas

No decorrer desse estudo, buscando referências sobre outras indústrias nacionais, aqui podemos citar especialmente a *Nitro-Química*, de São Paulo, a *Fábrica Paulista*, de Pernambuco e a *Light and Power* do Rio de Janeiro. Percebemos as similaridades dos discursos empresariais, que em um mesmo momento buscavam apresentar seus empreendimentos como inovadores, antecipadores dos benefícios regulamentados pela legislação social do trabalho e, também, como defensores da prática de um capitalismo social e humano, ciente das responsabilidades sociais. Infelizmente, devido ao tempo hábil para o desenvolvimento dessa pesquisa, não foi possível ampliarmos essa análise comparativa para outras regiões do Brasil, entretanto, acreditamos que essas estratégias discursivas e administrativas estiveram presentes na maioria das grandes indústrias brasileiras pós 1930, ancoradas pelo discurso nacionalista, desenvolvimentista, corporativista e paternalista.

Para tramarmos uma narrativa histórica do *Boletim Renner* recorreremos a autores e pesquisas de diferentes campos e áreas. Inicialmente, munidos principalmente das referências da comunicação, trouxemos ao leitor uma reflexão sobre a comunicação institucional, indicando seu desenvolvimento e suas finalidades, apresentando o *Boletim Renner* como parte da comunicação

institucional da Renner. Seguido a isso, compreendendo a importância de se estudar a instituição para se compreender o periódico, utilizando arquivos da JUCIS-RS, dissertamos sobre a história desse empreendimento e nomeando seus empresários. A partir disso, compreendemos que a Renner é resultado dos empreendimentos de descendentes de imigrantes alemães da região colonial do Rio Grande do Sul, no final do século XIX, constituindo através dos capitais comerciais e da engenharia matrimonial de três famílias principais: Trein, Metz e Renner.

Nos debruçando sobre os textos editoriais especialmente redigidos por A.J. Renner e seu herdeiro Egon Renner, conhecemos melhor as concepções políticas e ideológicas defendidas pela Renner através do empresariado e podemos perceber o *Boletim Renner* com um meio de divulgação dessas propostas e de influenciar as resoluções. Interpretamos o capitalismo social defendido pelos empresários, que compreende a importância dos direitos e deveres sociais que devem ser seguidos por trabalhadores e empresários, que precisam caminhar em um mesmo sentido, em direção a paz social, onde trabalho e capital são complementares. A partir disso, compreendemos o posicionamento do empresariado frente aos conflitos políticos e sociais que se passaram, seus posicionamentos diante o liberalismo e suas críticas a intervenção estatal. Evidenciamos, principalmente, as questões relacionadas ao trabalho e como elas são argumentadas, mostrando que essas perspectivas sobre o trabalho são resultadas do capitalismo social, que salienta que apenas através da produção e da consciência de patrões e empregados, se poderá alcançar um padrão de vida adequado para todos.

Buscando compreender o *Boletim Renner* como um espaço de construção, consolidação e certificação da identidade empresarial, analisamos aquilo que o periódico foi capaz de nos dizer sobre a Renner e sua almejada identidade empresarial. Para isso, partimos das capas do impresso que consideramos uma amostra da identidade do periódico, logo, do grupo industrial. Com esse objetivo, percebemos que o impresso mostrava uma Renner para além do trabalho, mas que penetrava a vida social dos trabalhadores. Tencionando mostrar um *Boletim Renner* para além de um periódico do trabalho, mas também um periódico de lazer e que também tinha um objetivo de entretenimento, identificação, projeção e certificação. Nesse

mesmo sentido, ainda buscando apresentar a Renner no referido periódico, discorreremos sobre como as indústrias e os processos produtivos aparecem no mesmo, onde pudemos verificar que ele buscava inteirar os trabalhadores dos processos produtivos de diferentes setores, salientando os investimentos realizados pela indústria e as capacidades e competência da organização, fornecendo informações relativas à produção e as tecnologias empregadas para os trabalhadores e, principalmente, para os revendedores dos produtos Renner.

Tendo como ponto de partida as capas do *Boletim Renner*, mostramos uma indústria que visava construir e assegurar sua identidade na formação, na família, no bem estar, na sociabilidade e em uma produção sustentada pela pesquisa. Assim, o periódico se construiu como um espaço de encontro das iniciativas empresariais e dos trabalhadores da Renner, o que auxiliava na criação de um espírito de grupo e, também, na divulgação dessas práticas para além desse núcleo.

Por fim, através dessa trama de análises, podemos ver que o *Boletim Renner* é uma certificação de que a Renner investiu nas boas relações com seus trabalhadores. Visando, através desse periódico, abastecê-los de informações da organização e construir uma ideia de identidade do grupo para além de um espaço de trabalho. Além disso, entendemos que o periódico foi um espaço para o empresariado engendrar discussões e influir no jogo político e social que se estabelecia. Dessa forma, concluímos que o *Boletim Renner* foi sim um mecanismo da política comunicacional da instituição, essencial para seu desenvolvimento e consolidação.

FONTES

A Capa Ideal Renner.**Blog Facas Riograndenses**. 3 de fevereiro de 2016. Acesso em: 25 de fevereiro de 2020. Disponível em <<http://facasriograndenses.blogspot.com/2016/02/a-capa-ideal-renner.html>>.

Ascar, 65 anos fortalecendo o meio rural gaúcho.**Emater**.1 de julho de 2020. Acesso em 13 de novembro de 2020. Disponível em: <<http://www.emater.tche.br/site/multimidia/noticias/detalhenoticia.php?id=31072#>>.

Boletim Eberle. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Acesso em: 27 de setembro de 2020.

Coleção do Boletim Renner (1949-1958). Acervo Processo de industrialização do Rio Grande do Sul (1889-1930) e movimento operário. Núcleo de Pesquisas em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Conheça as maiores redes de varejo do país e quanto elas faturam. **Época Negócios**. 19 de agosto de 2019. Acesso em: 28 de janeiro de 2020. Disponível em: <:[://epocanegocios.globo.com/Empresa/noticia/2019/08/conheca-maiores-redes-de-varejo-do-pais-e-quanto-elas-faturam.html](http://epocanegocios.globo.com/Empresa/noticia/2019/08/conheca-maiores-redes-de-varejo-do-pais-e-quanto-elas-faturam.html)>.

Documentação da *A.J. Renner & Cia*/A.J. Renner S/A. **Junta Comercial, Industrial e Serviços do Rio Grande do Sul**.1911-1998.

Frederico Renner Mentz: o novo mindset gaúcho.**GaúchaZH**. 04 de julho de 2019. Acesso em: 28 de janeiro de 2020. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/tecnologia/noticia/2019/07/frederico-renner-mentz-o-novo-mindset-gaucha-cjxotba0205i501o9vgwk6r95.html>>.

Maior tragédia de Porto Alegre, incêndio completa 40 anos.**Metrojornal**. 2016. Acesso em: 22 de março de 2020. Disponível em:

<<https://www.metrojornal.com.br/foco/2016/04/25/maior-tragedia-porto-alegre-completa-40-anos.html>>.

Memorial da Livraria do Globo ganha estátua de Erico Verissimo. **GaúchaZH**. 16 de agosto de 2017. Acesso em: 08 de julho de 2020. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2017/08/memorial-da-livraria-do-globo-ganha-estatua-de-erico-verissimo-9871839.html>>.

O Cruzeiro: Revista (RJ). Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Acesso em: 14 de fevereiro de 2021.

Prestada significativa homenagem ao industrial Sr. A.J. Renner pela firma Frederico Mentz S.A. **Diário de Notícias (RS)**, 1954, edição 56, p. 9. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Acesso: 25 de janeiro de 2020.

TV SUL programas. Porto Alegre. 1963, ano.1, n. 4. Acesso em: 23 de setembro de 2020. Disponível em: <<http://eusoufamecos.uni5.net/nupecc/wp-content/uploads/2013/08/Edi%C3%A7%C3%A3o-4-TV-Sul-PDF.pdf>>.

Venda de ações da Lojas Renner totaliza R\$ 775 milhões. **Exame**. 10 de outubro de 2010. Acesso em: 28 de janeiro de 2020. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/seu-dinheiro/venda-de-acoes-da-lojas-renner-totaliza-r-775-milhoes-m0061715/>>.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

AXT, Gunter (Org). **Parlamentares Gaúchos- A.J. Renner, discursos e artigos (1932-1952)**. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Estado do RS/CORAG, 2000.

AXT, Gunter. A formação da empresa pública no setor elétrico. **Anos 90**, Porto Alegre, n. 4, dezembro, 1995, p. 77-86.

AXT, Gunter. BUENO, Eduardo. **A.J Renner (1884-1966): Capitão de indústrias**. Porto Alegre: Editora Paiol, 2013.

BARBOSA, Marialva. RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Comunicação e História: um entre-lugar. BARBOSA, Marialva; RIBEIRO, Ana Paula. (Org.). **Comunicação e história. Partilhas teóricas**. Florianópolis: Insular, 2011.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

BARTMANN, Tatiane. Industrialização e imigração no Rio Grande do Sul: Um estudo historiográfico. **Anais do XI Encontro Estadual de História da Anpuh: História, Patrimônio e Memória**. 2012. Acesso em: 23 de setembro de 2018. Disponível em: <http://www.eeh2012.anpuh-rs.org.br/resources/anais/18/1346360716_ARQUIVO_ArtigoANPUH.pdf>.

BARTMANN, Tatiane. **Justiça do Trabalho: Entre a “lei” e a “realidade” (1941-1945)**. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

BEISER, Ana. **De uma fábrica de antigamente à uma indústria racionalizada: O processo de desenvolvimento da Ritter Alimentos**. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2012.

BONADIO, Maria Cláudia. **O fio sintético é um show! Moda, política e publicidade; Rhodia S.A. 1960-1970**. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2005.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CARDOSO, Ciro Flamarion. História e poder: uma nova história política? CARDOSO, Ciro. VAINFAS, Ronaldo (Org). **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

CARDOSO, Claudira do Socorro Cirino. **Integralismo no processo político gaúcho: Partido de Representação Popular (PRP)**. (Tese- Doutorado em Ciência Política) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

CARDOSO, Onésimo de Oliveira. Comunicação empresarial *versus* comunicação organizacional: novos desafios teóricos. **Revista de Administração Pública**. 2006, vol. 40, n. 6, p. 1123-1144. Acesso em: 23 de setembro de 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003476122006000600010&script=sci_abstract&tlng=pt>.

CARVALHO JÚNIOR, Francisco. GÁRCIA, Eliane (org.). **Adorável camarada: memórias de Julieta Bastioli**. Porto Alegre: Câmara Municipal de Porto Alegre, 2008.

CARVALHO, Caroline Corso. Revista TV Sul- Uma programação televisiva. Resumo publicado em evento. **Salão de Iniciação Científica da UFRGS**. 2012. Acesso em: 23 de setembro de 2020. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/64218>>.

CASTRO, Hebe. História social. CARDOSO, Ciro. VAINFAS, Ronaldo (Org). **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CHAGAS, Guilherme. O corporativismo na construção do discurso da Revista Light (1928-1940). **Revista Cantareira**. 34^a ed. Jan-Jun, 2021.

CHARLE, Christophe. Como anda a história social das elites e da burguesia? Tentativa de balanço crítico da historiografia contemporânea. HEINZ, Flávio (Org). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 19-39.

COSTA, Achyles Barcelos da. Algumas características da industrialização gaúcha. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v.10, n.1,1989, p. 24-46.

COSTA, Paulo Roberto Neves. Elite empresarial e elite econômica: o estudo do empresário. **Revista de Sociologia e Política**, v. 22, n. 52. 2014, p. 47-57.

DALLA COSTA, Armando. História e historiográfica empresarial: acesso e utilização de arquivos e fontes. DALLA COSTA, A. e GRAF, M. **Estratégias de desenvolvimento urbano e regional (orgs.)**. Curitiba: Juruá, 2004, p. 121-141. Acesso em: 24 de novembro de 2020. Disponível em: <<http://www.empresas.ufpr.br/historia.pdf>>.

DALMÁZ, Matheus. **A imagem do Terceiro Reich na Revista do Globo (1933-1945)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

DARNTON, Robert. Jornalismo: toda notícia que couber, a gente publica. **O beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 41-57.

DE LUCA, Tânia Regina. **A grande imprensa na primeira metade do século XX**. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina. História da imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2008, p. 149-175.

DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. PINSK, Carla (Org). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 111-153.

DE LUCA, Tânia Regina. Periódicos lançados por editoras: O caso do Boletim Ariel (1931-1939). **Revista História UNESP**, Franca, v. 36, e. 32, 2017. Acesso em: 11 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0101-90742017000100414&lng=pt&nrm=1&tlng=pt>.

DINIZ, Eli. Empresariado industrial, representação de interesses e ação política: trajetória histórica e novas configurações. **Política & Sociedade**, v. 9, nº. 17. 2010.

FAUSEL, Erick. **Ideias e pensamentos de A.J. Renner: Condensado e comentado.** São Leopoldo: Rotermund& Cia LTDA. 1962.

FAY, Cláudia Musa. **A aviação comercial na América do Sul (1920-1941).** Porto Alegre: Editora Fi, 2020.

FAY, Cláudia Musa. **Crise nas alturas: a questão da aviação civil (1927-1975).** Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010., Porto Alegre, 2001.

FERRARETO, Maria Karina. Documentos corporativos como fonte para uma história econômico-social das elites industriais do final do século XIX: um estudo de caso sobre a Fábrica Rheingantz (Rio Grande, 1884-1895). **XXVIII Simpósio Nacional de História.** 2015. Acesso em: 19 de janeiro de 2020. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439202724_ARQUIVO_Artigo_MariaKarinaFerraretto2.pdf.

FERRARETO, Karina. **Sociedades nem tão anônimas: um estudo prosopográfico sobre a elite empresarial de Rio Grande (1884-1913).** Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

FERREIRA, Jorge. Apresentação. Dossiê 1946–1964: a experiência democrática no Brasil. **Tempo**, Niterói, v. 14, n. 28, p. 11-18, jun. 2010.

FERREIRA, Jorge. DELGADO, Lucília (Org.). **O Brasil Republicano. O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964.** Terceira República. Rio de Janeiro: Civilização brasileira. 2019.

FERREIRA, M. L. M. **Os três apitos: memória coletiva e memória pública, Fábrica Rheingantz, Rio Grande, RS, 1950-1970.** Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

FONTES, Paulo. **Trabalhadores da Nitro Química: A fábrica e as lutas operárias nos anos 50.** (Dissertação- Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

FORJAZ, Maria Cecília. **História empresarial como área de pesquisa.** Relatório FGV-EAESP. 14/2008. Acesso em: 24 de novembro de 2020. Disponível em: <<https://pesquisa-eaesp.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/publicacoes/Rel142008.pdf>>

FORTES, Alexandre. **Nós do Quarto Distrito: A classe trabalhadora porto-alegrense e a Era Vargas.** Caxias do Sul: Educus; Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

GARCIA, Adalberto. **Longevidade em organizações empresariais brasileiras: O caso das Lojas Renner S/A.** Tese (Doutorado em Administração) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2011.

GOMES, Ângela de Castro. **A invenção do trabalhismo.** Rio de Janeiro: IUPERJ, 1988.

GOMES, Ângela de Castro; SILVA, Fernando Teixeira. Os direitos sociais e humanos dos trabalhadores no Brasil: A título de apresentação. **A Justiça do trabalho e sua história.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013, p. 12-45.

GRENFELL, Michael. **Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais.** Petropolis/RJ: Vozes, 2018.)

HEINZ, Flávio. O historiador e as elites – à quisa de introdução. HEINZ, Flávio (Org). **Por outra história das elites.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 7-15.

KRAUSE, Cleandro. FRIDMAN, Fania. O Rotary Club e a hegemonia no tratamento de problemas urbanos (Porto Alegre, 1928-1937). **Anais do 30º Simpósio Nacional de História.** Recife, 2019. Disponível em:

<https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1554748566_ARQUIVO_2019-04-08_anpuh_cleandro_fania.pdf>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2021.

LANDÉ, Carl H. A base diádica do clientelismo. In: SCHIMIDT; S.W. (Eds.). **Friends, followers and factions**. Berkeley: University of California Press, 1977 (Traduzida para o português).

LANGEMANN, Eugênio. **A Industrialização no Rio Grande do Sul (Um estudo Histórico)**. Porto Alegre: IEPE/UFRGS, 1978.

LOBO, Eulália. História empresarial. CARDOSO, Ciro. VAINFAS, Ronaldo (Org). **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

LOPES, Aristeu. As fotografias 3x4 dos trabalhadores do Rio Grande do Sul no acervo da Delegacia Regional do Trabalho, 1933-1943. SPERANZA, Clarice. SCHEER, Micaela (Org.). **Trabalho, democracia e direitos, volume 2: mundos do trabalho, identidades e cultura operária**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019.

LOPES, Aristeu. História e Memória dos Trabalhadores do Rio Grande do Sul: O acervo da Delegacia Regional do Trabalho, 1933-1943. **Revista Memória em Rede**. Pelotas, v.5, n.12, 2015.

LOPES, Jéssica Bitencourt. “As indústrias A.J. Renner devem orgulhar o Brasil inteiro”: Os trabalhadores da indústria têxtil A.J. Renner no Acervo da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul (1933-1943). **Aedos**, v. 11, n. 25, 2020, p. 376-399.

LOPES, Jéssica Bitencourt. **A indústria têxtil e de vestuário A.J. Renner e seus trabalhadores no acervo da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul (1933-1943)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas. 2018.

LOPES, José Sérgio Leite. **A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés**. São Paulo: Editora Marco Zero, 1988.

MARGALHO, Maurício Gonçalves. **Estado, empresários e política: A hegemonia em construção (1930-1945)**. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

MARTINS, Luis Carlos dos Passos. **A grande imprensa “liberal” da Capital Federal (RJ) e a política econômica do segundo governo Vargas (1951-1954): conflito entre projetos de desenvolvimento nacional**. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

MARTINY, Carina. **“Os seus serviços públicos e políticos estão de certo modo ligados à prosperidade do município” Constituindo redes e consolidando o poder: uma elite política local (São Sebastião do Caí, 1875-1900)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2010.

MARTINY, Carina. Famílias de elite e estratégias de manutenção de poder (São Sebastião do Caí, 1875-1900). **XI Encontro Estadual de História**. 2012. Acesso em 19 de janeiro de 2020. Disponível em: <http://www.eeh2012.anpuhrs.org.br/resources/anais/18/1346364361_ARQUIVO_anpuh2012CarinaMartinyFURGversaofinal.pdf>.

MATOSO, Caroline. **As Marias que tecem os amanhã: fiando a existência e tramando a resistência na fábrica Rheingantz (Rio Grande, 1920 a1968)**. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

METZ, Marli. A burguesia industrial gaúcha e suas tentativas de organização: de sua origem a 1930. Porto Alegre: **Ensaio FEE**, 1991, p. 422-444.

MIRANDA, Adriana Eckert. **Planos e projetos de expansão urbana industrial e operária em Porto Alegre (1935-1961)**. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional), Faculdade de Arquitetura. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

MONTEIRO, Lorena. Estudo de elites políticas e sociais: as contribuições da Sociologia e da História. **Sociedade e Cultura**, v.12, n.1, jan./jun. 2009, p. 25-32.

MONTEIRO, Silvia Eidt. Patrimônio industrial de Porto Alegre. **Revista da ESDM**, v. 6, n. 11, 2020.

MOURÃO, Alda. A criação da imagem empresarial através da publicidade. In: RIBEIRO, Maria Manuela Tavares (coord.). **Outros combates pela história**. Coimbra: Impressos da Universidade de Coimbra, 2010, p. 311-325.

NASSAR, Paulo. A evolução das publicações em jornalismo empresarial para o jornalismo em empresas. **Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional**, 2009, jan-dez, ano.13, n,13, p. 127-144. Acesso em: 27 de abril de 2020. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/AUM/article/view/2197/2120>>.

NASSAR, Paulo. FIGUEIREDO, Rubens. **O que é comunicação empresarial?**. Coleção Primeiros Passos: 297. São Paulo: Brasiliense, 1995.

NASSAR, Paulo. Resenha: Gaudêncio Torquato Jornalismo Empresarial: teoria e prática. **Ciências da Comunicação no Brasil – Século XX: Pragmatismo Utópico**. S/D, p. 255-262. Acesso em: 25/05/2020. Disponível em: <<http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/producao-academica/002694519.pdf>>.

NEGRO, Antônio Luigi. Paternalismo, populismo e história social. **Cadernos AEL**, v.11, n. 20/21, 2014, p. 11-38.

NERY, Olivia. **Leal, Santos & C. – A história da fábrica através do seu biscoito: produção, venda, consumo e musealização**. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

NUNES, Guilherme. **“A Lei de Férias no Brasil é um aleijão”:** greves e outras disputas entre Estado, trabalhadores/as e burguesia industrial (1925-1935). Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e

Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

PAULISTSCH, Vivian da Silva. **Rheingantz: Uma vila operária em Rio Grande -RS**. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2003.

PELLANDA, Ernesto. **40 Anos Renner- Indústria do Vestuário: uma organização vertical sem similar no país ou no exterior**. Porto Alegre: Renner, 1952.

PELLANDA, Ernesto. **A.J. Renner: Um capitão da indústria**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1944.

PERROT, Michele. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

PESAVENTO, Sandra Jatary. **A burguesia gaúcha: Dominação do capital e disciplina do trabalho (1889-1930)**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

PESAVENTO, Sandra Jatary. **História da Indústria Sul-Rio-Grandense**. Guaíba: Riocell, 1985.

PIRES, Isabelle; FONTES, Paulo. Crianças nas fábricas: o trabalho infantil na Indústria Têxtil carioca na Primeira República. **Tempo e Argumento**. Florianópolis, v. 12, n. 30, maio/ago. 2020.

POEGERE, Elias Ricardo. Capítulo III: A cidade ideal e o mito Abramo Eberle por meio do discurso do Boletim Eberle. **A construção da identidade na Região Colonial Italiana: o processo de modernização e urbanização como fator de memória e esquecimento do Frigorífico Rizzo, em Caxias do Sul – 1938 a 1960**. Dissertação (Mestrado Profissional em História). Universidade Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2016, p. 47-70.

POLANYI, Karl. **A grande transformação – as origens da nossa época**. Rio de Janeiro, Elsevier, 2000.

RAMOS, Rosangela Cristina. Breve histórico do acervo Benno Mentz: Considerações sobre sua trajetória desde o século XIX. **XXVIII Simpósio Nacional de História**. Florianópolis. 2015. Acesso em: 23 de janeiro de 2020. Disponível em: < http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439825902_ARQUIVO_anpuh2015.pdf >

RAMOS, Rosangela Cristina. Uma amostra das relações de parentesco como estratégia de empreendedorismo, entre os séculos XIX e XX. **XII Encontro Estadual de História da ANPUH-RS**. São Leopoldo: Unisinos. 2014. Acesso: 23 de janeiro de 2020. Disponível em: < <http://docplayer.com.br/34248282-Uma-amostra-das-relacoes-de-parentesco-como-estrategia-de-empreendedorismo-entre-os-seculos-xix-e-xx.html>>.

REICHEL, Heloisa. **A indústria têxtil do Rio Grande do Sul- 1910/1930**. Porto Alegre: IEL/Mercado Aberto, 1978.

REIS, Daniela Görgen. **Imagens do Poder: As fotográficas da Legalidade pelas lentes da Assessoria de Imprensa do Governo do Estado do Rio Grande do Sul (1961)**. Dissertação (Mestrado em História)– Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

REZENDE, Vinicius. **Tempo, trabalho e conflitos sociais no complexo coureiro-calçadista de Franca- SP (1950-1980)**. (Tese- Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

ROCHE, Jean. **A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969.

SCHEMES, Claudia. FAY, Claudia Musa. PRODANOV, Cleber. Arriscar e inovar: uma geração de empreendedores gaúchos do século XX. **História econômica & história de empresas**, v. 13, n. 1. 2010, p. 157-186.

SCHMIDT, Mônica. **Na luta por direitos: os trabalhadores do Frigorífico Anglo de Pelotas e a Justiça do Trabalho (1943-1945)**. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

SEVERO, Juan Pablo. Habitação e políticas públicas: O bairro Rubem Berta como reprodução dos processos espaciais de Porto Alegre, RS, Brasil. **Boletim Gaúcho de Geografia**. Sem data, p. 146-164. Acesso em: 14 de fevereiro de 2020. Disponível em: < <http://files.agb-portoalegre.webnode.com.br/200000080-9dcec9ec8e/art03.pdf>>.

SILVA, HaikeRoselane Kleber da. **SOGIPA: Uma trajetória de 130 anos**. Porto Alegre: Gráfica Editora Palloti. 1997.

SILVA, Nauber. **O “mínimo” em disputa: salário mínimo, política, alimentação e gênero na cidade de Porto Alegre (1940-1968)**. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SOTANA, Edvaldo Correia. O início da Guerra Fria nas páginas da imprensa escrita brasileira (1946-1949). **Diálogos**, v. 18, n. 1. 2014, p. 325- 359.

STÉDILE, Miguel. **Da fábrica a várzea: Clubes de futebol operário em Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

TAVARES, Anderson. A expansão capitalista na década de 1950, as associações industriais e a interpretação gramsciana. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História da ANPUH- Brasil**. Natal- RN, 2013. Acesso em: 07 de novembro de 2020. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364927884_ARQUIVO_ArtigoANPUH_AndersonTavares.pdf>.

THOMPSON, E.P. Exploração. THOMPSON, E.P. **Formação da classe operária inglesa II: A maldição de Adão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 11-38.

THOMPSON, E.P. Patrícios e plebeus. THOMPSON, E.P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 25-85.

THOMPSON, E.P. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. THOMPSON, E.P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 267-304.

TORQUATO, Francisco Gaudêncio. **Comunicação empresarial/ Comunicação institucional: Conceitos, estratégias, sistemas, estruturas, planejamento e técnicas**. São Paulo: Summus, 1986.

TORQUATO, Francisco Gaudêncio. **Jornalismo empresarial: Teoria e prática**. São Paulo: Summus, 1984.

WACQUANT, Loïc. Poder simbólico e fabricação de grupos: Como Bourdieu reformula a questão das classes. **Novos Estudos**, n. 96, 2013.

WEBER, Max. Três tipos puros de poder legítimo. WEBER, Max. **Três tipos de poder e outros escritos**. Lisboa: Tribuna da História, 2005.

ANEXOS

Anexo 1: Publicações recebidas

Nome da Publicação	Informação complementar
Informe mensal	Confederação do comercio varejista do Rio Grande do Sul
Boletim Nova América	do Rio de Janeiro
Pioneiro	ARCESP de São Paulo
Província	Órgão do Grêmio Esportivo da Província, do Banco da Província do RS
Revista Senai	do Rio de Janeiro
Boletim Carioca	S.A. Curtumes Carioca
O Ateneu	Órgão do Colégio Sinodal de São Leopoldo
A Bandeirinha	Good Year do Brasil
Boletim da Associação Comercial	Porto Alegre
Carta do Canadá	BrazilianGovernment Trade Bureau, Montreal, Canadá.
Comentário Comercial Anglo Brasileiro	Câmara de Comercio Britânico no Brasil, Rio de Janeiro
Boletim Eureka	Laboratórios Noli Ltda. Livramento0
A voz da PreviSul	Cia de Seguros de vida Previdência do Sul de Porto Alegre
Nosso Jornal	Órgão dos alunos do SENAI de Porto Alegre
Técnica Econômica	Publicação do Sindicato dos Economistas de Porto Alegre
Nadir Jornal	Nadir Figueiredo Ind. E Com. S.A. São Paulo.
Boletim da Casa de Portugal	Porto Alegre
Sul América	Companhia Nacional d Seguros de Vida do Rio de Janeiro
O C.O.P.A	Círculo Operário de Porto Alegre
Boletim da FARSUL - Federação das Associações Rurais	Rio Grande do Sul
Revista Esso	StandadOilCompanyof Brasil. Rio de Janeiro.
Noticias para nossos amigos	Órgão da Província Sul Brasileira da Companhia de Jesus
Boletim Informativo	Federação e Centro da Indústrias do Estado de São Paulo

Boletim C.U.F	Fábrica Rheingantz. Rio Grande.
A voz do C.B.C. gaúcho	Órgão do clube dos funcionários do "The National City Bank of New York". Porto Alegre
Boletim de informações	Confederação Nacional da Indústria do Rio de Janeiro
Mesbla Club Noticias	Porto Alegre
Boletim Mesbla	Mesbla S.A do Rio de Janeiro
O Telegrafista	Santa Maria
Lavoura Arrozeira	Instituto Riograndense de arroz
Revista Chácaras e quintais	São Paulo
Boletim de Notícias	Cia de Seguros de vida Previdência do Sul de Porto Alegre
Boletim da Campanha Nacional contra a Tuberculose	-
Boletim da Casa Jaques	Uruguaiana
Boletim do Banco Agrícola Mercantil S.A	Porto Alegre
Boletim mensal da Associação Comercial	Santa Maria
Boletim do centro cultural Eduardo Prado	Porto Alegre
O Lingote	Cia. Siderúrgica Nacional
Kibon noticiário	Cia.HarksonIndústria e Comércio Kibon do Rio de Janeiro
C.N.I	Órgão da Confederação Nacional da Indústria do Rio de Janeiro
Associação comercial de Bauru	Órgão oficial do sindicato do comércio varejista de Bauru
O Seminário	Órgão dos seminaristas brasileiros do seminário central de São Leopoldo

Anexo 2:Textos de editorial

Título	Data	Assinatura
O trabalhador americano toma seu lugar na luta pela preservação da liberdade	Abril de 1949	A.J. Renner
Ainda a participação nos lucros	Abril de 1949	A.J. Renner
Mais uma vez a participação nos lucros	Abril de 1949	A.J. Renner
Comodismo o pior inimigo da democracia	Maio de 1949	A.J. Renner
Seguro social na Inglaterra	Maio de 1949	A.J. Renner
Coletivismo, inimigo da economia e do progresso	Julho de 1949	A.J. Renner
Depressão econômica e o "dumping"	Julho de 1949	A.J. Renner
Participação nos lucros e fundo de garantia da estabilidade	Agosto de 1949	A.J. Renner
A desilusão socialista	Agosto de 1949	A.J. Renner
A desilusão socialista	Setembro de 1949	A.J. Renner
O valor interno e externo da moeda	Setembro de 1949	A.J. Renner
Socialismo e capitalismo	Janeiro de 1950	A.J. Renner
Socialismo e seguro social	Janeiro de 1950	A.J. Renner
Centro cívico e social da produção do Rio Grande do Sul	Abril de 1950	A.J. Renner
Um industrialista moderno	Abril de 1950	A.J. Renner
Recenseamento	Abril de 1950	A.J. Renner
Os interesses do trabalho e o centro cívico da produção	Maio de 1950	A.J. Renner
Cooperação a todos os partidos e não a um partido econômico	Maio de 1950	A.J. Renner
Em torno do centro cívico e social de produção	Junho de 1950	A.J. Renner
Comunismo, capitalismo e cristianismo	Julho de 1950	A.J. Renner
O operário americano e o socialismo	Julho de 1950	A.J. Renner
Cooperação entre capital e trabalho	Agosto de 1950	A.J. Renner
A solidariedade dos elementos da produção	Agosto de 1950	A.J. Renner
O administrador deve administrar	Setembro de 1950	A.J. Renner

Descentralização e especialização da previdência e dos serviços	Setembro de 1950	A.J. Renner
Unificação das contribuições	Outubro de 1950	A.J. Renner
Assistência efetiva a mães e crianças	Outubro de 1950	A.J. Renner
Paz fiscal na emenda Mello Viana	Novembro de 1950	A.J. Renner
O problema da eletricidade	Dezembro de 1950	A.J. Renner
Em torna da taxa de eletrificação	Dezembro de 1950	A.J. Renner
Legislação progressista sob o petróleo	Janeiro de 1951	A.J. Renner
Sentimento de responsabilidade perante a nação	Janeiro de 1951	A.J. Renner
Produção e preço	Fev- Março de 1951	A.J. Renner
Tabelamento e especulação	Abril de 1951	A.J. Renner
Artigos populares	Abril de 1951	A.J. Renner
Transporte, problema número 1	Mai de 1951	A.J. Renner
Ainda o problema dos transportes	Mai de 1951	A.J. Renner
A produção em face do controle de preços	Junho de 1951	A.J. Renner
Congelamento dos preços	Junho de 1951	A.J. Renner
Produção e produtividade	Julho de 1951	A.J. Renner
Standard de vida e produtividade	Agosto de 1951	A.J. Renner
Algo importante sobre a roupa	Agosto de 1951	A.J. Renner
Participação nos lucros	Setembro de 1951	A.J. Renner
Ainda a casa popular	Setembro de 1951	A.J. Renner
Como se processa a execução de um pedido de roupa	Setembro de 1951	A.J. Renner
Associação de crédito e assistência rural	Outubro de 1951	A.J. Renner
Possibilidades da A.C.A. R	Outubro de 1951	A.J. Renner
Inconvenientes da participação direta	Nov- Dez de 1951	A.J. Renner
Produzir com a preocupação de oferecer o melhor possível ao consumidor	Nov- Dez de 1951	A.J. Renner
O problema da energia elétrica	Janeiro de 1952	A.J. Renner
A largura de nossos tecidos de linho	Janeiro de 1952	A.J. Renner

Ainda o problema da energia	Fevereiro de 1952	A.J. Renner
Algo sobre a fabricação do calçado Renner	Fevereiro de 1952	A.J. Renner
Importação de artigos pelo estado	Fevereiro de 1952	A.J. Renner
Intervenção do Estado no domínio econômico	Fevereiro de 1952	A.J. Renner
Ácidos que prejudicam as fibras vegetais	Março de 1952	A.J. Renner
Ainda o problema da energia	Julho de 1952	A.J. Renner
Algo sobre o aviamento das roupas*	Julho de 1952	A.J. Renner
Como encarar o problema da energia elétrica	Agosto de 1952	A.J. Renner
O fato tempo na solução dos nossos problemas	Setembro de 1952	A.J. Renner
A importância fundamental do incremento à produção	Setembro de 1952	A.J. Renner
Pontes, um grande problema	Outubro de 1952	A.J. Renner
Compensação com bens de produção	Novembro de 1952	A.J. Renner
Reforma administrativa	Jan-Fev de 1953	A.J. Renner
O problema das relações entre empregados e empregadores *	Jan-Fev de 1953	A.J. Renner
Lucros extraordinários	Abril de 1953	A.J. Renner
Câmbio livre	Mai de 1953	A.J. Renner
Esperança e apreensões em torno da nova política cambial	Julho de 1953	A.J. Renner
A imposição do momento: trabalho, esforço e sacrifício	Agosto de 1953	A.J. Renner
A nova lei de seguro contra acidentes de trabalho	Setembro de 1953	A.J. Renner
Novamente o fundo federal de eletrificação	Out-Nov de 1953	A.J. Renner
Sugestões ao plano Oswaldo Aranha	Out-Nov de 1953	A.J. Renner
Considerações em torno de um manifesto	Dezembro de 1953	A.J. Renner
Livre iniciativa e intervencionismo	Janeiro de 1954	A.J. Renner
A ilusão de um slogan	Janeiro de 1954	A.J. Renner
Salário mínimo e o menor abandonado	Fev-Março de 1954	A.J. Renner
Oferta e procura	Abril de 1954	A.J. Renner
Pensamentos sobre a ordem social	Abril de 1954	A.J. Renner

Impressões de um grande financista	Abril de 1954	A.J. Renner
Patrões progressistas e a elevação do nível social	Mai de 1954	A.J. Renner
Impressões de viagens	Julho de 1954	A.J. Renner
Impressões de viagem- parte 2	Agosto de 1954	A.J. Renner
O milagre da produtividade	Setembro de 1954	A.J. Renner
A crise de crédito	Novembro de 1954	A.J. Renner
Nem toda missão inflacionária	Dezembro de 1954	A.J. Renner
Estados Unidos estão se retirando do negocio	Mai de 1955	A.J. Renner
Associação sulina de crédito e assistência social (ASCAR)	Setembro de 1955	A.J. Renner
Realizações da ACAR em Minas Gerais	Setembro de 1955	A.J. Renner
Voltando ao problema da participação de lucros0	Outubro de 1955	A.J. Renner
Jornada de economia e finanças	Dezembro de 1955	A.J. Renner
Prováveis conseqüências da situação financeira	Dezembro de 1955	Egon Renner
Más perspectivas para a produção	Jan- Fev de 1956	A.J. Renner
Congelamentos	Jan- Fev de 1956	Egon Renner
Considerações em torno de uma data (bodas de ouro)	Jan- Fev de 1956	A.J. Renner
Nosso agradecimento	Jan- Fev de 1956	Mathilde e A.J
Produção em perigo pela falta de reajustamento do crédito	Março-Abril de 1956	A.J. Renner
Auxilio a produção	Março-Abril de 1956	Egon Renner
O exemplo nos vem da Suécia	Mai de 1956	A.J. Renner
Reforma do sistema tributário	Mai de 1956	A.J. Renner
Uma liga de contribuintes na Alemanha	Mai de 1956	Egon Renner
Reequipamento pelo câmbio livre	Junho-Julho de 1956	A.J. Renner
Salários	Junho-Julho de 1956	Egon Renner
O dia do colono	Agosto de 1956	A.J. Renner
Posto de venda e consignações e custo de vida	Agosto de 1956	Egon Renner
Campanha de esclarecimento	Setembro de 1956	A.J. Renner

Negócios inflacionários	Setembro de 1956	Egon Renner
Câmbio livre para reequipamento	Outubro de 1956	A.J. Renner
Intervenção estatal		Egon Renner
Porcentagens dos impostos no custo das utilidades	Dezembro de 1956/janeiro 1957	A.J. Renner
RavelerCheck para uso interno	Dezembro de 1956/janeiro 1957	A.J. Renner
Problemas da indústria	Fevereiro-Março de 1957	A.J. Renner
Causas da inflação e como combatê-la	Fevereiro-Março de 1957	A.J. Renner
Pontualidade e sentimento do dever	Maio de 1957	A.J. Renner
Cambio fictício e encarecimento do custo de vida	Junho-Julho de 1957	A.J. Renner
Navegação Fluvial	Junho-Julho de 1957	Egon Renner
Em comemoração ao "dia do colono"	Agosto de 1957	A.J. Renner
Mentalidade errada	Agosto de 1957	Egon Renner
Um grande mal ignorado pela grande maioria do povo	Outubro- Novembro de 1957	A.J. Renner
Milagre Alemão	Outubro- Novembro de 1957	Egon Renner
Repressão geral ao contrabando	Setembro de 1957	A.J. Renner
Inflação, orçamento e controle de emissões	Dezembro de 1957	A.J. Renner
Partidos socialistas e socialização	Dezembro de 1957	Egon Renner
Um relatório sobre os aspectos da economia	Janeiro-Fevereiro-Março de 1958	A.J. Renner
Capital e lucro	Janeiro-Fevereiro-Março de 1958	Egon Renner
Os males do projeto que regulamenta a greve	Abril de 1958	A.J. Renner
Mais uma vez política cambial	Maio-Junho de 1958	A.J. Renner
Problemas do Rio Grande (transportes)	Maio-Junho de 1958	Egon Renner
O problema dos menores	Julho-Agosto de 1958	A.J. Renner
Confronto entre impostos estaduais e municipais	Julho-Agosto de 1958	Egon Renner

Anexo 3: Material publicitário da Renner veiculado na revista *O Cruzeiro* nas décadas de 1950 e 1960

Ano	Edição	Página	Título/Anotação
1940	30	46	Faça calor ou faça frio. Vista Renner. A boa roupa. Linho casimira
1955	2	87	Confiantes e sempre bem... Com roupas RENNER
1955	4	87	Felizes... Impecáveis...com roupas RENNER. (e, para a delicada sensibilidade da mulher basileira...)
1955	8	86	Felizes... Impecáveis...com roupas RENNER.
1955	38	55	Classe... Bom gosto... Com roupas RENNER
1955	41	31	Confiantes e sempre bem... Com roupas RENNER
1955	44	63	Confiantes e sempre bem... Com roupas RENNER
1955	50	79	Confiantes e sempre bem... Com roupas RENNER
1956	2	97	A boa roupa nasce de boas culturas.... O linho brasileiro. Renner, puro linho.
1956	6	109	Empregando processos modernos para o conforto da sua roupa... O bom linho brasileiro. Renner, puro linho.
1956	10	5	Industrializando fibras para sua elegância... O bom linho brasileiro. Renner, puro linho.
1956	13	93	Pequenas coisas que fazem grande uma roupa Renner: Você já olhou a barra das suas calças?
1956	17	113	Pequenas coisas que fazem grande uma roupa Renner: São duas roupas em uma só.
1956	21	81	Você é um homem diferente?
1956	26	65	Pequenas coisas que fazem grande uma roupa Renner: quando um centímetro é muita diferença...
1956	30	69	Pequenas coisas que fazem grande uma roupa Renner: é o próprio tecido que faz o vinco...
1956	34	99	Pequenas coisas que fazem grande uma roupa Renner: Pense nisso! Com seus botões...
1956	39	61	Pequenas coisas que fazem grande uma roupa Renner: Você já olhou para barra de sua calça?
1956	43	41	Pequenas coisas que fazem grande uma roupa Renner: Pense nisso! Com seus botões...
1956	47	57	Pequenas coisas que fazem grande uma roupa Renner: é o próprio tecido que faz o vinco...
1957	15	82	A boa roupa nasce de boas culturas.... O linho brasileiro. Renner, puro linho.
1957	34	61	Ela se orgulha de você... deste bom gosto que é tão seu...
1958	27	64	É aquela, ou é uma nova?
1958	31	88	Que exige o senhor de uma roupa?
1958	36	45	Você responde pelo que vê, a Renner pelo que fez

1958	39	81	Sinta-se firme em qualquer situação.
1958	49	74	Uma roupa diferente empregando seu novo tecido Viscolã.
1959	5	97	Novidade revolucionaria... Roupa Renner Trifibra. Leve, elegante... Sempre limpa!
1959	5	98	Quando o verão é intenso você fica indiferente ao calor com roupas Renner Trifibra...
1959	7	92	Quando o verão é intenso você fica indiferente ao calor com roupas Renner Trifibra...
1959	10	118	Quando o verão é intenso você fica indiferente ao calor com roupas Renner Trifibra...
1960	7	164	A qualidade Renner reconhecida em Londres.
1960	11	64	A qualidade Renner reconhecida em Londres.
1960	15	77	Os milagres de Tereza... Tem qualidade, tem tradição é moderna - dura mais, sempre nova!
1960	18	26	O convite inesperado... Tem qualidade, tem tradição é moderna - dura mais, sempre nova!
1960	22	48	Presente de formatura... Tem qualidade, tem tradição é moderna - dura mais, sempre nova!
1960	26	36	A visita do padrinho... Tem qualidade, tem tradição é moderna - dura mais, sempre nova!
1960	32	98	Um retrato dentro do tempo... Tem qualidade, tem tradição, é moderna - dura mais, sempre nova!
1960	35	43	A história de uma boa roupa... Tem qualidade, tem tradição, é moderna - dura mais, sempre nova!
1961	25	67	Mr. Reginald Armstrong criou a nova coleção LOOK.
1961	31	46	Mr. Reginald Armstrong celebre alfaiate inglês criou com exclusividade para o Brasil...
1961	35	96	O mais famoso alfaiate inglês criou com exclusividade para o Brasil
1961	35	97	Agora o Sr. Pode vestir-se com a distinção de um gentleman, com a Nova Roupa Renner <i>British Look</i>
1962	5	43	A roupa Renner é feita sob medida? Renner, Tergal.
1962	9	82	Como escolher a calça que permanece calça?
1962	11	46	Como escolher a calça que permanece calça?
1962	17	25	Renner veste bem a 50 anos.
1962	32	98	RENNER, elegância e pratica em Tergal.
1962	40	94	É atraente, linha Renner Brasil.
1962	43	58	É atraente, linha Renner Brasil.
1963	5	90	O que há de mais moderno em elegância masculina? Tergal.
1963	33	43	O que há de mais moderno em elegância masculina? Tergal.

1963	51	55	O que há de mais moderno em elegância masculina? Tergal.
1964	2	66	até mesmo numa simples xícara você distingue de imediato a nobreza da porcelana Renner.

TERMO DE RESPONSABILIDADE DE PLÁGIO

Eu, Jéssica Bitencourt Lopes, matrícula nº 19103708 declaro para todos os fins que o texto em forma de (X) Dissertação de mestrado ou () Tese de Doutorado, intitulado **Boletim Renner**: Um periódico das indústrias Renner, Porto Alegre - RS (1949-1958), é resultado da pesquisa realizada e de minha integral autoria. Assumo inteira e total responsabilidade, sujeitando-me às penas do Código Penal (“Art. 184. Violar direitos de autor e os que lhe são conexos”).

Pelotas, 15 de maio de 2021

Jéssica Bitencourt Lopes

ASSINATURA